



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

ELISÂNGELA LIMA

**LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS E FORMAÇÃO DE
VALORES: INFLUÊNCIAS EM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS**

CAMPINAS

2023

ELISÂNGELA LIMA

LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS E FORMAÇÃO DE VALORES:
INFLUÊNCIAS EM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em Educação Escolar, na área de Educação Escolar.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Passos.

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELA ALUNA ELISÂNGELA
LIMA E ORIENTADA PELA PROFESSORA
DRA. ROSEMARY PASSOS.

CAMPINAS

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

L628L Lima, Elisângela, 1977-
Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores : influências em crianças dos anos iniciais / Elisângela Lima. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Rosemary Passos.
Dissertação (mestrado profissional) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Arte de contar histórias. 2. Ensino fundamental. 3. Mediação da leitura. 4. Valores. I. Passos, Rosemary. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Childhood reading and storytelling and formation of values : influences in children in the initial years

Palavras-chave em inglês:

Storytelling project

Elementary school

Reading mediation

Values

Área de concentração: Educação Escolar

Titulação: Mestra em Educação Escolar

Banca examinadora:

Rosemary Passos [Orientador]

Roberta Puccetti Polizio Bueno

Angela Fátima Soligo

Data de defesa: 19-12-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação Escolar

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/000900986254453>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/1486431190009703>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO
LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS E FORMAÇÃO DE VALORES:
INFLUÊNCIAS EM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Rosemary Passos

Profa. Dra. Roberta Puccetti Polizio Bueno

Profa. Dra. Angela Fátima Soligo

A Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2023

Uma Palavra de Gratidão

Ao Deus contador de histórias, que armou sua casa no meio de nós. Deus acompanhante e hospitaleiro, que sempre me deu forças e esperança para continuar lutando e acreditando nos valores mais preciosos e humanizadores da vida.

Às crianças que sempre me acolheram e nunca me deixaram esquecer das histórias que aprendi, que me motivam, a cada dia, a continuar escutando, aprendendo e me embrenhando pelos mistérios da vida sem perder o encantamento e a capacidade de me surpreender.

À professora doutora Rosemary Passos, por sua dedicação e empenho em orientar esta pesquisa com paciência, profundidade, respeito e reverência pelos aprendizados e as surpresas do caminho. A sua coragem e capacidade de acreditar me estimularam a continuar quando as forças escasseavam e as pressões aumentavam. A sua humanidade e senso crítico continuarão a iluminar o meu caminho.

Aos meus pais, contadores de histórias e inspiradores dos valores essenciais que encarno em minha vida. Em especial à minha mãe, guerreira incansável, que mesmo tendo estudado até o 3º ano do Ensino Fundamental sabe o valor do estudo e sempre me incentivou a não abaixar a cabeça diante das dificuldades da vida.

Aos meus irmãos, companheiros das rodas de histórias, das estradas empoeiradas e das mesas hospitaleiras. Cada palavra de apoio e afago carinhoso revigoraram as minhas forças nesses tempos de desafios e sonhos.

Às minhas irmãs Elis Regina e Zazá, preciosas contadoras de histórias que sabem escutar e amar, que assumem o compromisso com a Educação com profundo sentido de justiça, afeto e imaginação. Com gratidão e alegria agradeço à Zazá por ter me ensinado a ler e a amar os livros e ao próximo.

A todas as amigas, presença e presentes neste processo de pesquisa, em especial Bethinha, Ester e Nathálie, que encontraram as palavras e atitudes para me animar, acalmar e inspirar durante essa trajetória.

Aos professores do Município de Louveira, que são fonte de inspiração nesses caminhos de aprendizado e descobertas.

Aos professores entrevistados, que me ofereceram o tempo e a mesa com generosidade e disposição e contribuíram profundamente para esta pesquisa. Um tributo especial a uma professora entrevistada que faleceu durante este processo, a sua história e exemplo ficarão gravadas em nossa memória.

À Professora Patricia Yumi, que sempre se colocou à disposição em me apoiar, as

suas ideias iluminadas foram de grande valor e contribuição.

Às professoras Angela Soligo e Roberta e ao professor Guilherme, que sabem contar e encantar. Pelas suas leituras sensíveis e profundas, pelo perfume de afeto e as sementes de esperança semeadas nos canteiros do meu coração, e por acreditarem em meu trabalho como pesquisadora.

À professora Helridan, contadora de histórias de vida e semeadora de afetos, que me apoiou e me inspirou profundamente nesta trajetória de aprendizado e reflexão.

Às minhas avós, Alice e Virgolina, heroínas dessas narrativas, autoras de tantas histórias que continuam me inspirando e desafiando a lutar contra as injustiças, a acreditar na vida, a não ter medo de abrir as portas e o coração para acolher as pessoas.

Aos colegas de mestrado, pelo companheirismo e trocas generosas que tivemos durante os estudos, tecendo novos conhecimentos e costurando novos vínculos.

Aos professores do mestrado profissional, que contribuíram com a minha formação acadêmica e são exemplo de coragem e compromisso com um saber transformador.

A todos os professores e professoras que tive nessa caminhada, desde a escola primária e secundária em Candiba, minha cidade natal do sertão da Bahia. Os seus ensinamentos e valores gestaram em mim uma cidadã consciente dos meus direitos e deveres e comprometida com a afirmação da dignidade humana.

Aos contadores e contadoras de histórias, adultos e crianças, que conheci em tantos cantos deste mundo, em campos de pessoas refugiadas. Pessoas que me emocionaram e me transformaram ao tecer esperanças com fios de resiliência e ternura e que continuam despertando em mim belezas e sonhos de um mundo mais acolhedor e justo, onde a palavra seja criadora de vida.

RESUMO

A leitura e contação de histórias sempre fizeram parte na minha vida desde a infância. Minhas avós, contadoras de histórias, guardiãs de memórias, criadoras de novos mundos, foram as responsáveis por me introduzir no universo da leitura e contação de histórias repletas de valores sociais, como amizade, solidariedade, coragem e respeito à diversidade. Essas histórias, além de me auxiliarem no aprendizado escolar, foram de fundamental importância para a minha formação, construindo e fortalecendo a minha identidade social. Nesta perspectiva, o presente estudo tem como principal objetivo verificar as práticas de leitura e contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, com o propósito de estimular a percepção crítica e analítica do leitor iniciante acerca dos valores sociais inclusos nos textos de literatura infantil trabalhados em sala de aula. O método utilizado para realização do estudo foi a pesquisa qualitativa de observação participante, aplicada nas oficinas de mediação de leitura e contação de histórias com os alunos dos anos iniciais. Realizamos entrevistas semiestruturadas com professores para identificar quais os estímulos pedagógicos necessários para promover a literatura infantojuvenil, com o propósito de desenvolver o pensamento crítico, o questionamento e a leitura criativa nos estudantes. O referencial teórico para a construção do texto desta dissertação foi fundamentado por autores como Paulo Freire, Walter Benjamin, Bel hooks, Regina Machado, Yves de La Taille, Ezequiel Theodoro da Silva, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, entre outros. Como professora e mulher negra parto do pressuposto de que a leitura, contação de histórias e formação de valores são importantes para o desenvolvimento de crianças leitoras, em uma perspectiva criativa e crítica, capaz de transformar a realidade na qual se inserem. Esta pesquisa me permitiu refletir sobre minha própria prática no chão da escola em busca de me tornar uma professora melhor a cada dia. Este estudo reivindica a importância da escuta da criança, valorização das diferentes linguagens e a criação de uma escola mais humana, com a presença da arte e dos valores e lutas contra o racismo, ou seja, essas histórias não são de vitimização e autocomiseração das pessoas negras, são de inspirações que transmitem afetos e valores, que ainda hoje são fundamentais na formação de sujeitos sociais.

Palavras-chave: Arte de contar histórias; Ensino fundamental; Mediação da leitura; Valores.

ABSTRACT

Reading and storytelling have always been part of my life since childhood. My grandmothers, storytellers, guardians of memories, creators of new worlds, were responsible for introducing me to the world of reading and storytelling, full of social values such as friendship, solidarity, courage and respect for diversity. These stories, as well as helping me learn at school, were of fundamental importance to my education, building and strengthening my social identity. With this in mind, the main objective of this study is to verify reading and storytelling practices in the early years of elementary school, with the aim of stimulating the beginner reader's critical and analytical perception of the social values included in the children's literature texts worked on in the classroom. The method used to carry out the study was qualitative participant observation, applied in reading mediation and storytelling workshops with students in the early years. We conducted semi-structured interviews with teachers to identify the pedagogical stimuli needed to promote children's literature, with the aim of developing critical thinking, questioning and creative reading in students. The theoretical framework for this dissertation was based on authors such as Paulo Freire, Walter Benjamin, bell hooks, Regina Machado, Yves de La Taille, Ezequiel Theodoro da Silva, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, among others. As teacher and a black woman, I start from the assumption that reading, storytelling and the formation of values are important for the development of reading children, from a creative and critical perspective, capable of transforming the reality in which they find themselves. This research has allowed me to reflect on my own practice on the school floor in the quest to become a better teacher every day. This study claims the importance of listening to children, valuing different languages and creating a more humane school, with the presence of art and values and struggles against racism. In other words, these stories are not about the victimization and self-pity of black people, they are inspirations that transmit affections and values, which are still fundamental in the formation of social subjects today.

Keywords: Art of storytelling; Elementary school; Reading mediation; Values.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – A menina e o pássaro encantado.....	67
FIGURA 2 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Malala, a menina que queria ir para a escola	73
FIGURA 3 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Chuva de manga	79
FIGURA 4 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Guilherme Augusto Araújo Fernandes.....	83
FIGURA 5 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Meu crespo é de rainha	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEIL	Centro Educacional Integrado de Louveira
COLLE	Congresso de Leitura do Brasil
DSC	Discurso do Sujeito Coletivo
EMEB	Escola Municipal de Educação Básica
FIES	Fundo de Financiamento Estudantil
GRUPAD	Grupo de Alfabetização em Diálogo
PROEPRE	Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental
PUC	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
SESC	Serviço Social do Comércio
STBI	Seminário Teológico Batista Independente
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
INTRODUÇÃO	31
CAPÍTULO 1 – LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: NUANCES, CONCEITOS E IMPRESSÕES.....	33
1.1 A formação do sujeito leitor na escola	38
1.2 A arte de contar histórias e narrativas orais.....	41
CAPÍTULO 2 – MEDIAÇÃO DE LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FORMAÇÃO DE VALOR(ES).....	48
CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.1. Escolha do método	58
3.2 Instrumentos de coleta de dados	60
3.3 Contação de histórias e mediação.....	60
3.3.1 Oficinas de Contação de História.....	61
CAPÍTULO 4 – ENCONTROS E ESCUTAS DAS PROFESSORAS E PROFESSORES ENTREVISTADOS.....	88
4.1 As entrevistas	89
CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	99
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS	115

APRESENTAÇÃO

Sou Elisângela Lima. As crianças me chamam de “Prô”, as colegas e os colegas me chamam de “Elisângela”, alguns de “Elis”; sou uma pessoa que se encanta facilmente com as descobertas e as falas das crianças.

Na minha trajetória como professora busco aperfeiçoar meus conhecimentos por meio de cursos, trocas com colegas e leituras de livros com abordagem na Educação Infantil, leitura e contação de histórias; as crianças me ensinam muito e estou em constante aprendizado e desconstrução de preconceitos.

Penso que o conhecimento se constrói a cada dia, junto com as crianças.

Acredito na importância de contar histórias e de levar as crianças à biblioteca, para que conheçam o espaço de leitura, para que eu possa ler e apresentar livros de qualidade.

É imprescindível cuidar e formar crianças leitoras para que aprendam e se reconheçam no contexto da literatura infantil e garantam o direito de acesso aos livros e, assim, possam constituir-se como indivíduos sociais cientes dos seus direitos, deveres e, principalmente, identifiquem os valores presentes em cada história contada.

Na minha concepção, educar não é apenas transmitir conhecimentos, mas é plantar sonhos nos corações das crianças, educá-las para a vida.

O educador vive a dialética maravilhosa do ensino e do aprendizado. Ensina e aprende. Ensina, aprende e pensa. Ensina, aprende, pensa e descobre. Ensina, aprende, pensa, descobre e admira através dos olhos das crianças e, assim, reinventa o saber...

A infância na roça: a essência do contar histórias

Nasci em uma “casa de roça”, lugar povoado de histórias, emoções, lutas, esperanças, dores e fantasias. As noites eram iluminadas pela luz de uma lamparina de querosene, embaladas pelo ritmo da voz da minha avó, que lia e contava histórias cheias de fantasmas e encharcadas de fé. Assim, desde cedo minha imaginação foi aguçada por essas presenças de afeto e crenças, que abriam as janelas da minha alma e me faziam voar por diferentes geografias, contextos, textos e espaços poéticos.

Lugares simples e misteriosos cercados pela magia “de uma casa detrás do mundo aonde eu ia em um segundo quando começava a pensar...” (Veloso, 1974), pedaço de terra chamado “Mulungu”, um pequeno sítio situado na cidade de Candiba, no interior da Bahia, que marcou a minha infância e onde estão entesouradas as minhas memórias mais belas, profundas,

dolorosas... Sertão de luar prateado, de tesouros ocultos, roças castigadas pelas secas, danças nas chuvas e distâncias quase eternas do mar e das tardes de Itapuã. A cidade mais próxima era Candiba, situada no sudoeste da Bahia, atrás de montanhas violetas, onde a lua continua sendo espelho revelador das nossas sombras e luzes. Mulungu parece continuar distante, “lá no fim do mundo”, como diz a canção, mas até hoje se aconchega em meu coração, próximo e presente.

A nossa casa não era grande, mas aos olhos de criança era imensa, um verdadeiro labirinto no qual nos perdíamos e achávamos. Sempre havia um lugar na minha casa para acolher um viajante cansado, amigos e familiares. Em um dos muitos quartos, tínhamos o costume de armazenar feijão, milho e algodão das colheitas; era também um dos locais em que brincávamos de caça ao tesouro. Os outros quartos e cantos sempre se transformavam em lugares de descanso e de partilha, acolhida e hospitalidade em todos os momentos e sem hora marcada. É certo que, algumas vezes, não entendíamos por que precisávamos deixar nossas camas no meio da noite para acomodar alguma visita que chegava de surpresa ou, pela tardança da prosa, preferia “pousar em nossa casa”. Hoje, sei que esses pequenos gestos eram sementes de solidariedade e ternura plantadas no terreno de nossos corações.

A hospitalidade era parte natural da nossa vida e tinha cheiro de café fresco e bolo frito: o encantamento do polvilho sendo misturado com os ovos, transformando-se em afetos através das mãos hábeis e calejadas de minha mãe, Maria Rosa de Jesus, mulher de força e ternura eternas. Eu e meus irmãos ficávamos à beira do fogão ansiosos para saborear o primeiro bolo, mas se houvesse visitas em casa a primeira bandeja era servida para elas, o que a princípio me frustrava. Logo, porém, isso se transformou em aprendizado, e passei a apreciar a atitude da minha mãe, que me inspirou a cultivar a generosidade e a desenvolver solidariedade e empatia com as pessoas. Mulher de valores profundos e cozinheira de mão cheia, algumas receitas de minha mãe são inesquecíveis – como a farofa de galinha caipira, a pamonha, o doce de coco, entre outras iguarias. Os ingredientes dessas comidas faziam parte de toda uma aventura e busca. Não se encontravam no mercado ao lado, eram fruto de correrias no quintal e de um embrenhar no mato atrás de ovos e galinhas, da colheita do milho e do feijão, do cheiro do coentro e da cebolinha e da generosidade das verduras das hortas e das frutas de estação do pomar do nosso avô, “Chico Lima”.

Os momentos das refeições eram cheios de histórias e conversas intermináveis que nos mantinham fascinados diante do encantamento ritmado pela voz do meu pai, conhecido como “Dedé Lima”. Ele sempre voltava da cidade com uma novidade, e tudo era contado com detalhes e magia, atraindo crianças e adultos que, maravilhados, saboreavam cada palavra, assim como a deliciosa comida da minha mãe. Os meus pais sempre falavam da minha falecida

avó paterna e comentavam sobre o seu dom de contadora de histórias, do seu exemplo e a sua trajetória de coragem, por ser uma mulher sempre à frente do seu tempo, lutadora e digna. A minha avó não se casou, optou por ficar solteira, mesmo tendo muitos pretendentes. Ela adotou três crianças (duas meninas e dois meninos, sendo um deles meu pai). Não chegou a ir à escola, mas aprendeu a ler e escrever, recitava poemas, falava de filosofia e direitos da mulher com muita maestria; nunca deixava de votar na época das eleições, entendia de política e contribuiu para a construção de escolas, onde meninas e meninos podiam estudar juntos.

O dia na casa da roça começava bem cedo, um galo anunciava o horário de saltar da cama. Meu pai nos despertava para ajudá-lo na ordenha das vacas. Pelo madrugada da atividade, muitas vezes eu não queria ir. Os meus olhos relutavam em se abrir, mas sempre eram surpreendidos com a beleza do amanhecer, com o seu colorido alaranjado, e os meus ouvidos despertados com o ruído de muitas crianças de famílias amigas e vizinhas, com as quais meu pai compartilhava um pouco do leite em uma garrafa improvisada ou numa leiteira de alumínio que brilhava à luz dos primeiros raios da manhã. Nossos corações se enchiam de satisfação por participar desse momento, ficávamos contentes ao ver a habilidade do nosso pai no cuidado com os animais e, principalmente, por sua generosidade; era um orgulho para nós. A generosidade era um ato de reciprocidade: era um ir e vir de cereais, verduras, frutas, ovos, galinhas-caipira... Tudo acontecia de forma espontânea e simples, nada era entendido como oferta humilhante ou constrangedora, mas, sim, como parte natural da convivência e dos relacionamentos, onde o pouco que se tinha era compartilhado com alegria e dignidade.

Nem sempre a colheita era farta. Tínhamos longos períodos de secas e dias difíceis, em que a lavoura não produzia, e meus pais, incansáveis guerreiros do sertão, não desistiam de continuar cultivando a terra. Assim, eles nos ensinavam a não abandonar nossos sonhos, por mais difíceis e distantes que pudessem parecer, e a semear esperança por mais árida e seca que fosse a terra.

Éramos uma família grande: oito filhos, cinco meninos e três meninas, incluindo as nossas avós que, em distintos momentos, moraram conosco. Eu e meus irmãos sempre fomos aventureiros e unidos, vez por outra briguentos. Vivíamos inventando brincadeiras, nos arriscando subindo nas árvores, colhendo frutas, correndo pelos campos, até sermos vencidos pelo cansaço, que nos obrigava a deitar no chão para olhar as nuvens com seus desenhos de algodão brilhantes tentando identificar as figuras que se formavam no céu. Quando a fome apertava sabíamos onde encontrar mangas, laranjas, tangerinas e goiabas; na ausência dessas frutas, colhíamos outras mais típicas do Nordeste, resilientes e resistentes às intempéries do sertão, como umbus, mangabas, cajás e jabuticabas, que nunca nos faltavam.

A chuva era rara e chegava com o cheiro e o gosto de um milagre, convite a uma dança desajeitada de pés descalços cheios do barro da terra vermelha. Muitas vezes, o preço dessa aventura era alto: um castigo ou até mesmo uma “surra” dos nossos pais, que sempre nos avisavam dos riscos da brincadeira. Sandálias e roupas eram levadas pelas enxurradas, o que provocava o furor do nosso pai. A imaginação não tinha fim, e “zanzava” desde os desenhos no barro ao desfile de bonecas de espiga de milho, vestidas de folhas e adornadas por laços de retalhos reciclados das costuras de minha mãe. As brincadeiras e jogos favoritos aconteciam debaixo do pé de juazeiro, onde, junto com os nossos primos, construíamos nossas “casinhas” e preparávamos “receitas” com frutas cortadas. Tínhamos até o cuidado de decorar o espaço com pedras, pedaços de telhas e tijolos. Em uma mesinha, um vidro de alfazema vazio se transformava em um vaso de flores decorado com alguma rosa ou jasmim que exalava sua fragrância e murchava rápido, devido ao calor da região. Esse mundo do faz de conta e de invenções, criado a partir do que aquele ambiente nos ofertava, marcou-me profundamente e forjou em mim o respeito pelas pessoas, o valor de cada ser humano, o amor pela natureza, o apreço pelas coisas simples, a valorização da criatividade e um amor pela liberdade que aqueles espaços nos proporcionavam. A poesia daquelas geografias, as músicas daqueles chãos, as cantigas de roda, as anedotas, o ato de recitar versos ao redor do fogo, os jogos de adivinhação também nutriam o nosso repertório de invenções, linguagens e socializações marcadas por emoções, descobertas, interrogações e entendimentos do “bem e do mal”. Essa poética, esses encontros foram aguçando os meus sentidos e minha sensibilidade, condimentados tanto pelos sabores quanto pelas dores da infância, dos joelhos feridos pelas quedas das árvores, do mistério e milagre das flores, bem como dos frutos, do profundo desejo de aprender a ler, escrever e criar novos mundos e transformar realidades difíceis ou impossíveis em lugares de hospitalidades e de acolhida.

A mistura do belo, da alegria, da dor e as contradições, desafios e paradoxos da vida nos atingiu desde a infância, seja através das aventuras de subir nas árvores e inventar voos arriscados que geravam joelhos feridos e pernas arranhadas pelas quedas, seja pelo desejo de aprender a ler e a escrever em um contexto onde a escola era distante, os recursos escassos e os desafios da seca e perda da colheita ameaçadores. A riqueza das nossas aventuras, a beleza e generosidade da natureza não impediam as nossas angústias, nem a tomada de consciência das injustiças que permeavam as nossas realidades. O belo, o justo, o ético permeavam as nossas brincadeiras e aventuras e alinhavavam as histórias e narrativas que nos eram contadas.

Nesse contexto, vale lembrar que Souza (2012) evoca a força do diálogo entre Benjamin, Bakhtin e Vygotsky e a preocupação que eles demonstravam em construir uma nova

ética e estética que articulavam a justiça e o belo e humanizavam a vida, recusando falsos valores que sustentavam a opressão e a dominação, gestando relações mais igualitárias e formas de conectar o conhecimento com a verdade. Souza sinaliza que nesse contexto a verdade não é estática, mas uma construção que se faz nas relações sociais e na crítica das injustiças e opressões, onde a linguagem e o brincar revelam desejos de liberdade e, por meio delas, a criança está sempre disposta a criar sentidos, transformar realidades, inventar novos mundos e a enriquecer a humanidade.

Anos escolares: convivendo com diferenças estruturais

A Escola de Roça, onde estudei os primeiros anos, marcou a minha vida pela espontaneidade e sentido de inclusão. Mais tarde, quando já estudava na escola da cidade, foi impossível não comparar os brinquedos sofisticados de algumas amigas com os meus brinquedos e, mais do que os objetos, comecei a ver a diferença na compreensão do brincar, muitas vezes subestimavam o meu jeito de ser e de atuar. Todavia, desfrutava daquela diversidade com espontaneidade e ingenuidade que me protegiam das comparações e atitudes que só fui compreender tempos depois. Na graduação, me deparei com o pensamento de Norbert Elias, cuja clareza me ajudou a elaborar ainda melhor essa experiência escolar.

Essas relações – por exemplo, entre pai, mãe, filho e irmãos numa família – por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia antes dela. São diferentes em sociedades com estruturas diferentes. Por essa razão, as peculiaridades constitucionais com que um ser humano vem ao mundo têm uma importância muito diferente para as relações do indivíduo nas diferentes sociedades, bem como nas diferentes épocas históricas de uma mesma sociedade [...] (Elias, 1994, p. 28).

Sendo assim, considerando as diferenças estruturais e subjetivas entre a forma de se viver no sítio e na cidade, percebo que a minha adaptação nesse momento ocorreu aos poucos. A escola sempre foi um lugar amado, marcado por encontros, desafios e aprendizagens profundas. No primeiro ano, quando estudei na escola da roça, onde havia outras casas ao redor e uma vizinhança mais próxima, tive experiências de encontro com outras crianças mediadas pela presença da natureza, no esforço das longas caminhadas para chegar até a escola. Cada dia era marcado por mais de quatro quilômetros de ida e volta, nos quais os pés empoeirados eram testemunhas dos desafios e da imensa vontade de aprender. O trajeto era decorado de árvores e pássaros, mas, dependendo da época, tudo ficava seco e sem muita vida. Os nossos olhos não cansavam de se surpreender com as cores e ruídos diferentes de borboletas coloridas, cantos de

pássaros, imagens de animais assustados e desconfiados cruzando o caminho, bem como misteriosas pegadas de animais na terra que nos amedrontavam, pois imaginávamos se tratar de algum animal feroz e ameaçador.

Antes de chegar à escola, passávamos na casa de uma senhora que, por coincidência, se chamava Benvinda. Ela sempre nos recebia com uma xícara de café, um pedaço de bolo e nos convidava a lavar os pés empoeirados antes de entrarmos na sala de aula. Hoje, sinto o quanto essa atitude de generosidade e hospitalidade foi marcante para mim.

Eu era tímida e demorei um tempo para me sentir à vontade nas turmas, onde crianças de várias idades e séries se misturavam. A professora era conhecida da minha família, frequentava a minha casa e os seus pais eram amigos dos meus. Ela era muito amável e tentava fazer o melhor que podia no contexto de um ensino tradicional. Pelo fato de ensinar alunos de séries e idades diferentes, ela não podia se dedicar a cada um de acordo com a necessidade ou sequer trazer alguma “metodologia inovadora” para o nosso processo de aprendizagem. Assim, eu me transformei em uma aluna copista, reproduzindo apenas o que a professora “ensinava”.

Recordo que ela escrevia na lousa as famílias silábicas, e eu me esforçava para compreender, porém apenas copiava as letras do meu nome, que havia decorado, e os textos escritos pela professora. A minha irmã mais velha percebeu que eu ainda não sabia escrever e começou a me ensinar as letras. Ela me ajudou a tomar gosto pela leitura e, desde então, fui envolvida pelo mistério de juntar símbolos, criar e decodificar histórias. Aquele momento de aprendizado foi mágico, porque eu me transportava para um mundo de fantasia. Amava ouvir os contos de fadas, as aventuras de heroínas fortes, e me imaginava como se fosse cada uma delas. Tais influências criaram em mim força e resiliência. Queria enfrentar meus problemas com bravura, assim como as personagens dos livros que lia ou ouvia, através das histórias contadas pela professora e pela minha família.

Ao terminar o primeiro ano, meus pais me matricularam na escola da cidade, a oito quilômetros de distância. Era hora de enfrentar outra realidade, de descobrir novos cenários. Saí da roça e fui morar na casa da minha avó materna. Agora, não estava mais no universo conhecido e protegido, tratava-se de outra etapa da minha vida escolar, com novos desafios e descobertas... não foi nada fácil.

A figura marcante da minha avó, Virgolina, conhecida carinhosamente como “Gô”, teve um impacto significativo em minha vida. Ela era uma excelente contadora de histórias, que trazia no coração um misto de ingenuidade e dor, marcas de uma trajetória sofrida. Uma das causas de suas dores e lamentos era o fato de não ter aprendido a ler; acreditava que parte dos sofrimentos pelos quais passou era fruto da falta de oportunidades para estudar. Ela amava

o rádio e encontrava nele o que não podia obter com as leituras, dizia que os seus ouvidos, sim, sabiam ler. Minha irmã mais velha, que já morava na cidade e também enfrentou duras batalhas para desbravar caminhos e se ambientar no contexto urbano, me ajudava com as lições de casa e buscava formas de tornar a minha mudança da escola da roça para a cidade menos traumática e mais prazerosa, cozinhando bolinhos de chuva e fazendo doces de frutas nas tardes nostálgicas.

A fase de transição da escola da roça para a cidade foi marcada pela saudade de casa e pela expectativa de criar vínculos de amizades profundos, realizar os sonhos da menina que queria criar asas, aprender, fazer diferença em um mundo que se apresentava cheio de preconceitos e injustiças sociais. Perdi a conta de quantas vezes chorei no meio da noite e rezei para que o final de semana chegasse logo, assim eu poderia retornar à casa da roça, abraçar meus pais e correr livre pelos campos.

Asaad; Lima e Karray expressa bem esse sentimento no livro *Contes et rencontres: tissage d'espoir* (2012, p. 4-5).

Minha avó, que morava conosco naquela época, compreendia a minha angústia de criança que iria se distanciar de casa e tentava dissipar meu medo. À noite ela se sentava ao meu lado e com os olhos cheios de ternura e uma voz doce começava: “Era uma vez em um país distante...” Essa fórmula me transportava para um mundo onde a distância e o tempo não contavam. Minhas angústias encontravam as das personagens da história e se tornavam mais leves. Com os seus contos a minha avó tecia laços que me uniam à casa que eu deixava e me dava forças para afrontar a solidão e a distância.

Hoje, tenho clareza que vários dilemas enfrentados por minha família eram reflexos desse mundo envolto por dificuldades, mas que eu idealizava como um mundo quase perfeito.

A realidade da vida dos meus pais não era fácil, no entanto eu tentava não prestar atenção nas brigas do meio da noite, nas discussões sobre o preço dos alimentos e na frustração com a venda dos produtos dos campos. Fazia promessas silenciosas de que, um dia, isso iria mudar, desejando campos generosos e férteis para nos salvar das injustiças.

A experiência teve suas belezas também, me presenteando com amizades preciosas e sinceras que continuam até hoje. Levou-me à descoberta maravilhosa da biblioteca cheia de livros e quadros, permitiu que eu me envolvesse com atividades teatrais e recitação de poesias. Em algumas circunstâncias senti o olhar diferente e preconceituoso de algumas pessoas, escutei comentários racistas que me feriram e me fizeram chorar secretamente, lidei com as emoções confusas e com a dificuldade de articular o nome daquela dor que me sufocava.

Certa vez, ouvi uma senhora, avó de uma amiga, dizer que sua neta era generosa por brincar com uma “negrinha de cabelo duro”; outros comentários infelizes ainda ressoam

em minha memória, como: “ela é pretinha, mas educada”. Comentários aparentemente ingênuos, embora igualmente carregados de um olhar de superioridade e menosprezo, os quais, só mais tarde, eu identificaria como um olhar racista. Conforme Djamila Ribeiro (2019, p. 17), “[...] sem dúvida todos os racismos são abomináveis e cada um faz as suas vítimas do seu modo”.

A minha experiência de fé me convidava a perdoar, mas, ao mesmo tempo, me impulsionava a lutar contra as injustiças. Na verdade, eu não entendia bem como lidar com essas situações e procurava me fortalecer em meio à dor. Enfrentar tantas lutas era complicado, contudo, como minha avó bem dizia, a melhor forma de lutar contra aquela realidade era aprendendo mais, estudando mais.

Com relação ao aprendizado na escola, um dos dilemas mais fortes que enfrentei naquela época foi a memorização da tabuada de matemática, exigida pela professora do quinto ano. Para mim, aquilo era um sofrimento, tanto que, até hoje, não aprecio e tenho resistência a números e contas. Ao contrário da matemática, tomei ainda mais gosto pela leitura. Era uma forma de viajar no mundo da imaginação. Sempre me senti atraída e fascinada por histórias, contos, e pelas diversas formas de reinventar o saber, reinterpretar os textos, decodificar os símbolos, descobrir o mundo, criar realidades.

Durante esse período, em paralelo à vida escolar, as brincadeiras continuaram, agora com novas amigas que vieram para ampliar nossa roda. Assim, nas ruas quase desertas, por onde passavam poucos carros, brincávamos até altas horas da noite de esconde-esconde, caminhando para a adolescência, escrevíamos peças de teatros nas quais éramos as autoras – personagens e protagonistas das nossas próprias narrativas – quase sem perceber que todas essas vivências foram importantes para a minha formação como pessoa que, hoje, interage na sociedade.

Vygotsky (1998) destacou a importância das interações sociais para a formação e desenvolvimento dos indivíduos; sendo assim, durante a minha infância e adolescência, aprendi muito com as experiências e interações com meus amigos e amigas, por meio da troca mútua de conhecimentos e saberes que ajudaram na formação do ser humano que sou hoje.

O meu lugar no mundo: a formação de uma Educadora

Descobri meu lugar como educadora no último ano da escola. Os encontros, processos e trocas me inspiraram a desfrutar o único curso oferecido em nossa cidade: o magistério. No ano de 1994, aquilo que era a única opção se tornou a escolha do meu coração.

Queria ser professora, achava lindo o ofício, ter a oportunidade de ensinar e ser sempre aprendiz. Meus professores(as) me influenciaram através de seus esforços e dedicação; todos(as) colaboraram para que eu me tornasse uma pessoa mais crítica e questionadora da realidade, sem deixar de acreditar que ainda existe beleza na humanidade.

Mesmo sabendo da desvalorização da profissão de professor e das injustiças salariais, eu reconhecia o valor de contribuir para a aprendizagem das crianças e para a formação de um mundo mais inclusivo e digno. Naquele período, gostava de recitar poesias e participar de obras teatrais. Escrevi junto com uma amiga um jogral, com rimas, reflexões e um convite a outros colegas para o engajamento na busca por justiça e relações mais igualitárias.

Em 1996, terminei o magistério e comecei a lecionar as disciplinas de Filosofia e Psicologia na mesma escola em que me formei. Gostava dos conteúdos de Filosofia. Discutia com meus alunos a maiêutica¹ de Sócrates, explicando sobre como o seu método ajudava as pessoas a “parir” suas ideias. Dessa forma, eu os estimulava a se reconhecerem como sujeitos do próprio processo de aprendizagem desenvolvendo debates e trabalhos em grupo, o que permitia a produção de conhecimento entre eles, através das interações e discussões dos conteúdos propostos.

As aulas de Psicologia eram bem profundas, seu assunto principal era sobre o comportamento humano. Nesse momento, as discussões em grupo com os estudantes permitiam que eles refletissem sobre o conteúdo proposto. De forma crítica, o pensamento de um complementava o pensamento do outro por meio do diálogo acerca dos desafios e das questões levantadas, tornando o aprendizado mútuo. Essa experiência fez com que eu também refletisse sobre a minha prática e buscasse aperfeiçoar os meus conhecimentos na área da educação.

Prado; Morais e Araújo (2012) analisam a necessidade de uma formação continuada que potencialize as práticas docentes, de forma que o professor possa registrá-las por meio de narrativas e refletir sobre elas. De acordo com os autores:

Historicamente, a formação de professores/as tem acontecido, fundamentalmente, nos espaços formais: tanto a inicial, vista como tarefa da universidade e das escolas de formação do ensino médio. Tanto o modelo de formação continuada quanto o de formação inicial têm recebido tradicionalmente inúmeras críticas por parecer não conseguir dar conta dos complexos desafios que se colocam para o magistério. Ambos têm sido acusados de assumirem um modelo de racionalidade técnica, e de não permitirem, com isso, a construção de práticas formativas potencializadoras do resgate de

¹ Segundo Abbagnano (2007, p. 648), em Teeteto de Platão, Sócrates compara seus ensinamentos a essa arte, porquanto consiste em dar à luz conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos: “Tenho isso em comum com as parteiras: Sou estéril de sabedoria; e aquilo que há anos censura em mim, que interrogo os outros, mas nunca respondo por mim porque não tenho pensamentos sábios a expor, é censura justa”.

memórias, histórias e narrativas das professoras em formação (Prado; Moraes; Araújo, 2012, p. 58-59).

Partindo dessa premissa, dediquei maior empenho na realização de alguns cursos, para implementar a minha formação profissional. No ano de 2000, fui morar em Campinas, SP, para cursar Teologia no Seminário Teológico Batista Independente (STBI). O interesse em estudar a Bíblia com mais profundidade passava também por encontrar um sentido mais humanizado do Livro Sagrado, considerando os contextos de desigualdade social, pois a fé sempre esteve presente na minha vida. Do mesmo modo, sempre existiu a vontade, que conservo até hoje, de servir e apoiar pessoas em situação de vulnerabilidade, por meio de projetos sociais que atendam crianças e adolescentes com dificuldades financeiras e de acesso a uma educação de qualidade.

Entre na universidade no ano de 2001, no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Foi uma etapa de aprendizado e constante transformação. Para conseguir estudar em uma universidade particular recorri ao Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e, com esforço, consegui quitar o empréstimo.

Durante o período da faculdade, várias disciplinas me prepararam para exercer a profissão de professora, principalmente a de Metodologia. Além das aulas e dos estudos, o relacionamento com os/as colegas professores/as de curso foram fundamentais para a minha formação. Nossos encontros me proporcionaram grandes reflexões e discussões embasadas nos textos de autores e autoras como Paulo Freire, Rubem Alves, Emília Ferreira e Telma Weisz, os quais contribuíram para que eu desenvolvesse um olhar mais crítico e esperançoso sobre os caminhos e descaminhos da Educação.

Realizei estágios em algumas escolas de Campinas e adquiri experiências profundas e desafiadoras no convívio das crianças, que me possibilitaram ver e rever minha prática educativa a partir das diferentes realidades e contextos apresentados.

O desejo de continuar aprendendo um pouco mais sobre as dinâmicas que envolvem os processos de ensino e aprendizagem me fizeram seguir com a formação profissional através de vários cursos na área de educação. Os estudos me auxiliaram a responder melhor aos desafios da minha profissão e a contribuir para a formação de cidadãos mais críticos à sua realidade, levando-os a se reconhecer no processo de aprendizagem e transformação de suas vidas. Creio que naquele momento eu não tinha consciência da riqueza que o curso de Magistério me proporcionou. Do chão e da poeira dos caminhos trilhados anteriormente, da voz de adolescentes lutadores que desafiavam as próprias circunstâncias e acolhiam com esperança as oportunidades de aprender. O Magistério me transformou em uma educadora que compartilha

histórias e narrativas com as crianças, que aprende enquanto ensina e ensina enquanto aprende. Fui uma adolescente questionadora e comprometida com as lutas sociais, sempre preocupada com os assuntos relacionados à sociedade, como, por exemplo, a luta pela igualdade.

Em 2005, assinei um contrato de um ano de trabalho em uma escola municipal de Louveira para lecionar no 3º ano do Ensino Fundamental. Foi um período desafiador, com lutas pessoais e profissionais, na busca de caminhos coerentes entre o sonho de ser uma professora concursada e a tarefa de responder a uma agenda escolar; amadurecer e afinar os ouvidos para uma escuta mais profunda. Busquei estudar, me preparar, “plantar Jequitibás”², suportar a morte de sementes que não germinaram, cultivar canteiros muitas vezes regados com lágrimas e permitir que o educando fosse protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem por meio da escuta sensível, dos valores que são criados na relação com o outro...

Uma das grandes batalhas da escola é a burocracia, que muitas vezes sufoca o educador. O salário injusto, as demandas do cotidiano, o conteudismo e as agendas relacionadas às burocracias da escola, que acabam nos enfraquecendo. Embora tudo isso esteja presente, é impossível não ficar maravilhado e celebrar as pequenas mudanças, os sinais discretos, mas significativos, com que o aprendizado e o desenvolvimento das crianças nos presenteiam. Ser educadora é sentir dor e contentamento a cada etapa, é ser surpreendida na beleza dos encontros e na desconstrução de saberes cristalizados e pretensiosos e inaugurar espaços para a escuta e o diálogo, que abrem os nossos olhos para novas construções de conhecimento, da beleza, da hospitalidade, da amizade e do respeito mútuo.

Em 2005, dando continuidade à minha formação, cursei o Programa de Educação Infantil e Ensino Fundamental (PROEPRE), oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Como o curso era aos sábados de manhã, eu acordava com uma mistura de cansaço e entusiasmo, pois era dia de aula na Unicamp, momento de trocar experiências com professores e colegas a respeito da nossa prática, dia de estudar as teorias que eram a base do curso, sendo a principal delas a de Jean Piaget.

Aprendemos, por meio de jogos matemáticos, a melhor forma de compartilhar com as crianças experiências concretas e significativas. As atividades lúdicas me ajudaram a superar “traumas da infância” causados pela matemática e a redescobrir um jeito mais terno e criativo de contar os números como quem conta histórias.

Fiquei empolgada com a perspectiva de transformar a minha sala de aula em um

² Referência à expressão “plantar Jequitibás” utilizada na obra de Alves (1980).

espaço mais amigável e acolhedor. Entre as coisas que me incomodavam estava a disposição das carteiras enfileiradas, os alunos de costas um para o outro sem trocarem um olhar. O simples fato de organizar as carteiras em círculo apresentou-se uma nova possibilidade de interação, porquanto, dessa forma, os educandos puderam visualizar totalmente o ambiente de sala de aula, enxergar a professora e os colegas, trocar mais experiências, o que para mim já representava uma grande inovação. Assim, as crianças criavam vínculos diferentes entre si, adquiriram mais autonomia para realizar as atividades propostas e combinar as regras de convivência da sala através de rodas de conversa.

Eu celebrava os momentos de leitura, saboreando memórias preciosas da minha infância. Na sala de aula, havia uma caixa com livros para que os alunos escolhessem aqueles que gostariam de ler. Liam primeiro entre si, para em seguida discutirmos os conteúdos e comentarmos as histórias. Além de contos e fábulas, incluímos outras leituras, como poesias, parlendas, cordéis e cantigas de roda. Através de cada uma delas as crianças brincavam inventando novas palavras e criando linguagens e narrativas.

Os encontros de leitura eram oportunidades de gerar nas e nos estudantes o gosto por diferentes estilos literários. Era uma descoberta recíproca, ficávamos surpresos com a capacidade de transformação exercida pela arte e pela palavra. Nesse período, uma das minhas alunas participou de um concurso de redação e ficou em oitavo lugar com seu texto “O planeta do mistério”. Fiquei emocionada e agradecida por ser uma das personagens do seu relato. Assim, o texto dialogava com o contexto e os alunos se desenvolviam na construção de diferentes mundos e realidades por meio da imaginação.

O mistério da leitura, a criatividade dos alunos e a convivência com as crianças pequenas da minha família foram fatores que provocaram em mim a vontade de trabalhar com turmas da educação infantil na faixa etária de quatro e cinco anos. Ao longo desses anos, eu me surpreendi com a espontaneidade, ousadia e capacidade de imaginação das crianças, que ouvem, reinventam e ressignificam as histórias. Na minha trajetória como professora, sempre busquei também trabalhar em equipe, pois acredito que esse trabalho contribui para o fortalecimento do processo de ensino-aprendizagem.

Mestrado Profissional em Educação Escolar: processos de formação e transformação

Em 2020, iniciei meus estudos no Mestrado Profissional em Educação Escolar da Unicamp cursando duas disciplinas: Cultura e Produção de Conhecimentos Históricos Educacionais e Formação Docente e Metodologia do Trabalho Científico.

Na disciplina Cultura e Produção de Conhecimentos Históricos Educacionais e Formação Docente, conheci o autor Walter Benjamin e algumas de suas obras. Em seu texto “O Narrador”, Benjamin (1987) me atraiu por sua forma de dissertar sobre a arte de narrar, mostrando a importância da experiência e de como as narrativas se exprimem no coletivo. O autor afirma que as experiências vividas pelo ser humano são transmitidas dos mais velhos para os mais novos por meio da contação de histórias. Eu me surpreendi quando Benjamin explica que a escrita não acontece apenas no presente, mas é fruto de narrativas advindas de experiências vividas pelos sujeitos históricos que somos.

Nesse mesmo ano, tive a oportunidade de viajar para alguns países da África e desenvolver oficinas de contação de histórias, recortes e colagem. Foi um tempo muito significativo para mim e fundamental para a minha constituição subjetiva e profissional. Eu me tornei mais aberta a outras culturas, menos centrada em mim mesma e com um olhar mais amplo e sensível. Através do contato com a leitura dos textos de Benjamin, descobri a existência das “memórias involuntárias”, o que me ajudou a sair de uma concepção linear do tempo e a valorizar a riqueza das distintas narrativas, culturas e linguagens.

Para a conclusão dessa disciplina, optei por escrever uma narrativa sobre a minha infância, inspirada no texto de Benjamin (1987) intitulado “Infância em Berlim por volta de 1900”. Foi uma experiência enriquecedora, que serviu não só para reviver minha trajetória até aqui, mas também para seguir dando sentido à minha experiência enquanto sujeito que se descobre em ação e reflexão, motivada a me inscrever em outros discursos e narrativas libertadoras. Ao rememorar a minha infância, comemoro o fato de trazer comigo a marca dos contos de minha avó, pais e tios, que sempre me incentivaram a gostar da leitura e a entender o valor da palavra, assim como desenvolver a capacidade de saber quem seu sou, de me reconhecer e entender como poderei me tornar uma pessoa melhor a cada dia.

Desmistificar o “jeito correto” de se expressar e acolher o valor da literatura de cordel, das cantigas de roda, do “jogar versos”, dos contos populares, entre outros, me tornaram mais consciente do quanto é importante valorizar as diversas formas de expressão. Hoje, entendo que registrar minhas memórias foi mais do que um trabalho final de disciplina. Foi um ato de reconstrução e de gratidão, ao perceber de forma mais profunda que a oralidade presente nas histórias de meus familiares foi determinante para a construção da minha identidade. A experiência de colocar memórias em palavras me fez olhar com mais confiança e coragem para o futuro e para o passado, bem como compreender algumas dificuldades que encontrei no exercício da minha profissão, tal qual a necessidade de formação permanente para aperfeiçoar meus conhecimentos.

A disciplina Metodologia do Trabalho Científico abordou de forma clara e precisa os assuntos referentes à escrita da dissertação segundo as normas da ABNT, esclarecendo também as dúvidas sobre a elaboração e desenvolvimento dos projetos. Ministrada por três professores, essa disciplina contribuiu de forma enriquecedora para a minha pesquisa, assim como as discussões com os colegas, que me auxiliaram nas questões apresentadas no meu projeto de mestrado. Nesse processo formador e transformador, hoje, nos vemos como educadores, em meio ao grande desafio de reinventar a nossa prática pedagógica, de imaginar nossa forma de ensinar face a uma pandemia.

O contar histórias na Pandemia: o novo (a)normal?

A COVID-19 entrou para a nossa história, perturbou os nossos planos e nos obrigou a acolher e encarar o tempo presente, como um “presente” em forma de uma nova oportunidade que nos foi concedida para fazermos mais e melhor. O dia 16 de março de 2020, decididamente, não foi um dia como outro qualquer. O mundo mudou, nós mudamos, tudo mudou. As aulas foram suspensas, as discussões se intensificaram, as discordâncias surgiram e nós, como professores, enfrentamos o desafio de criar um espaço não apenas para transmitir um conteúdo e cumprir um programa, já que era preciso acolher as famílias e crianças de um outro jeito, de uma outra forma de estar na escola.

Contar histórias olhando para uma câmera, imaginando o rosto de cada criança e as suas expressões não é fácil. Confesso que, muitas vezes, minha voz embargada e trêmula refletiu a dor que enchia o meu coração. Nesta época em que o uso da internet se tornou incontornável enquanto recurso mediador do encontro, não pude deixar de pensar naqueles que não têm essa opção e se veem ainda mais excluídos da comunicação e das possibilidades de acesso à informação. Tive que reinventar minha forma de ensinar, de acolher as mudanças e demandas desse novo contexto. Inicialmente, resisti, pois não sou tão ágil no espaço virtual e valorizo a presença e o encontro. Perdi o sono em algumas noites, muitas vezes chorei com saudades das crianças, das professoras e da escola, ao recordar os momentos significativos e afetivos vivenciados na escola. Pouco a pouco, novas possibilidades surgiram na minha prática pedagógica, em diferentes formatos e dinâmicas, cada qual trazendo seus desafios e aprendizados. Nos fortalecemos como equipe de professores. Em meio a tantas mudanças, a parceria com os educandos tem sido imprescindível para criar um sentido de pertencimento e reexistência, para continuarmos firmes nesta nova caminhada, crendo que conseguiremos encontrar trajetos mais leves e menos angustiantes.

Estamos aprendendo juntos e compartilhando dores, dons, sabores e dissabores. A arte, o artesanato, as diferentes formas de comunicação têm sido parte desse novo aprendizado. Os alunos me ensinam e me motivam a criar e buscar diversas metodologias; a participação e o compromisso dos pais, através dos seus áudios e vídeos, expressando suas opiniões, dúvidas e contribuições, têm significado uma grande ajuda e riqueza neste tempo.

Reconheço, contudo, que essas mudanças de rotina também são desgastantes e se somam ao aumento da demanda de trabalho. Concomitantemente, sinto que existe uma necessidade enorme de criar espaços de apoio e articular essas vivências compartilhadas na instituição escolar, pois a pandemia, ao mesmo tempo que nos fragilizou com o distanciamento social e isolamento, nos fortaleceu em outros aspectos.

Como professores e equipe educativa sofremos com essas mudanças e buscamos construir uma nova forma de ser escola, Tateando no escuro, mas sem perder a esperança. Sei que os pais e familiares das crianças também sofrem diante desse novo desafio. Busco ser criativa para me tornar acessível e assim melhorar minha comunicação com as famílias, por meio de interações com as crianças, desenvolvendo atividades que permitam maior participação e colaboração entre familiares e educandos, para que todos se expressem e produzam conhecimento, contando com o apoio do ambiente familiar.

Diante das mudanças na dinâmica de trabalho, houve a necessidade de recriar o encontro à distância, pois a escolha das atividades e os processos de aprendizagem sempre deixam lugar para a surpresa e para o inusitado. Por exemplo, em uma proposta de construção de brinquedos com caixas de papelão os alunos ilustraram seus sonhos, construíram histórias, expressaram seus sentimentos, mediados por um elemento simbólico que facilitou a articulação da saudade e da esperança que nutrem as possibilidades de alegria e partilha, demonstrando as formas de resistência e ressignificação da vida em suas narrativas.

O mundo parece avançar da forma mais assimétrica e injusta, a violência toma proporções superlativas e assustadoras, que nos demandam um posicionamento mais humano e digno. É preciso resistir às tentações e seduições do consumismo e da desumanização; a educação continua sendo voz de esperança e transformação. No momento em que escrevo este memorial, sou interpelada pelo sofrimento e por circunstâncias que envolvem a pandemia da COVID-19. Estou reaprendendo a viver e a conviver em minha própria casa, lidando com as tensões, medos e oportunidades que se apresentam, procurando vencer o medo do vírus, protegendo a mim e as pessoas que amo, criando alternativas para contribuir com os mais vulneráveis. Reconheço que todos somos vulneráveis, porém não posso deixar de pensar naqueles que são excluídos e se tornaram invisíveis para a sociedade, aqueles que não têm uma

casa para morar ou, quando têm, vivem situações de violência, agressividade e abuso. Neste momento, aprecio o privilégio de contar com a presença de minha mãe: desfrutamos de longas conversas e nos deliciamos com a sua culinária repleta de histórias de resistências e esperanças, que marcam a nossa voz e lugar neste momento de dor. As conversas, ligações e mensagens no WhatsApp, com minhas irmãs e amigas, são bálsamos de conforto e cuidado. Celebro esses laços de amor e solidariedade, bem como as oportunidades de aprendermos e sermos transformados nas escolas da vida, as quais nos permitem contribuir e gestar um mundo mais humano.

Retalhos de Esperança

Nesses caminhos de aprendizado e humanização, tenho o privilégio de ser parte de um projeto que se chama Retalhos de Esperança, que apoia pessoas em situação de refúgio e vulnerabilidade: Retalhos de Esperança nasceu debaixo de uma palmeira na Tunísia, em 2011, foi implementada em 2014 no Brasil e gestado em muitos corações que se entrelaçam no Oriente Médio, no Norte da África, na América Latina, na África subsaariana e na Europa. Foi gerado com o desejo de celebrar a diversidade, beleza e generosidade do corpo de Cristo, presente nas mais distintas culturas e realidades.

Como parte dessa rede, Retalhos de Esperança, me surpreendo com as histórias de transformações e as oportunidades de afirmar a dignidade e o valor de cada pessoa. Há resiliência e força que brotam do sofrimento e reconstroem a vida. Ademais, como escreve o poeta João Cabral de Melo Neto (2016, p. 65), “[...] não se pode defender só com palavras a vida”. É preciso compromisso e solidariedade para assumirmos essas batalhas juntos e juntas, sem nos omitirmos, sem nos calarmos. Novamente, a marca das histórias e a voz das minhas avós, narradoras de esperanças, me animam e me convidam a continuar tocando em frente ante as circunstâncias difíceis e desafiadoras. Participei de projetos desenvolvidos em clínicas e escolas na Jordânia e no Senegal, nascidas de uma generosidade sacrificial e dignificadora; dos novos projetos no Marrocos e na República Democrática do Congo; e da história de uma menina refugiada venezuelana, que virou livro ilustrado nas mãos de uma amiga professora e ilustradora, integrante do mesmo projeto. O conteúdo do livro fala da travessia de uma criança e seus desafios, sobre enfrentar medos, angústias, dúvidas – passando por dificuldades – e prosseguir aprendendo a ter esperança.

Sei que este tempo está me tornando mais resiliente e forte; escuto e presto atenção em sons e silêncios aos quais não dava tanta importância. Para mim, as classes e aprendizados

nas aulas da Unicamp me enchem de esperança. Tentamos estimular os vínculos, apesar da distância, e não perder o calor da presença, apesar da tela que nos separa. Queremos continuar plantando jequitibás, criando raízes neste momento em que as relações correm o risco de se fragmentarem pela liquidez do nosso tempo, um processo em aparente ebulição.

Espero que esta pandemia me transforme em uma pessoa mais humana, com mais fé em Deus e nos meus semelhantes, apesar de tantas decepções e crueldades que presenciamos, sobretudo no contexto político. Quero aprender a reconhecer as minhas limitações. Diante desta situação, busco ter um olhar mais sensível à minha dor e à dor do outro. Creio que a COVID-19 mudará histórias, relacionamentos, formas de ver o mundo, necessidades e anseios. Espero que possamos voltar para nossas rotinas de vida mais abertos às opiniões dos outros, mais humanos, menos egoístas e autossuficientes, dispostos a ser transformados e a transformar a sociedade na qual estamos inseridos.

Apesar do cenário difícil, sigo encantada pelo exercício da minha profissão. Cada dia sou inspirada e desafiada. As crianças me ensinam, me fazem um convite para continuar sonhando e buscar meios mais ternos e dignos de exercer minha profissão enquanto aprendo. Ainda alimento o desejo de me aventurar por novos percursos de aprendizagem, não me deixar aprisionar pelas minhas limitações e abraçar a beleza do ensino com mais criatividade, de forma cada vez mais inclusiva e reflexiva.

O planejamento é algo necessário em vários aspectos na vida, no trabalho, em nossa conduta diária e, principalmente, quando nos propomos a elaborar uma pesquisa acadêmica. Para dar seguimento à proposta do estudo da minha pesquisa, inicialmente pretendia assistir às aulas presenciais; ter encontros e trocas com os colegas e professores; participar de discussões e debates e realizar as oficinas de contação de histórias, mas, assim como na vida, imprevistos acontecem, e com a Pandemia da Covid 19 precisei repensar outras estratégias e abordagens que pudessem me ajudar a complementar meus estudos sobre os aspectos que envolvem a formação de valores através da contação de histórias.

Saviani e Galvão (2023, p. 38-39) abordam que:

[...] Lançaram mão do “ensino” remoto para cumprir o calendário escolar e o que se observou de maneira geral foi que as condições mínimas não foram preenchidas para a grande maioria dos alunos e também para uma parcela significativa dos professores, que, na maioria das vezes, acabaram arcando com os custos e prejuízos da saúde física e mental decorrentes da intensificação e precarização do trabalho.

Neste período, muitos professores tiveram que usar seus próprios recursos, como internet, celular e computador para prepararem suas aulas. Muitos estudantes também foram excluídos do processo ensino-aprendizagem por falta de recursos, como computador para

participarem do Ensino remoto; sendo assim, a pandemia tornou bem mais visíveis as desigualdades do Brasil.

Varani; Campos e Rossin (2022, p. 23) relatam que:

Temos um compromisso com as crianças, adolescentes, jovens e adultos atendidos pela educação básica. E também temos um compromisso entre nós, com nosso processo (auto)formativo no sentido de criar formas para se reinventar nestes tempos infundáveis perguntas, desassossegos, inquietações tomaram assento em nosso espaço de diálogo possível no início da pandemia, via conversas de whatsapp. Este diálogo era repleto de narrativas que traziam novos dilemas, para novos problemas, como a desigualdade digital afetando os alunos sobreviventes da desigualdade social. Novas terminologias invadiram nossa linguagem, aulas online, plataformas, aplicativos, salas de meet, dentre outras [...].

O cenário pós-pandemia desenhou alguns contornos na convivência em sociedade. Com o isolamento obrigatório observamos certa intolerância e algumas atitudes antidemocráticas, contrárias à proposta do Estado democrático de direito que propõe: “Democracia é a aqui entendida como o regime de soberania popular (do governo da maioria), porém com pleno respeito aos direitos das minorias, com pleno respeito aos direitos humanos” (Benevides, 1994, p. 8). Segundo a autora, a democracia se refere à liberdade de pensamento, de expressão, de ir e vir, de religião, de opção sexual, de associação etc., engloba direitos humanos e liberdades individuais, sociais e coletivas (Benevides, 1994). Vivemos em uma sociedade muito competitiva, atualmente temos visto muita intolerância, atitudes antidemocráticas.

Diante dessas questões, que histórias podemos contar? Para buscar uma sociedade mais justa, igualitária e que respeite a opinião do outro, cada um de nós tem a responsabilidade de desenvolver atitudes que semeiem a paz e respeito pelo próximo.

Antes da pandemia, as crianças tinham a presença física do professor, durante a pandemia houve o afastamento do ambiente escolar, as aulas presenciais foram adequadas à modalidade à distância, e os alunos passaram a contar com a colaboração e acompanhamento dos pais, que naquele momento trabalhavam em home-office. A situação propiciou o compartilhamento do processo de ensino e aprendizagem entre professores e pais, na tentativa de dar continuidade à educação dos filhos.

Dessa forma, quando iniciei a oficina de contação de histórias no mês de setembro de 2021 a turma estava dividida em dois grupos, para evitar aglomeração de alunos nas salas de aula, seguindo os protocolos de distanciamento da pandemia; então eu contei a minha primeira história para os dois grupos. Algumas dessas histórias foram para perceber as reações e sentimentos das crianças após os acontecimentos recentes da pandemia, pelo fato de que após

um longo período trancadas em casa, participando das aulas via telas de computador, as crianças deixaram de brincar e interagir com seus pares, sem saber até quando esses simples atos poderiam se repetir novamente. A incerteza global que a pandemia trouxe se instalou na cabeça dessas crianças; naturalmente que voltar à normalidade demandaria paciência e tempo com os pequenos. Sendo assim, sempre cantava uma música para introduzir a história que seria contada e, desse modo, preparar as crianças para receber a história. As histórias contadas estavam relacionadas aos valores de amizade, solidariedade, coragem e respeito à diversidade. Depois da contação eu sempre fazia algumas perguntas sobre a história e buscava desenvolver um diálogo com as crianças e refletir com elas que valores abordados em cada história.

As oficinas foram ministradas na sala de uma professora do Ensino Fundamental 1, pois eu estava trabalhando com uma sala de crianças da Educação Infantil, sendo assim eu não tinha vínculo com as crianças, mas neste período da pesquisa cultivei uma escuta ativa e sensível para que elas confiassem em mim e, assim, pudesse oferecer um ambiente novo e tranquilo no momento das oficinas, e fui bem-sucedida na proposta, pois algumas crianças me apresentavam com desenhos no final da contação da história.

Desenvolver uma pesquisa pós pandemia não foi nada fácil, tivemos que enfrentar o medo do vírus e a insegurança do porvir, mas constatei que, após a contação da segunda história, tanto os professores quanto os alunos se interagiram e demonstraram maior interesse pela dinâmica da pesquisa.

Percebi, naquele instante, a importância de trabalhar com as crianças conceitos de valores. A pandemia ressaltou a necessidade de nós, adultos, recuperarmos alguns princípios sociais que se perderam no corre-corre imposto pelo cotidiano das nossas vidas; esse foi o melhor momento de trazer para a sala de aula valores como amizade, solidariedade, respeito e coragem, pois o período pandêmico causou muita dor, as famílias das crianças passaram por situações difíceis de perdas de entes queridos e dificuldades financeiras, foi necessário criar novos espaços de afetos e encontros. A literatura infantojuvenil e contação de histórias foram fundamentais para ajudar as crianças compreenderem o que estava ocorrendo, as histórias contadas auxiliaram a apaziguar corações inquietos, nutrindo o imaginário infantil com elementos que ajudassem a vivenciar e se reconectar com sua própria dor e lutos, construindo, assim, caminhos para superação; “para aprender valores é necessário vivenciá-los” (D’Aurea-Tardeli, 2012, p. 122), e nós, como professores, precisamos cultivar esses valores no ambiente de sala de aula.

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias sempre esteve enraizado na minha formação pessoal, familiar e profissional. A partir da observação direta no exercício da minha prática educativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, surgiu o desejo de desenvolver uma pesquisa sobre a contação de histórias nas séries iniciais do Ensino Fundamental I e de me aprofundar no estudo de temas que envolvem a leitura de contos e de histórias em sala de aula no processo de alfabetização.

A presente investigação emergiu na perspectiva de entender as distintas formas de aprender a ler, bem como de compreender o que faz com que algumas crianças se sintam estimuladas/desestimuladas e/ou atraídas/repelidas por determinadas histórias infantis. Ao mesmo tempo, vislumbrei a oportunidade de apresentar uma discussão sobre os valores morais presentes nas histórias infantis, agregando ao aprendizado e compreensão da leitura princípios coletivos de formação humana de futuros cidadãos. Para tanto, estabeleci como objetivo geral verificar as práticas de leitura e contação de histórias nos anos iniciais do Ensino Fundamental I com o propósito de estimular a percepção crítica e analítica do leitor iniciante acerca dos valores sociais inclusos nos textos de literatura infantil trabalhados em sala de aula, para alcançarmos os objetivos específicos de:

1. estimular a capacidade de interpretação, reflexão expressão oral das crianças;
2. fomentar o diálogo entre alunos e professores sobre valores sociais implícitos na literatura infantojuvenil;
3. incentivar os educadores a desenvolver práticas de ensino que envolvam mediação de leitura e contação de histórias.
4. despertar o interesse das crianças pela leitura e contação de histórias.

O primeiro capítulo desta pesquisa, intitulado *Leitura e contação de histórias: nuances, conceitos e impressões*, apresenta os conceitos que diferenciam a leitura da contação de histórias, afinal, a leitura é feita por meio do recurso do livro de literatura infantojuvenil, enquanto a contação de histórias é realizada de forma oral, sem o uso do livro. Em ambos, o educador necessita preparar-se para desenvolver uma boa experiência de leitura e contação de histórias com as crianças, entre outras habilidades e competências que serão elencadas ao longo da escrita do texto.

Entende-se que, para formar um educando leitor, é importante que o educador seja um exemplo de leitor na sala de aula, estimulando na criança o prazer pela leitura. Esse argumento corrobora o fato de que, como professores (as), precisamos formar leitores críticos

e questionadores, de modo que nossos alunos consigam compreender e interpretar o que leem.

A abordagem do capítulo 2, *Mediação da leitura e contação de histórias – formação de valor(es)*, busca conceituar o que são valores segundo estudiosos, como Yves de La Taille (2006); Valéria Amorim Arantes; Ulisses F. Araújo; José Maria Puig (2007) e Tognetta e Menin (2017). Considerando a importância das situações de leitura em sala de aula, a presente dissertação analisa situações em que os professores problematizam os valores implícitos nos textos.

Os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa serão descritos no capítulo 3, que traz a opção metodológica usada na pesquisa para coleta e interpretação dos dados. O capítulo 4 dialoga com os resultados dos dados coletados e analisados, ressaltando as principais estratégias que o(a) educador(a) utiliza para contação e leitura de histórias, e analisaremos as entrevistas realizadas com as(os) professoras(es) da Rede Municipal de Louveira, que participaram da pesquisa.

Finalizando, o capítulo 5 traz as principais reflexões, descobertas e lições aprendidas ao longo deste estudo.

Com certeza, este trabalho não acaba aqui, ele continua, pois tudo que aprendi e continuarei aprendendo será colocado em prática no chão da escola, seguirei sempre em busca de uma escola acolhedora, hospitaleira que escuta as crianças e potencializa suas ideias e conhecimentos.

CAPÍTULO 1 – LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: NUANCES, CONCEITOS E IMPRESSÕES

Quando falamos sobre ler e contar histórias parece que nos referimos a palavras com o mesmo significado e sentido. No entanto, as nuances entre os termos estão unidas por uma linha tênue que marca as diferenças entre eles. Segundo Fonseca (2017, p. 28), “aprender a ler significa ler e atribuir sentido à leitura”. Ou seja, ler não é apenas decifrar códigos, mas sim compreender e interpretar essa leitura, relacionando seu conteúdo com a realidade em que o leitor está inserido.

Ler é diferente de contar histórias, pois para realizar uma leitura o sujeito necessita do livro, o que não se faz necessário na contação de histórias. Para Busatto (2012, p. 10), “[...] contar histórias vem a ser outra técnica e nos remete àquela figura ancestral que, ao redor da cama, contava história para quem quisesse ouvir, narrava contos de seu povo, aquilo que havia sido gravado na memória através da oralidade”. A partir dessas considerações iniciais, compreende-se que o contador de histórias tem mais liberdade do uso da palavra. Ele planta sonhos no coração das crianças, faz seus olhos brilharem através da contação da história com uma entonação da voz imitando os personagens.

Na infância, o início das minhas experiências com a leitura ocorreu a partir da escuta das histórias contadas por minha avó. Eu me lembro de sentar-me aos pés de sua cadeira para ouvir seus contos. A história que mais contava era “A Bela e a Fera”, da qual tenho a lembrança de minha avó entoando a voz para imitar os personagens. Essa forma de contar histórias despertou em mim muito interesse e gosto pelos livros.

Na concepção de Matos e Sorsy (2009, p. 8-9):

[...] A arte do contador envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. O contador como vimos recria o conto juntamente com seu auditório, à medida que conta. O leitor, por sua vez, empresta sua voz ao texto. Pode utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais envolvente para o ouvinte, mas não recria o texto, não improvisa a partir dos estímulos do auditório....

Como destacam as autoras, quando se lê uma história é importante ser fiel ao que ela quer informar ao ouvinte, não há margem para a improvisação, mas somente para mudar a entonação da voz. A leitura do texto segue à risca as palavras do escritor, já a contação é um exercício de criatividade, com a possibilidade de agregar outros elementos à história para torná-la mais significativa para o ouvinte, sem modificar o enredo original. Ler e contar histórias para as crianças são ações diferentes, que necessitam ser observadas na educação escolar, notadamente a importância do aprendizado da leitura na fase inicial do ensino fundamental.

Denise Guilherme, no vídeo “Qual a diferença entre ler e contar histórias” (Guilherme, 2011), elaborado para a revista Nova Escola, aborda a importância da leitura e do mediador de leitura nessa fase, o qual deve informar às crianças sobre o autor e a editora do livro. Essas informações são essenciais para que os educandos compreendam que as histórias têm autores e possam se inspirar neles para escreverem seus próprios textos (Guilherme, 2011).

Já por meio da contação de histórias é possível exercer na prática a tradição da cultura oral, cuja potência motiva a criança a desenvolver o gosto pela escuta dessas narrativas. Em minha pouca experiência como contadora de histórias para crianças, percebi o quanto elas se envolviam e prestavam atenção na atividade de leitura. De acordo com Santos (2017, p. 4):

Professores e contadores de histórias são guardiões da palavra e, quando se misturam, constroem, através das narrativas, um movimento de fala e escuta entre seus interlocutores – alunos. Quando descobrem quem é o contador de histórias que mora em si, fazem-se portadores de toda sorte de gestos culturais e palavras. O professor e contador se aproxima da essência do narrador ancestral que habita em cada um. Através da memória afetiva, eles vão revelando as histórias fundantes que lhes marcaram a vida e revelam o seu gosto pelas narrativas. E, para isso, não há receitas nem fórmulas, tampouco um jeito milagroso que provoque esse híbrido. O que há é um caminho metodológico composto por modos de narrar que saíram dos livros de outros contadores de histórias, é o repertório e a performance de contadores que se apresentam em espaços diversos, é o processo de descoberta desse narrador que mora em cada um, na sua ancestralidade, o que revela através de um estilo pessoal que provoca e visibiliza potencialidades encobertas.

Sendo assim, compreende-se que o professor incorpora o enredo da história, acrescentando encenações, entonações de vozes ou utilizando até mesmo outros recursos para contá-la e envolver o ouvinte; as estratégias dependem do estilo de cada contador. A leitura de histórias pode ser uma forma de viajar no mundo da imaginação, mas nem sempre o ato de ler é acessível por todas as crianças nas mesmas condições.

Na minha história de vida, livros e textos sempre estiveram presentes. Recordo-me que, quando era menina, gostava de ler e demonstrava interesse por histórias, contos e as diversas formas de reinventar o saber, reinterpretar os textos, decodificar os símbolos, descobrir o mundo, criar realidades e ressignificar histórias. Porém, muitas crianças não têm o mesmo incentivo em casa, devido à falta de livros e de acesso à leitura.

A atração pela leitura desde a infância teve influência na minha formação como sujeito social e na escolha pela carreira docente. Além disso, mostrou-se de grande valia comprovando um dos fundamentos da pedagogia Freireana, segundo a qual as formas de aprender estão relacionadas com a história de vida do sujeito, seu contexto familiar, sua maneira de expressar e receber afeto, compreender e dar sentido à própria aprendizagem (Freire, 1987).

Ao considerar as diferentes realidades dos estudantes, é de fundamental importância

que o professor valorize as situações de leitura em sala de aula. De acordo com Passos (2015, p. 173), podemos considerar a leitura como:

[...] um instrumento importante para a formação e o amadurecimento da personalidade dos indivíduos; esses estímulos podem ser trabalhados e adequados aos diferentes níveis de ensino, proporcionando, assim, um aprendizado planejado da leitura que colabore para o desenvolvimento do pensamento crítico de cada indivíduo, e, conseqüentemente o auxilie na sua compreensão de mundo e de seu papel como sujeito social.

Ao fazer uso da leitura em sala de aula, o professor exerce o papel de mediador, problematizando os textos com seus educandos, permitindo que eles reflitam e discutam sobre os textos apresentados, tornando-se leitores críticos que contextualizam o conhecimento assimilado na escola, adquirindo condições para resolver os problemas de seu cotidiano. Nesse aspecto, em todo esse processo de ensino-aprendizagem, tanto a leitura como a contação de histórias se tornam imprescindíveis para despertar nas crianças o prazer pela leitura. Gomes (2012, p. 23) argumenta sobre a importância da oralidade na contação de história, afirmando que:

A arte de contar histórias é também uma arte de memória. Não é difícil perceber que a memória é sempre o reencontro com a tradição. Tradição social efetuada pelo exercício social da oralidade. Ou seja, a arte de contar histórias apresenta-se como um exercício social de oralidade que reaviva e atualiza a memória social [...].

Na narração de uma história, podemos memorizá-la para contá-la às pessoas. O contar possibilita a relação do contador com seu público, através da troca de olhares. Ao contar damos vida à história por meio da criação e improviso. É de fundamental importância que o professor tenha na sala de aula espaços para desenvolver a leitura com seus alunos, buscando formar bons leitores, ou seja, a leitura precisa ser prioridade na escola e desenvolvida de forma prazerosa, não como uma obrigação. O ato de ler precisa se tornar uma atividade essencial exercida pela escola e atribuída ao professor mediador de leitura. Segundo Cagliari (1995, p. 148):

[...]. É muito mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chance no futuro do que aquele que, apesar das reprovações se tornou um bom leitor.

A reflexão sobre o que significa tornar-se um “bom leitor” nos conduz à ideia de que leitura não se restringe apenas ao reconhecimento de signos; ler é interpretar, compreender o texto lido e relacioná-lo à própria realidade, como já destacamos anteriormente. De forma mais abrangente, essa atividade é compreendida como uma ferramenta para que os indivíduos sejam capazes de ler seu próprio mundo, sua própria história. Tal discussão é ampliada por Freire (2005), que preconiza que o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. Para esse autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra. A compreensão do texto deve ser alcançada por sua leitura crítica que implica a percepção das relações entre o texto e o contexto” (Freire, 2005a, p. 11).

Segundo Roger Chartier, as diversas formas de apropriação e representação do mundo como possibilidade de elaboração humana e cultural, processo no qual a leitura cumpre um importante papel. Em suas palavras:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum ou ao menos totalmente o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda a história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor, que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler [...] (Chartier, 1945, p. 77).

Ao trazer a imagem, criada por Certeau, do leitor como um caçador em terras alheias, Chartier acrescenta a essa figura a função de atribuir sentidos e interpretar o texto a partir de sua cultura, valores e realidade. Essa imagem se apresenta como guia para a nossa investigação sobre a importância da leitura de contos e histórias, bem como de sua contribuição na formação de valores sociais para estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental I.

Assim, dentre os diversos papéis desempenhados pelos docentes dos anos iniciais, destaca-se o papel de contar histórias, no qual o professor adota uma postura e procedimentos diante dos textos que circulam na escola, atuando como modelo e mediador para seus alunos. Sua atividade tem início antes mesmo do contato com as turmas, pois antes de contar histórias é fundamental que o professor elabore um planejamento, estude a história e se prepare para o momento de contá-la.

Com essa perspectiva, dentro da sala de aula, o professor compartilha seus conhecimentos com os alunos, valorizando a bagagem cultural trazida por eles, no intuito de ampliar seus repertórios. Portanto, é o professor quem indica novos caminhos para a leitura, por

meio da mediação do processo de ensino e aprendizagem, estimulando a criança a questionar a história narrada, a aproximar essa narrativa de sua realidade e a tornar-se uma “caçadora de sentidos”.

Como documento orientador para o desenvolvimento de habilidades de leitura pelos docentes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) oferece para os alunos a oportunidade de acesso a diversos gêneros textuais, possibilitando a reflexão crítica sobre esses textos e a atribuição de diferentes sentidos a partir do exercício de interpretação. De acordo com o documento:

O Eixo leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p. 69).

Ao desenvolver o trabalho com variados padrões de leitura, um dos objetivos do professor mediador é apresentar para os estudantes valores que estão implícitos nas histórias, sejam elas contos de fadas, fábulas ou textos jornalísticos. Esse tipo de trabalho permite discutir, inclusive, certos valores que já fazem parte do cotidiano das crianças, tais como amizade e solidariedade, entre outros, permitindo que elas reflitam sobre eles nos próprios contextos de vida. Não se trata de moralizar através de um texto específico, como ocorre em algumas leituras de contos de fadas, mas, sim, de fazer com que a criança se identifique com a história lida, com a fala dos personagens e, dessa forma, ressignifique suas próprias experiências. Para Bettelheim (2007, p. 34):

Os contos de fadas, diferentemente de qualquer outra forma de literatura, direcionam a criança para a descoberta de sua identidade e vocação, e também sugerem as experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter. Os contos de fada dão a entender que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade, mas apenas se ela não se intimidar com as lutas arriscadas sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade [...].

Na concepção de Antunes (2010, p. 8):

Os valores que uma pessoa professa não estão programados em seu genoma, não se desenvolvem se não forem cultivados pela educação. Essa certeza advém da Biologia e Filosofia. Sabemos que o “ambiente” constitui a essência da estrutura na formação do caráter humano, e que criança alguma desenvolve sentimentos positivos se não os aprende e percebe sua prática [...].

Partindo da consideração de Antunes, percebe-se que a criança não nasce com

valores, mas estes são adquiridos durante a sua vivência e interação na sociedade. A criança aprende tais valores quando os observa na vida dos adultos, que podem ser os professores, pais, irmãos, amigos, isto é, todos aqueles que fazem parte do seu contexto social, daí a importância de priorizar a formação de leitores no Ensino Fundamental.

Ler e contar histórias são ações diferentes que se complementam no processo de ensino e aprendizagem. Na leitura ocorre o resgate do livro como bem cultural e o uso da linguagem tradicional, na contação de histórias temos o resgate da história oral, transmitida de geração em geração.

Fonseca (2012)³ relata que a narração oral envolve troca de olhares, pausas, entonações, gestos, improvisos e leva em consideração o que acontece no momento e a interação com o grupo; já na leitura não podemos mudar o texto, improvisar, a gente faz a leitura da forma que está no livro.

Matos e Sorsy abordam que “na narrativa oral o que se quer é uma interação imediata com o ouvinte. A linguagem é espontânea, cria-se o texto junto com o auditório, ou seja, as reações do ouvinte são fundamentais para o desenvolvimento da narrativa [...] (Matos; Sorsy, 2009, p. 7-8).

Quem narra uma história pode recriá-la junto com o público, sendo que o contador tem a liberdade de interagir com o público durante a contação. A leitura e a contação de história contribuem para a formação do sujeito leitor na escola.

1.1 A formação do sujeito leitor na escola

Comecei a lecionar no ano de 2005 no Ensino Fundamental e, posteriormente, no Ensino Infantil. Com a experiência docente foi possível perceber que, tanto em um nível de ensino quanto no outro as crianças demonstravam diferentes formas de aprender a ler, e algumas pareciam estar mais estimuladas e atraídas pelas histórias contadas em sala de aula do que outras. No momento da roda de leitura, essas diferenças ficavam evidentes, por exemplo, pela participação de algumas crianças nos debates ao contarem com suas palavras sobre a parte da história que mais gostavam, enquanto outras não se expressavam.

Ao trabalhar uma narrativa com as turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, o professor faz o papel de mediador que orienta o processo de leitura, utilizando principalmente as rodas de conversa. Segundo Warschauer (1993, p. 47).

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=33tiI-lPnqU>. Acesso em: 04 nov. 2023.

[...] a roda é uma construção própria de cada grupo. Porém, isso não impede de refletirmos sobre algumas de suas características e implicações. Constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador, o professor, por exemplo.

Essas experiências de leitura em sala de aula me levaram a buscar formações sobre esse tema. A partir delas, tornou-se indispensável compreender outras questões, como o estudo sobre a alfabetização no Ensino Infantil, cujas concepções mudaram amplamente desde a época em que fui alfabetizada até os dias atuais. Fui alfabetizada em uma escola multisseriada e tive dificuldades de aprender a interpretar o que lia. A princípio, apenas copiava o que a professora solicitava, sem compreender o significado da atividade. Somente na segunda série (terceiro ano do Ensino Fundamental), comecei a compreender e interpretar os códigos, mas ainda sem ter a dimensão da importância do ato de ler, em um sentido mais amplo.

Hoje, com o processo formativo somado à prática docente, aprendi que a leitura e a escrita caminham juntas e que fazem parte da vivência coletiva do indivíduo, daquilo que a criança quer compartilhar com o outro. Ao compartilhar o que compreende da leitura, a criança atribui sentido a esta leitura de mundo, que ela realiza a partir de suas próprias experiências. Contudo, não é possível dizer que a escrita se reduz à decifração de um código, porquanto permite à criança comunicar-se com seus pares, ocupando o seu lugar no mundo. Nesse sentido, Santos (1991, p. 212) afirma que: “O domínio da língua escrita é extremamente facilitado quando impulsionado pelo desejo de aprender a ler e a escrever. Evidentemente, esse desejo só poderá se manifestar numa criança a partir do momento em que ela saiba da existência e da utilidade da escrita”.

O saber sobre a existência e a utilidade da escrita só é possível porque o ato de aprender a ler e escrever é construído socialmente. As atividades propostas não devem perder de vista o sentido de comunicação e expressão desses aprendizados e, para que isso aconteça, é importante estimular a criatividade da criança e permitir que ela experimente, invente e se expresse. Cabe ao professor proporcionar momentos importantes, múltiplos e variados, para que ela interaja com a leitura e a escrita. Afinal, como ressalta Magda Soares (2020, p. 39-40):

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever, já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, e não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita.

Assim, letramento é diferente de alfabetização, pois não basta aprender a codificar e decodificar para dominar a língua escrita. Para entrar em “estado de letramento”, como afirma a autora, é importante que a criança compreenda a linguagem escrita como ferramenta de

interação e comunicação com o outro, desenvolvendo essa habilidade em conjunto com a leitura no contexto social e cultural em que ela está inserida.

Na concepção de Lerner (2002), é um desafio formar leitores críticos e questionadores, que utilizem a experiência da leitura para solucionar os problemas cotidianos e compreender os sentidos que vão além do texto escrito, em vez de apenas decifrá-lo no sentido literal. Essa questão nos leva a observar que algumas crianças não desenvolvem o hábito de leitura por vários fatores, dentre eles, a falta de acesso a livros e de oportunidade para conviver em ambientes nos quais a leitura seja frequente. Percebo a carência das comunidades quanto à expressiva falta da cultura letrada e apoio-me na análise de Ezequiel Theodoro da Silva (1993) para abordar a chamada “crise de leitura”, que traz grandes desafios, inclusive, para o campo da educação. De acordo com Silva (1993, p. 11-12):

[...] a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução da nossa sociedade [...]. A tão propalada “crise da leitura” não é uma doença destas últimas décadas e nem deste século: ela vem sendo reproduzida desde o período colonial, juntamente com a reprodução do analfabetismo, com a falta de bibliotecas e com a inexistência de políticas concretas para a popularização do livro.

Apesar da ausência de políticas públicas que favoreçam a popularização da leitura, segundo o autor, ela continua sendo um instrumento de libertação e, com ela, podemos reconstruir nossa sociedade. Esse argumento demonstra o quanto a leitura e o comportamento leitor são fundamentais para a formação de indivíduos questionadores, autônomos e cidadãos capazes de transformar a sociedade em que estão inseridos. Infelizmente, a falta de interesse dos nossos governantes com relação à formação crítica das pessoas dificulta o acesso à leitura pelos menos favorecidos.

Freire, em sua obra “Pedagogia da Autonomia” (2015), faz apontamentos e críticas sobre a educação bancária, concebida de maneira oposta à educação libertadora. Sua contribuição nos ajuda a aprofundar a discussão sobre a “crise de leitura”, destacada por Silva (1993), ao evidenciar, na educação bancária, a posição do aluno como um depósito de conteúdo. Com esse argumento, Freire (2015) demonstra a importância de estabelecer outro tipo de relação entre educadores e educandos que possibilite aos últimos a construção de um lugar social a partir do qual se reconheçam como pessoas que podem transformar o mundo. O ato de ler é mais do que um exercício cognitivo e físico; ao ser bem trabalhado com as crianças, é capaz de fazer com que elas antecipem e alonguem sua inteligência no mundo.

Mesmo sabendo da importância e do poder transformador que a leitura e os hábitos leitores exercem na sociedade, ficam as perguntas: como mediar o processo de formação de

leitores? Quais práticas têm sido realizadas dentro de sala de aula visando desenvolver comportamentos leitores? Será que “a aquisição das habilidades leitoras”, apresentadas na BNCC, pode realmente levar a criança a compreender a leitura?

Na concepção de Fonseca (2017, p. 28), “o professor tem papel importantíssimo na aquisição da competência leitora da criança, não só porque promove atividades, mas porque serve como modelo de leitor”. Um professor que lê desperta no educando o gosto pela leitura ao comentar aquelas que ele próprio faz, o que pode motivar as crianças a desenvolverem esse prazer. Na minha prática como professora sempre busquei trabalhar com projetos que envolvessem diversos gêneros literários, com o objetivo de desenvolver no educando o gosto pela leitura, tratando-a não apenas como um conteúdo obrigatório, mas também como uma forma de abrir horizontes, viajar para outros mundos por meio dos livros e das narrativas.

Na escola, o professor que trabalha com as práticas de leitura é um mediador entre os seus alunos e todo o universo que a leitura oferece. O conceito de mediação é muito utilizado em nossos dias em diferentes contextos e realidades. Mediar a leitura significa criar condições para que um livro e um leitor se encontrem, por isso a mediação pode ser entendida de formas distintas. Quando falamos em formação de leitores, vemos que o mediador, nesse caso, é muito mais do que uma pessoa que apenas lê livros em sala de aula. Quando pensamos em mediação de leituras devemos lembrar o poder da mediação. Um mediador pode atuar em contextos de guerras e ser um agente de paz. Ele pode facilitar os processos de encontro, criar situações que possibilitem o diálogo, a interação entre as crianças e suas possíveis leituras de mundo.

1.2 A arte de contar histórias e narrativas orais

Na sala de aula, é importante que o educador valorize a cultura oral da criança, enfatizando o contexto social em que ela vive e ampliando seus repertórios culturais, por meio das brincadeiras, cantigas de roda e dramatizações de histórias, entre outras práticas pedagógicas. Segundo Machado (2015, p. 14):

A arte da palavra oral é a presença do narrador que se utiliza de sua fala num contexto com o público. Existem muitas possíveis manifestações dessa arte que, além da narração de contos, inclui algumas formas teatrais, alguns tipos de performances, bem como a ampla variedade de invenções da cultura tradicional, como as adivinhas, os trava-línguas, as brincadeiras das crianças, os romances (histórias cantadas), os cordéis, os desafios como os do Nordeste brasileiro, e a poesia oral presente nos brinquedos dramáticos: o ciclo do boi, o cavalo-marinho, os presépios e muitos outros.

A narração oral é comunitária e coletiva; essa arte envolve a expressividade corporal, o gesto, a improvisação, a interpretação e a interação com o ouvinte. Segundo Costa

(2015, p. 29):

As narrativas orais tradicionais chegam até nós, crianças e adultos do século XXI, não da mesma forma que chegavam aos antepassados. Embora as instituições de transmissão tenham se modificado, assim como a sociedade e as relações pessoais, o papel social das narrativas se mantém, adequando-se ao novo contexto.

Os contos orais foram transmitidos dos mais velhos para os mais novos pelos narradores tradicionais que, ao transmitirem as histórias e os conhecimentos acumulados para sua comunidade, se tornam responsáveis pela preservação da memória ancestral. Nesse processo construído a partir da oralidade, os afetos e valores são gestados e cultivados.

As histórias trazem a questão da escuta e da dor. Na casa onde passei a minha infância, as pessoas contavam as histórias de sofrimento, trazendo lembranças que ajudaram na elaboração da dor, na busca por caminhos para lidar com as situações difíceis. Temos como exemplo, na literatura de histórias que trazem o “como elaborar a dor”, o texto “Morte e vida severina” e “Lamentações da Bíblia”, pois ambos relatam situações de sofrimento. No contexto da pandemia da COVID-19, usamos a literatura para auxiliar as crianças a compreenderem sobre seus sentimentos de dor, luto, solidão e expressá-los em sala de aula através de palavras, gestos ou desenhos. Como educadores precisamos despertar a imaginação da criança como um recurso para que elas consigam lidar com o sofrimento. Na história, o tempo não é linear, pois através dessas literaturas, seja pela contação ou pela leitura, temos a possibilidade de revisitar o passado e reinventar o presente. Na concepção de Sisto (2020, p. 101):

O contador de histórias é um todo orgânico que se expressa pela voz, pelo corpo e pelas expressões faciais, como resultado de um estímulo que tem sua raiz no texto contado, mas previamente elaborado em termos de imagens, ritmos, movimentos, memórias, emoção, silêncios e treinamentos. Sem deixar de levar em conta os acontecimentos fortuitos do ato de contar, a performance do contador em uma história deve ser resultado de sua leitura em profundidade, seu estudo e preparação para trazer a público a história da forma mais expressiva possível e mais plurissignificativa.

A arte da contação de histórias envolve os ritmos e silêncios, que são um momento de mistério e suspense. Eles permitem que a criança imagine e se conecte, recrie e decodifique o que está sendo compartilhado. Como afirma o autor, não é uma metodologia que aprisiona, mas uma linguagem que traz novos elementos, que permite à criança criar e imaginar, comparar-se com os personagens das histórias e dar sentido a elas, interpretando de acordo com seu entendimento.

A tradição oral me formou. As histórias cheias de mistérios e afetos contadas pelas minhas avós me forjaram, as rodas de conversa com a família e a potência dos encontros me moldaram. Não tínhamos muitos livros, mas a palavra estava sempre presente, os cantos, as

rezas, as orações, os provérbios, os versos, as cantigas de rodas, os cordéis... Desde cedo fui cativada pela palavra, seduzida pelos seus ritmos e sons, encantada pela beleza e força das vozes e histórias que ajudaram a construir o meu lugar no mundo.

A minha irmã me contou que eu nasci sob os auspícios da fé e orações das minhas avós: Avó Alice rezava quase silenciosa em um canto do alpendre da casa; avó Virgolina cantava uma oração que ela mesma inventara, enquanto no quarto alaranjado de janelas azuis, inquieta e dolorida a minha mãe se contorcia esperando a parteira que parecia demorar uma vida. A parteira, ao chegar, foi logo pedindo um gole de aguardente, fez o sinal da cruz reverente, pediu água fervendo para esterilizar a tesoura que cortaria o meu cordão umbilical e me conectaria com o mundo. Entre os cantos, as rezas, os gemidos da minha mãe eu abri os olhos para um mundo povoado de sons e luz que entravam pela janela azul em uma manhã quente e abafada de novembro.

Escutei as primeiras histórias desde bem cedo e elas me acompanham por toda a vida. As minhas avós continuaram rezando, cantando e poetizando esperanças e preocupações e acreditando que poderíamos construir e mudar histórias e transformar estações. Quando faltava chuva e a colheita era ameaçada nos contavam histórias de fé, juntavam flores resistentes em uma garrafa verde e preparavam uma procissão de rezas cantadas pedindo chuva.

Avó Virgolina, carinhosamente chamada “Vó Gô”, sem ter aprendido a ler despertou em nós o desejo de ler e escrever, era forte e inspiradora. Avó Alice era chamada “Quena”, apelido derivado de ‘Pequena’; lia muito bem e fez brotar em mim o amor pelos livros, ambas eram contadoras de histórias, criadoras de novos mundos e inventoras de palavras e versos. Elas semearam histórias, contos e poemas nos canteiros das nossas vidas. A escuta de suas histórias potencializou a minha imaginação e gerou o desejo de transcender fronteiras, de ir além dos territórios previamente impostos e demarcados. Elas nos ajudaram a criar asas e a voar para terras distantes e lugares inusitados com sabores e ritmos de geografias africanas e de nossas ancestralidades.

Era uma época em que não falávamos muito sobre as questões raciais que envolviam as nossas identidades negras, tudo era meio velado e silencioso (e silenciado), mas de uma forma transgressora surgiam alinhavadas pelas histórias e costuradas nos versos, revelando as dores e injustiças de um mundo cheio de desigualdades e preconceitos. Elas carregavam em si as cicatrizes, forças e poesias de suas ancestralidades. O racismo era real e forte, legitimado através de frases, comentários e piadas que, de tão estruturais, eram naturalizados e legitimados, deixando marcas dolorosas, mas também despertando em mim forças e energia para confrontar e lutar contra a exclusão, marginalização e inferiorização

impostas pelo sistema e pessoas. De certa maneira as histórias contadas por minhas avós eram um ato de resistência transgressor, uma maneira de lutar pela justiça e de afirmar a nossa dignidade. Elas fizeram brotar em mim um senso de justiça e coragem para elevar a minha voz e me ajudaram a desvelar estigmas e amarras que tentavam nos aprisionar e domesticar.

As memórias das minhas avós continuam me impulsionando e despertando valores profundos que eram expressos em cada roda de conversa, cada canto entoado, cada atitude de hospitalidade, solidariedade, respeito e acolhimento incondicional que marcaram as suas vidas.

Eram valores encharcados de afetos, não eram tecidos com moralismo e culpa, mas com afetos e exemplos, com humor e histórias. Os contos marcavam cada lição e aprendizado. Elas não se encaixavam dentro dos padrões da moral e dos bons costumes da época, mas encontraram o seu lugar de voz e de direito no meio dos olhares e julgamentos da sociedade. “Vó Quena” nunca se casou, por um conjunto de motivos, preferiu ficar solteira e adotar o meu pai. “Vó Gô” foi abusada bem juvenzinha e teve uma vida sofrida, marcada pela violência e a exclusão. Dentro das fronteiras e barreiras da sociedade, encontraram o seu lugar e construíram as suas histórias com cicatrizes e dignidade, nunca se deixaram silenciar e encontram nas histórias, contos e cantos os instrumentos perfeitos para a expressão das suas militâncias pela justiça e a inclusão.

Paulo Freire (2005a) nos convida a acolher as nossas histórias, resgatar a importância da oralidade, a dar sentido às nossas trajetórias, a interpretar o mundo e ser sujeito reflexivo. As minhas avós também me ensinaram a trazer à memória o que dá esperança, alegria; elas são lembradas na cidade com muito orgulho e saudades, são temas de conversas, são inspiração, marcos e pilares da nossa família e história, mestres da palavra.

Como artesãs das histórias e memórias foram mediadoras por meio da palavra de encontros transformadores. Como os griôs elas articulavam a vivência com a palavra, com a poesia, com a vida, o que conecta profundamente com a fala do Sisto (2012) ao comparar a ação do contador tradicional com a água do rio farfalhando na correnteza e as águas da chuva purificando quem a recebe, e uma concha mágica que sussurra ao ouvido conversas e afetos.

Minhas avós foram guardiãs de histórias e memórias. Utilizaram a oralidade para transmitir seus conhecimentos e para nos encantar com contos que nos surpreendiam e encorajavam a desafiar e enfrentar os nossos medos e fantasmas, assim como os Griôs, que são contadores de histórias, considerados pessoas muito sábias na sociedade onde vivem (Sisto, 2012). “Na concepção de Moraes e Gomes os griôs, condutores do rito de ouvir, ver, imaginar, participar, são os artesãos da palavra. Trabalham a palavra, burilam, dão forma, transformam em objeto artístico” (Sisto, 2012, p. 271-272). De acordo com os autores, os griôs exercem

diversas funções:

[...] como genealogista; como conselheiro; como guerreiro; como testemunha; recontar a história; servir de porta voz; representar o governante como diplomata, mediar conflitos, interpretar e traduzir a palavra dos outros em diferentes línguas; tocar instrumentos; compor canções e melodias; cantar louvores; ensinar aos estudantes; exortar os participantes em uma guerra ou competição esportiva; transmitir notícias; conduzir cerimônias, como nomeações, iniciações, namoros, casamento, tomada de posse, funerais (Sisto, 2012, p. 273).

A forma de arte oral mais explorada na África é a contação de história (Gomes, 2012). As minhas avós, assim como os griôs, transmitiram seus saberes, conhecimentos, tradição familiar e cultural por meio das histórias, e essas histórias me ajudaram a gostar dos livros e buscar ser uma educadora melhor, que procura aperfeiçoar os conhecimentos a cada dia e, a partir dessa inspiração e incentivo das minhas avós na infância, desenvolver comportamentos leitores nas crianças por meio da mediação de leitura e contação de histórias, proporcionando diálogo e boas perguntas para que os estudantes possam refletir sobre os valores de solidariedade, amizade, respeito e coragem.

Na minha infância, não tinha consciência do que era o racismo e vivi uma experiência que só mais tarde fui entendê-la como tal. Retomo aqui um fato que me marcou muito e já foi mencionado no memorial de formação. Lembro-me de estar brincando com uma amiga e ouvir a avó dela dizer: “Você está brincando com essa negra?”. Eu tinha sete anos e não me lembro da resposta da minha amiga, nem qual foi a minha reação. Já se passou tanto tempo, só sei que esse comentário me marcou de forma negativa. Nessa mesma época, minha mãe lutava para me embranquecer, alisava meu cabelo e sempre dizia que eu não era negra, era uma forma de me proteger, então cresci achando que não era negra.

Segundo Almeida (2019, p. 25):

[...] racismo é uma forma sistematizada de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, ao depender do grupo racial a qual pertençam.

Depois que ingressei na faculdade de Pedagogia e passei a lecionar na escola pública, tomei conhecimento e percepção do racismo estrutural, por isso comecei a estudar sobre as relações étnico-raciais e a trabalhar práticas antirracistas com as crianças que abordam a identidade e autoestima.

Atualmente, como estudante de mestrado, trabalho a leitura e contação de histórias com ênfase em valores; dessa forma, eu conto histórias para as crianças que abordam temas como diversidade, cultura africana, e os exploro com os estudantes por meio da literatura, bem

como a autoestima das crianças negras, sua identidade, a contribuição das culturas africanas para o Brasil, temas fundamentais e que devem ser trabalhados o ano todo, não somente em datas específicas ou semanas temáticas.

Contudo, as escolas ainda não abordam de maneira adequada a formação de professores na temática das culturas afro-brasileiras, e esperamos que os professores percebam a importância de incluir esse tema em seus currículos e formações, começando pela aquisição de bons livros com a temática étnico-racial nas bibliotecas das escolas, além de trazer as culturas africanas através das músicas, danças e comidas, como uma forma de valorizá-las.

Durante a minha trajetória no mestrado profissional, comecei a aprofundar meus conhecimentos sobre escritores negros e negras e realizar a leitura sobre Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, mulheres guerreiras, que passaram por muitas dificuldades financeiras, situações de racismo e exclusão, mas que por meio da leitura e escrita ressignificaram o mundo, dando sentido para suas vidas e rompendo as barreiras da exclusão social, vencendo obstáculos.

Conceição Evaristo começou a trabalhar com oito anos como empregada doméstica e ajudava sua tia como lavadeira, tinha o desejo de ser professora, e “uma das grandes alegrias de sua infância foi descobrir a biblioteca pública. Foi como encontrar o mapa de um tesouro infinito: uma imensidão de livros para explorar!” (Nilha, 2021, p. 13).

Durante a década de 1990, Conceição se tornou mestre em Literatura Brasileira e continuou publicando poemas e contos nos “cadernos negros”. Sua literatura surgiu como um grito de afirmação da voz de quem sempre esteve à margem da história oficial do país. Ao criar relatos e versos a partir de sua condição de mulher negra, Conceição dava vida a personagens tornados invisíveis por uma sociedade desigual e preconceituosa (Nilha, 2021, p. 25).

Em seu livro (Nilha, 2021), Conceição Evaristo se considera uma exceção, uma mulher negra que se tornou uma voz contundente na literatura e cruzou fronteiras consideradas impossíveis, assim como Carolina Maria de Jesus é um exemplo de resistência e luta pela igualdade social; essas mulheres guerreiras nos ensinam e inspiram a transgredir essa sociedade excludente e lutar por uma sociedade igualitária e antirracista. Essas mulheres continuam nos encantando com suas histórias de tantas lágrimas e tanta Esperança; através dos seus exemplos de vida elas nos fortalecem e nos capacitam a cruzar fronteiras e criar espaços para fazer ecoar nossas vozes.

Essas histórias não são de vitimização e autocomiseração das pessoas negras, são inspirações que transmitem valores que ainda hoje são fundamentais na formação de sujeitos sociais; são esses valores que me constituíram como educadora, uma educadora que vê na

cultura da contação de histórias por minhas avós fundamentos educacionais possíveis de serem inseridos e transmitidos no ambiente de sala de aula, onde conto histórias para que as crianças sejam despertadas para os valores sociais e culturais, ressignifiquem sua própria história e com esses conhecimentos possam ser agentes transformadores de si e de seu entorno.

CAPÍTULO 2 – MEDIAÇÃO DE LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: FORMAÇÃO DE VALOR(ES)

Muito já se tem escrito e falado sobre o papel importante que a mediação da leitura e a contação de histórias, realizadas pelo(a) professor(a), tem na formação e desenvolvimento da criança. Paulo Freire (2005a) é um dos precursores que marcou a história da leitura no Brasil. Ele afirma que ler não é apenas decifrar códigos, mas sim uma “leitura de mundo”, que nos impulsiona a compreender nosso papel como sujeitos sociais inseridos em um universo complexo e em constante transformação. Ensinar a ler, nesse contexto, leva à interpretação e à construção de novos mundos e realidades que, de acordo com a concepção de Lerner (2002, p. 17), é um processo amplo e criativo:

Ensinar a ler e escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito, é o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos da comunidade de leitores e escritores (Lerner, 2002, p. 17).

A leitura e a escrita significativas para o educando e educanda vão além da alfabetização, pois estão relacionadas com as experiências que esses sujeitos vivenciam fora da sala de aula e o uso social dessas práticas para resolução dos problemas cotidianos, e a capacidade de criar novos caminhos e possibilidades. Silva (1992, p. 42) afirma que a “leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, e mais essencial ainda à própria vida do ser humano”. A leitura permite que o indivíduo crie e recrie e se situe no mundo, de forma a modificá-lo com suas atitudes e ações.

Segundo Solé (1998, p. 23):

Para ler necessitamos simultaneamente manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias, precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (Solé, 1998, p. 23).

As habilidades de leitura, como abordado acima, referem-se à capacidade de ativarmos o conhecimento prévio que temos ao aprendizado da leitura e de realizarmos inferência quando lemos, ou seja, ler nas entrelinhas, captando os sentidos que não estão claramente expressos no texto, navegar além do texto e acolher o contexto, conectando-o com o passado e com o futuro, e dando-lhe significado no presente.

Vygotsky (1998) argumenta sobre o papel da leitura na formação da consciência

histórica da criança e em seu papel como cidadã no mundo. Para ele, a compreensão da leitura e da escrita não se dá de forma isolada, mas é construída nas relações sociais do indivíduo, na relação com os outros e outras, bem como com os conhecimentos e experiências. A perspectiva histórico-social de Vygotsky é um convite contundente para que os docentes estejam atentos à importância que a mediação cultural tem no processo de aprendizagem da leitura, criando espaços de trocas e fomentando relações que proporcionem um aprendizado de leitura e escrita comprometido com a vida, a partir do qual se dá o processo de humanização, onde o ser humano não é apenas produto do seu ambiente, mas é agente ativo de criação e transformação do mesmo (Costas; Ferreira, 2011).

Rinaldi (2021) celebra a abordagem das “Cem Linguagens da Criança” de Mallaguzi, reconhecendo que a arte, como construção de conhecimento, é criadora de novas linguagens e de aprendizagens significativas. Essas experiências de imaginação e aprendizagens abrem portas para diferentes saberes e para a construção de valores de uma comunidade colaborativa e criativa, que reconhece a criança como sujeito histórico e de direitos, que constrói sentidos sobre a vida, a natureza e a sociedade, produzindo cultura e criando novos mundo.

A contação de histórias é uma arte que vai além da técnica, é um diálogo com o ouvinte, muitas vezes permeada de mistérios. É uma experiência que atravessa inúmeras linguagens, passando pela oralidade, sonoridade, brincadeiras, linguagens visuais, musicais, corporais e muitos outros. Desafia o tempo e cria novas temporalidades, por isso é uma experiência que forma leitores antes mesmo deles aprenderem a ler. É um processo que invade os sentidos, as emoções, o corpo e desperta na criança sonhos e fortalezas, e que pode realmente contribuir para a afirmação do seu lugar de protagonismo e autoria no seu processo de aprendizagem.

As brincadeiras também são parte desses processos de aprendizagem, imaginação e formação de valores. Piorski (2013)⁴, em sua entrevista “Território do Brincar”, menciona a importância que as brincadeiras têm na construção da identidade da criança e na formação de seus valores. Ele cita várias experiências nas quais as crianças, através de suas brincadeiras, despertam a imaginação e encontram a dimensão do humano e o valor do convívio social.

Piorski afirma que as experiências de enraizamentos e estruturação que existem nas brincadeiras, nas quais as crianças usam a sua força para construir, cavar buracos, modelar, cozinhar, fortalecem os valores de confiança, respeito, alteridade e partilha que

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbSNE1T6Uyw>. Acesso em: 26 out. 2023

potencializam e nutrem o sentido de pertencimento e identidade que brotam do reconhecimento da existência do outro e da sua dignidade.

Um dos objetivos desta pesquisa foi articular a relação entre mediação de leitura e contação de histórias na formação de valores na vida da criança. Desenvolver valores na escola através da leitura e contação de histórias não significa usar a literatura para inculcar valores nas crianças, mas, sim, utilizar o espaço de sala de aula para promover um diálogo coletivo, em que seja possível auxiliá-las a compreender a importância dos valores morais, éticos e sociais, como amizade, solidariedade, respeito e coragem. A partir da interação entre as crianças e o(a) professor(a) espera-se que surja um aprendizado em que a leitura e a literatura sejam descobertas como fortes aliadas na formação de sujeitos sociais.

Quando falamos de valores, levamos em consideração que estes podem mudar de acordo com a cultura e o contexto social. A análise aqui apresentada parte da intenção de aprofundar a reflexão sobre alguns valores, tais como a solidariedade, o respeito à diversidade, a amizade e a coragem, que estiveram presentes na trajetória da pesquisadora e em sua vida familiar, descrita no memorial que introduz esta dissertação. Reconheço que é imprescindível que os educadores desenvolvam uma escuta sensível das ideias e opiniões das crianças. Para que essa escuta produza efeitos transformadores, tanto para educadores(as) quanto para educandos(as), se faz necessário que a escola tenha a percepção desse aspecto no Ensino Fundamental e prepare seus professores para que, por meio da leitura de livros, construam uma ponte para o fortalecimento da identidade de cada criança.

A contação de histórias é vista como uma possibilidade de criar uma conexão com as crianças para despertar a imaginação, a criatividade e auxiliar no desenvolvimento de sentimentos que contribuirão para a formação de crianças cidadãs, com potencial transformador de sua própria realidade e entorno social. Busatto relata que: “contar histórias é uma arte, uma arte rara, pois sua matéria prima é o imaterial, e o contador de histórias um artista que tece os fios invisíveis desta tela que é o contar” (Busatto, 2012, p. 9).

Desse modo, as crianças, quando refletem sobre valores em sala de aula por meio da literatura infantojuvenil, podem construir conhecimentos a respeito de um tema importante para a própria formação individual, fortalecendo princípios que serão incorporados e compartilhados no contexto social em que estão inseridas.

Ao educador(a) cabe a tarefa de construir diálogos significativos com os estudantes, para desenvolver uma escuta sensível de suas ideias e opiniões. Para que essa escuta produza efeitos transformadores, tanto para educadores(as) quanto para educandos(as), como diz Freire (1979, p. 84), é importante entender que a “educação transforma pessoas e pessoas

transformam o mundo” nesse entrelaçado de encontros e aprendizados. Para que esses processos aconteçam é essencial desenvolver espaços e separar tempo na escola para a formação dos educadores(as), de forma que possam utilizar a leitura e a contação de histórias de livros infantojuvenis como um caminho para fortalecer e construir a identidade de cada criança.

Na concepção de Paulo Fochi, em entrevista concedida a Canguru News⁵, acolher a criança é se abrir à surpresa do que ainda não se sabe. É um estado de curiosidade e atenção ao que emerge do encontro com o outro. Machado (2015) reafirma a necessidade do(a) educador(a) se abrir a um constante aprendizado da escuta. A autora menciona que é preciso educar a escuta e que a mesma depende de uma intenção e preparação, em que o silêncio do docente é fundamental, pois abre espaço para a redescoberta da alegria do encontro que se dá em uma relação de acolhida.

Na discussão sobre valores, espera-se que os(as) educadores(as) demonstrem exemplos a partir de suas atitudes profissionais e das relações que estabelecem com suas turmas. Nesse sentido, uma das professoras entrevistadas nesta pesquisa afirmou que: “O valor de solidariedade, por exemplo, pode ser aprendido por uma criança quando ela observa um adulto ajudar um senhor a atravessar a rua”.

Arantes; Araújo e Puig (2007) compreendem os valores como uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, objetos ou pessoas. Os autores definem tal concepção de maneira simples e objetiva: “valor é aquilo que gostamos, que valorizamos e, por isso, pertencente à dimensão afetiva constituinte do psiquismo humano. Ainda não estamos nos referindo, portanto, a valores morais” (Arantes; Araújo; Puig, 2007, p. 20).

Os momentos de contação de histórias, além de desenvolverem o aspecto cognitivo e informativo, influenciam na construção afetiva da memória. Quando acontece a contação de histórias, é gerada uma conexão entre o(a) professor(a) e os(as) ouvintes. Trata-se de uma conexão que envolve afeto e respeito, pois os valores também são feitos de afetos. Então, ao mesmo tempo em que conta uma história, o(a) educador(a) precisa estar sensível aos olhares, gestos de afirmação ou mesmo de negação, de interesse, ou de distração, pois as histórias têm valores e, de forma direta ou indireta, vão representar esses valores em seu enredo.

Tognetta e Menin (2017, p. 17) explicam que “os valores revestem de qualidades as coisas, as pessoas, as intenções, são também as razões que justificam ou motivam nossas ações, tornando-as preferíveis a outras”. O ser humano dá valor às coisas de acordo com seu

⁵ Disponível em: <https://cangurunews.com.br/livros-escola-paulo-fochi/>. Acesso em: 18 set. 2023.

contexto social e sua cultura, o que nos leva a perceber a existência de diferentes tipos de valores. Ainda de acordo com as autoras os valores podem ser “estéticos (harmonia, belo, feio); religiosos (sagrado, pureza, santidade); políticos (cidadania, imparcialidade); vitais (saúde, força); morais (solidariedade e respeito)” (Tognetta; Menin, 2017, p. 17).

Em muitos contextos, os conceitos de moral e ética são vistos como sinônimos, ambos definidos como um conjunto de regras de condutas consideradas obrigatórias, socialmente aceitas e apropriadas. La Taille (2006) afirma que este fato é compreensível, uma vez que os dois vocábulos, tanto em sua origem do latim (moral) como do grego (ética) definem o campo de reflexão sobre atitudes e costumes dos seres humanos como sua legitimidade, validade, desejabilidade e exigibilidade. La Taille (2006) também menciona a existência de uma diferenciação dos dois termos, definindo moral como um fenômeno mais social, e ética como uma reflexão mais filosófica e científica.

O autor também sinaliza que os desdobramentos do termo moral foram revestindo o conceito com um teor pejorativo, associado ao moralismo, que significa um conjunto de regras de conduta impeditivas de certos comportamentos e atitudes, impostas por alguns segmentos da sociedade. Nesse contexto, a palavra moralismo poderia eventualmente gerar atitudes de intolerância ou preconceito; sendo assim, o termo “ético” é mais utilizado do que o termo “moral” para definir o conjunto de atitudes que criam os parâmetros de respeito e integridade.

Neste trabalho, é importante afirmar que não se busca associar o conceito de valores a uma concepção moralista e doutrinária, mas a uma reflexão que leve à construção de atitudes que visem o bem comum e criem vínculos de respeito, solidariedade e amizade no espaço da escola, e que transbordem além dela. Entretanto, reconheço que absolutizar os valores sem se interrogar e questionar a forma como foram gestados pode levar à legitimização de certas estruturas de poder e sistemas de exclusão.

Percebi, em minha prática, que a dinâmica de construção das rodas de contação de histórias tem um grande potencial de acolhimento e valorização da diversidade, e pode ser canal de promoção de valores de colaboração, respeito e inclusão. Deste modo, entendo que o contador de histórias deve estar atento à escolha das histórias e das palavras que usará para promover encontros em lugar de distâncias e criar pontes em lugar de muros. Segundo Benjamin (2018), o contador de histórias sempre sabe dar conselhos; para ele, contar vai além de uma técnica, é algo tão digno que, sempre ao finalizar uma contação, acontece a transmissão de sabedoria e experiência reveladas através da narrativa. Acredito que para Benjamin o processo de contar histórias demanda reverência e um respeito profundo pelos que estão escutando, cuja escuta não é passiva e deve ser conectada e interativa. Por isso, o contador de

histórias deve ser atento, humilde e consciente de que o saber é construção e desconstrução, é palavra e silêncio que se dá na reciprocidade do encontro e no fluir da acolhida da oferta de cada participante, da riqueza da partilha e disposição para o aprendizado compartilhado, que gesta novos saberes, encontros e valores.

Alicerçada em princípios como circularidade, ludicidade, ancestralidade e comunitarismo, valores civilizatórios afro-brasileiros reivindicados pela pensadora Azoilda Loretto Trindade (2023), busquei refletir com os alunos, através da mediação e contação de histórias de cinco livros infanto-juvenis, sobre atitudes e valores importantes em nossos relacionamentos.

Os valores identificados pelos alunos a partir das histórias lidas foram amizade, solidariedade, respeito e coragem. As oficinas de contação estão descritas com mais detalhes no capítulo 4, que trata sobre os procedimentos metodológicos.

De acordo com o que mencionei acima e a bibliografia revisada neste trabalho, entendo que toda sociedade tem padrões sociais de conduta, por isso é relevante discutir as noções de moral e ética na escola com as crianças, desde as séries iniciais, por meio da literatura e do despertar de sua imaginação e afetos, isto é, através da leitura, contação de histórias e sua discussão, criar possibilidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos, desenvolvam um sentido crítico e analítico e construam juntas uma compreensão dos valores que são importantes para as suas vidas e comunidade, que promovam relações mais igualitárias, solidárias e empáticas, e desafiem atitudes de violência, exclusão, preconceitos e racismos.

Em minha infância, passei por situações em que o racismo esteve presente, e isso me impactou de forma negativa; naquela época eu não tinha entendimento do que significava o racismo e não tinha os recursos emocionais para lidar com certas atitudes que me tocavam e feriam. Não se falava muito sobre o racismo estrutural, e a cultura da meritocracia imperava. Só mais tarde fui compreender a dimensão do que vivi e de como é importante falar sobre essas questões e criar espaços seguros onde as crianças possam expressar suas dores e dilemas sem serem diminuídas e ridicularizadas.

A partir do que vivi e vi, daquilo que tocou e toca as fibras do meu ser, fui entendendo o significado de reconhecer a dignidade da diversidade e a importância de abraçar a beleza e sacralidade na diferença, sobretudo as mais marginalizadas e excluídas em nossa sociedade. Por isso, o respeito à diversidade foi um dos valores que trabalhamos na história “Meu Crespo é de Rainha” em uma das oficinas de contação, a qual gerou uma discussão muito interessante. As crianças precisam ter seu lugar de voz na sociedade e ser parte de encontros e discussões nos quais o saber vá além das fronteiras cognitivas, dos currículos

conteudistas, afirmando a beleza e riqueza da diversidade e envolvendo aspectos afetivos, sociais e relacionais. De acordo com Friedmann (2020), escutar e reconhecer a voz das crianças demanda um cuidado ético em que devemos respeitar os seus tempos, seus ritmos, sua intimidade, suas escolhas, abrir-nos aos seus potenciais, aceitar suas limitações e preferências para não excluir seus mundos.

A compreensão do conceito de interculturalidade e a busca de propostas pedagógicas que busquem ouvir a criança e afirmar os valores de igualdade na pluralidade são urgentes em nosso tempo. A Escola necessita fomentar relações de cooperação, de construção de amizades, de celebração e respeito pela diversidade e revisitar as palavras que usam e as experiências que promovem. Larrosa (2022) relata que as palavras são produtoras de sentido, criadoras de realidades e mecanismos de subjetivação; ele acredita no poder dessas palavras que dão sentido ao que somos e ao que nos acontece. Nesse contexto, ele discorre sobre a experiência como algo que nos acontece, que nos passa, que nos dá sentido e significado e que nos atravessa.

Uma das responsabilidades da escola na formação de crianças é promover encontros de vida com entusiasmo, em que as experiências de reflexão e compreensão do que se lê, do que se conta, do que se estuda e do que seja impregnado de vida façam sentido para os estudantes. Esses elementos devem estar presentes nas práticas educativas com as crianças, pois são fundamentais para a humanização do ensino, para a construção de relacionamentos saudáveis, para gerar alegria e esperança e também diálogos sobre atitudes que demonstram racismo, que muitas vezes surgem na escola.

Para Almeida (2016)⁶, o racismo estrutural é comumente associado com a questão de violência direta contra a pessoa negra, indígena, judeu, cigano etc. Quando ocorrem ofensas ou impedimento a alguém em detrimento de sua liberdade de ir e vir ou frequentar certos ambientes, percebemos claramente uma prática de discriminação.

Costumamos tratar o racismo como uma anormalidade, mas a noção de racismo estrutural conceitua a discriminação como algo que é normalizado socialmente. O racismo se constitui por meio de relações de subalternidade normalizadas a partir de uma mentalidade eurocêntrica, onde um grupo é considerado melhor, mais capaz e apto a exercer autoridade e controle sobre o outro. Nesse caso, foi instaurado um processo de desumanização das pessoas negras caracterizado pela violência cruel e vergonhosa chamada escravidão.

Nossa cultura e sociedade ainda carregam em si essas marcas cruéis, as quais foram

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>. Acesso em: 26 out. 2023.

se enraizando e se tornando parte de um padrão social aceito e legitimado. A Escola tem um papel fundamental em reconhecer a existência do racismo e lutar contra ele de forma consciente e organizada, buscando extirpar esse mal que tem causado tanta dor e sofrimento nas pessoas e que marcam as crianças de uma forma nociva e perniciososa. Sou consciente de que muitos passos já foram dados, mas uma longa caminhada ainda nos desafia a unir nossas vozes e esforços para destruir esse mal.

Para Sant'Ana (2005, p. 40) “o racismo ainda é muito forte nos dias atuais, mas também cresce o nível de consciência que o racismo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado [...]”. Segundo Mbembe (2017), a identidade negra foi construída através de um conjunto de práticas e discursos que fabricaram a pessoa negra como um ser selvagem, e todo um programa de dominação e exploração trabalhou para desqualificá-la. O texto de Mbembe, aponta para o poder da colonização e de como ela criou uma subjetividade desumanizadora que normalizou o racismo e as desigualdades como consequência da violência do neoliberalismo. A necessidade de destruir esses colonialismos, desconstruir esses imaginários de superioridade e inferioridade e de trabalhar pela afirmação da nossa humanidade compartilhada demanda intencionalidade e esforço da nossa parte como educadores(as) comprometidos com a transformação social.

Dessa forma, a escola deve discutir o racismo e formar seus educandos criticamente, fundamentando-se em autores que reflitam profundamente sobre o assunto e tenham uma compreensão da dimensão e impacto que esse tema tem na vida das crianças. É importante e urgente formar e desafiar os educadores(as) a abordarem esses conteúdos de modo que a cultura negra seja apresentada positivamente para as crianças, desconstruindo estigmas e estereótipos que, muitas vezes, são parte da linguagem, currículos e práticas educativas.

Vivemos em uma sociedade na qual o racismo é estrutural, conforme afirmado anteriormente. Logo, em uma realidade como a brasileira, as histórias trabalhadas em sala de aula podem e devem contribuir para uma leitura antirracista de si e do mundo. Podemos inferir que a criança negra, ao escutar uma história sobre o protagonismo dos negros em sala de aula, fará uma leitura e interpretação que certamente a auxiliarão a desenvolver sua autoestima. A leitura de histórias com protagonismo negro colabora, inclusive, para que crianças brancas percebam que as pessoas pretas também ocupam e ocuparam lugares de saber e poder. Na concepção de Lopes (2005, p. 187):

Os negros, ao longo da história do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar

resolvê-los, fazendo com que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir.

É imprescindível que a escola inclua de maneira efetiva em seus currículos conteúdos étnico-raciais e ofereçam aos(as) educadores(as) formações sobre essa temática, de forma que possam aperfeiçoar seus conhecimentos para abordar com qualidade esse assunto em sala de aula. Lopes (2005) coloca o educando como sujeito ativo, aquele que identifica, combate e busca lutar por melhores condições sociais. Nesse processo de diálogo e reflexão, a leitura pode colaborar para a formação de crianças críticas.

Segundo Gallo e Souza (2016), o racismo pode ser aprendido com um adulto, mas a educação pode diminuir os estragos desse tipo de preconceito, ajudando a criança a se relacionar com o outro a partir da empatia e do respeito. Entretanto, a escola tem um papel fundamental para a formação de valores sociais das crianças. Almejamos uma escola que tenha um espaço para escutar as crianças e permita que elas expressem suas ideias, sonhos, conhecimentos e valores, por meio de histórias que discutam princípios de diversidade, solidariedade, amizade e coragem.

Situações criadas pela leitura, pela contação e pela discussão das narrativas infantojuvenis fazem com que os estudantes possam ver, compreender e significar a complexidade do mundo.

Por meio das entrevistas realizadas com os professores e as professoras para esta pesquisa, foi possível perceber que há uma reflexão sobre valores com os educandos a partir das suas convivências e interações com os colegas. Como argumentou uma professora entrevistada: “eu não costumo ensinar histórias para ensinar algo, só que considero que as histórias, mesmo que eu não queira, ensinam algo, porque representam um conjunto de valores de um determinado autor, de uma determinada comunidade”.

No decorrer da pesquisa em campo e da prática docente da pesquisadora, notou-se que as crianças aprendem sobre valores por meio da observação e experimentação de sentimentos relacionados ao respeito, solidariedade, amizade e coragem trazidos pelos livros e também presentes no convívio com colegas, professores(as) e família, não por meio de uma lista de conteúdos expostos pelo(a) professor(a). A escola é responsável pela formação de cidadãos críticos e capazes de transformar sua realidade. Se preza pelo investimento em um ambiente propício para a discussão e reflexão de valores humanizadores, com certeza construirá a base para a formação de uma sociedade mais justa, na qual o convívio social seja digno e vise ao bem comum.

Entretanto, é necessário entender que, em muitos casos, o saber está a serviço de

uma classe dominante, por isso precisamos dialogar e repensar os valores a partir de diferentes realidades, considerando sobretudo os contextos marginalizados e invisibilizados.

Muitas vezes ouço que o sistema de cotas é injusto, o que revela como alguns valores podem ser vistos e defendidos de forma diferenciada, dependendo da perspectiva de quem olha. Trago para esta discussão uma história citada por Vigotski (2010, p. 296):

Conta-se que na escola espartana obrigavam as crianças a servirem à mesa durante o almoço dos adultos. Nesse interim a criança deveria roubar alguma coisa, e era castigada tanto quando não podia fazê-lo quanto quando era apanhada com a mão na massa. A tarefa moral dessa experiência consistia em roubar sem ser apanhado [...].

Essa história nos mostra que, dependendo da cultura e contexto histórico, os valores celebrados por um grupo podem ser considerados errados em outro grupo social. Essa história me fez pensar que, muitas vezes, os valores podem estar associados a uma moral determinada por um grupo privilegiado que cria as leis e pune aqueles que não são parte do mesmo grupo social, excluindo, assim, os mais pobres, os negros, os indígenas, as mulheres, entre outros.

Falar sobre a formação de valores no âmbito da educação constitui um grande desafio, pois corre-se o risco de não se considerar o contexto e a cultura dos menos favorecidos e de legitimar valores determinados por uma cultura hegemônica que são reproduzidos na sociedade e aumentam as injustiças e exclusão de certos grupos. Por essas razões e muitas outras que produzem injustiças, é fundamental criar mecanismos para escutar as vozes desses grupos marginalizados e incluí-los nos processos de criação das leis e na produção de políticas públicas.

A leitura, na amplitude e riqueza das concepções apresentadas por Paulo Freire (2005a) e Vygotsky (2010), revelam a importância de trabalhar um conceito de leitura que vá além da decodificação de signos e símbolos, mas que facilite a interpretação do mundo em um sentido mais amplo. Uma dimensão importante da leitura é a escuta das diferentes vozes das crianças. A escola tem o desafio e o privilégio de fomentar esse tipo de leitura que desperta a voz de pessoas que estão à margem da sociedade, para que elas possam questionar e transformar estruturas de poder que são excludentes e racistas.

A leitura que envolve a contação de histórias alinhavada com valores pode nos ajudar a acolher dores e dilemas das crianças, a celebrar suas esperanças, potencializar seus sonhos e a reinventar o tempo. Aqui atrevo-me a parafrasear Rinaldi (2021) ao dizer que devemos aprender com as crianças de que o tempo é um valor sociocultural por meio do qual podemos redescobrir ritmos, criar valores e despertar os afetos dos humanos neste mundo.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1. Escolha do método

Esta pesquisa constitui-se como qualitativa, composta pela junção de métodos de uma pesquisa participante, que auxiliou no desenvolvimento da dissertação. O caráter qualitativo, segundo Oliveira (2007, p. 61), define-se pela proposta de averiguar, com maior profundidade, “o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento”.

Para o desenvolvimento das oficinas de contação de histórias, utilizei o método de observação direta em sala de aula com a mediação da leitura, na perspectiva de criar um vínculo com as crianças ao mesmo tempo que contava as histórias, desenvolvendo, assim, maior interação e percebendo suas reações e atitudes durante a aplicação da atividade. Segundo Angrosino (2009) o observador participante não é apenas um cientista, mas necessita se esforçar para se relacionar com as pessoas.

Brandão (1999) nos ajuda a refletir sobre esta questão quando afirma que:

[...] conhecer a sua própria realidade. Participar da produção deste conhecimento e tomar posse dele. Aprender a escrever a sua história de classe. Aprender a reescrever a história através da sua história. Ter no agente que pesquisa uma espécie de gente que serve. Uma gente aliada, armada dos conhecimentos científicos que foram sempre negados ao povo, àqueles para quem a pesquisa participante – onde afinal pesquisadores-e-pesquisados são sujeitos de um mesmo trabalho comum, ainda que com situações e tarefas diferentes – pretende ser um instrumento a mais de reconquista popular (Brandão, 1999, p. 11).

Para realizar uma boa pesquisa, o pesquisador deve ser uma pessoa que serve, que busca dar o seu melhor e, assim, contribuir para desenvolver um ensino de qualidade, assumindo o compromisso com os estudantes. Freire (2015) ressalta: “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar e anunciar a novidade” (Freire, 2015, p. 30-31).

Larrosa (2022, p. 18) menciona que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Portanto, a experiência ocorre quando há profundidade e sentido em nossas práticas (Larrosa, 2022).

Durante o desenvolvimento das oficinas houve preocupação da minha parte quanto ao meu preparo emocional e psicológico para realizar a mediação de leitura e contar as histórias para as crianças, pois essas histórias estavam intrinsecamente ligadas à minha

trajetória de vida, e isso me tocou profundamente. Cada valor presente nas histórias me reportava aos valores ensinados e aprendidos com a minha família e todos aqueles que foram responsáveis pela minha constituição de indivíduo e cidadã.

Quando entrava em sala de aula para contar histórias não era indiferente aos sentimentos dos alunos, suas dores e vivências após um período desafiador de pandemia; as escutas das histórias dessas crianças desenvolveram em mim experiências profundas.

Além da observação direta, na mediação de contação de histórias, utilizei o método Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) com o método de Narrativas, para analisar os depoimentos concedidos pelos professores(as) participantes da pesquisa. Os dois métodos, apesar de distintos, colaboraram para avaliação e compreensão das informações coletadas e percebidas.

Lefèvre (2017, p. 17) esclarece que “[...] os depoimentos coletivos veiculam histórias ou narrativas coletivas a respeito de um dado tema ou problema pesquisado”; no caso, pesquisamos sobre o tema da leitura e contação de histórias na ótica dos professores que usam desse recurso no processo de ensino. Outro ponto do Discurso do Sujeito Coletivo é o resgate de “opiniões ou expressões individuais que apresentam sentidos semelhantes”, e quando essas opiniões e expressões são agrupadas através de entrevistas com perguntas ou questões abertas dão origem a um conteúdo síntese, isto é, conseguimos redigir a opinião, o depoimento de uma coletividade, transformando-o no depoimento de um único participante, daí a denominação de Discurso do Sujeito Coletivo. Entretanto, mesmo representada por um indivíduo, essa síntese relaciona-se a uma coletividade, ou seja, a nossa voz é única e, quando conseguimos unir várias vozes, nos fortalecemos, o que colabora para a compreensão da proposta dessa pesquisa, que traz como tema: Leitura, Contação de Histórias, Mediação e Valores Sociais (Lefèvre, 2017, p. 17).

Para as narrativas temos a seguinte concepção: “[...] pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participante, ao longo de um tempo, em um lugar ou série de lugares [...] pesquisa narrativa são histórias vividas e contadas” (Connelly; Connelly, 2011, p. 51).

Infelizmente, na minha trajetória como educadora observo que as narrativas não são tão presentes na escola. Adquiri o hábito de narrar depois de participar, em 2019, do Grupo de Alfabetização em Diálogo – GRUPAD, um grupo de formação constituído por professores e professoras do Ensino Fundamental I e Infantil, coordenadores pedagógicos e formadores de professores que atuam nas redes públicas e privadas de ensino para discutir e refletir sobre a prática escolar na alfabetização; os encontros aconteciam na Faculdade de Educação da Unicamp.

Esses encontros, cheios de partilhas, dúvidas e inquietações me enchiam de esperanças e me ajudavam a aperfeiçoar meus conhecimentos por meio das trocas com as colegas e trabalho em equipe, que me fortaleciam e me encorajaram a seguir melhorando minha prática pedagógica. Os estudos realizados no grupo aconteciam de forma colaborativa, e sempre registramos nossas narrativas sobre nossas práticas pedagógicas, reforçando em mim o gosto pela escrita de narrativas, o que foi aprimorado no ingresso no mestrado profissional nas disciplinas ministradas pelos professores Guilherme e Liana, referências nesta Pesquisa.

3.2 Instrumentos de coleta de dados

Nos estudos desta pesquisa utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: a ministração de oficinas de leitura e contação de histórias oferecidas para observar a perspectiva da produção de sentido pelas crianças após a leitura de cada livro selecionado, e aos professores aplicamos um roteiro de entrevista semiestruturada para colher impressões a respeito da leitura e contação de história como estratégia pedagógica de ensino e aprendizagem sobre valores.

3.3 Contação de histórias e mediação

Para a realização da mediação e contação de histórias da literatura infantojuvenil escolhemos livros indicados para a faixa etária de 5 a 13 anos do terceiro e quinto ano do Ensino Fundamental. São obras que possibilitam às crianças discutirem sobre assuntos como: respeito à diversidade, amizade, solidariedade e coragem, conceitos bem presentes na sociedade atual, necessários à constituição do cidadão de amanhã. A contação de histórias para as crianças constituiu um desafio para esta pesquisadora pelo fato de possuir familiaridade na mediação utilizando o objeto livro. Nesse sentido, a contação de histórias envolve aspectos como a entonação de voz, bem como os gestos e posturas do mediador para despertar a imaginação da criança, no sentido de que ela consiga vislumbrar e sentir a história a partir do que o mediador está transmitindo.

Na oficina de contação de histórias, foi necessário realizar um planejamento que incluía a leitura e estudo da história, bem como com a elaboração de perguntas relacionadas à história para serem realizadas às crianças. Após cada contação da história, fiz a gravação dos diálogos com as crianças sobre os livros: “A menina e o pássaro encantado”, de Rubem Alves (2019); “Chuva de Manga”, escrita por James Rumford (2006); “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, escrita por Mem Fox (1995), “Malala”, de Adriana Carranca (2015) e “Meu Crespo

é de Rainha” escrita por bell hooks⁷(2018).

A primeira história contada foi a do livro “A menina e o pássaro encantado”. Impossível não sentir aquele frio na barriga que antecede um novo acontecimento. Ao entrar na sala, percebi que as crianças estavam mais caladas, talvez por estarmos retornando às aulas presenciais, após um período de afastamento das atividades devido à pandemia.

Para mim, seria um novo recomeço... voltar à sala de aula presencialmente, após o período on-line, e desempenhar o papel de contadora de histórias. Enquanto ajeitava os objetos que levei para usar no momento da contação ganhava tempo para me acalmar e revia na memória as ocasiões em que me sentava na sala para ouvir as histórias de minha avó.

Foi uma experiência muito significativa e emocionante, que exigiu um esforço de minha parte para instigar as crianças a participarem da roda de conversa sobre as histórias. Ao longo da atividade, percebi que alguns participaram mais do que outros. Após a contação da primeira história, fizemos a discussão sobre as impressões das crianças; elas falaram sobre o valor da amizade do pássaro com a menina e refletiram que, mesmo quando estavam separados, a amizade continuou a existir entre as personagens, argumentando acerca da importância de se ter amigos com quem podemos compartilhar histórias.

Esse encontro com as crianças me ajudou a refletir sobre o que preciso melhorar e aperfeiçoar na contação de histórias.

3.3.1 Oficinas de Contação de História

Karingana ua karingana é uma expressão de origem moçambicana da língua Ronga que constitui parte intrínseca do diálogo entre quem conta uma história e quem a escuta (Barbosa, 2012). O contador diz “karingana ua karingana”, e quem deseja ouvir a história responde “Karingana”, e ao redor dessa palavra mágica se iniciava a contação de histórias.

A Exposição Karingana no SESC do Bom Retiro de São Paulo (2023), sob a curadoria da professora Ananda Luz da Casa Tombada, nos faz o convite para uma escuta que vai além da palavra, e que desperta a riqueza das cem e muitas outras linguagens da criança, reconhecendo e dando visibilidade à força e à beleza da presença negra na literatura.

Em agosto de 2023, fui atravessada pelo som, pelo ritmo e pela beleza de ‘karingana’, senti que era uma expressão muito forte, que se conectava tanto com a minha ancestralidade quanto com o sentido dos contos e encontros que permeiam esta pesquisa.

⁷ A autora Glória Jean Watkins adotou o pseudônimo de “bell hooks”, escrito com letra minúscula, em virtude de uma posição política para enfatizar mais as ideias em suas obras do que a sua pessoa. Ver à *Glória, seja ela quem for: sobre usar um pseudônimo* (hooks, 2019).

Tratava-se de um convite irrecusável para entrar na roda, como quem conta, mas também escuta, como educador aprendiz, que se deixa transformar e encantar nas partilhas e encontros. Karingana ua karingana!

A partir de um diálogo horizontal e de muitos encontros, comecei a me preparar para as oficinas de contação de histórias, que foram desenvolvidas em uma escola do Centro Educacional Integrado de Louveira – CEIL Fundamental Bairro. A sala de aula era composta por 25 alunos (12 meninos e 13 meninas) do quinto ano, com faixa etária entre 10 a 11 anos; desses alunos, 04 são negros.

Primeiramente, considerando as garantias éticas que envolvem uma pesquisa acadêmica com seres humanos, este estudo se realizou dentro dos parâmetros do respeito pelos estudantes, passou pelo Comitê de Ética da Unicamp⁸, e foi autorizada pela escola na qual ocorreram as oficinas. Os educadores participantes do estudo também aceitaram colaborar na realização das atividades das oficinas de contação de história.

Depois dessa etapa, após cada livro contado, eu estabeleci um diálogo com as crianças a respeito da história, fortalecendo o vínculo entre a professora pesquisadora e seus alunos. Os diálogos produzidos durante as oficinas foram reproduzidos à seguir. A fala das crianças na transcrição, foi adequada para a norma culta. O primeiro livro contado foi: “A menina e o pássaro encantado”, escrito pelo autor Rubem Alves. A oficina aconteceu em 20 de setembro de 2021, período imediatamente posterior ao retorno das atividades escolares após o isolamento social decorrido pela pandemia da Covid-19.

Utilizei dois pássaros de papel, um branco e outro vermelho, a fim de trazer uma materialidade para a atividade da contação. Depois de contar a história, separei as crianças em três grupos e pedi para um dos grupos desenhar o início da história, o outro o meio da história, e o último grupo ilustrou o final da história. As crianças expressaram que gostaram da história e da experiência de ilustrarem. Em seguida, começamos o diálogo sobre o livro.

⁸ A pesquisa foi autorizada pelo comitê de ética, número do parecer – 4.702.989.

OFICINA 1 – ALVES, Rubem. A menina e o pássaro encantado, 2019⁹



Autor: ALVES, Rubem.

Título: A menina e o pássaro encantado.

Sinopse: O livro relata a história de uma menina que tinha como melhor amigo um pássaro encantado. Cada vez que ela sentia saudades do seu amigo, ele ficava mais colorido e mais belo. Quando decidiu prendê-lo em uma gaiola para tê-lo por perto percebeu que, agindo assim, ela não estaria demonstrando amor por ele, então abriu a porta da gaiola, deixando o pássaro livre.

Valor observado: Amizade.

Percebi que as crianças gostaram dessa experiência com o desenho e ilustraram com entusiasmo e criatividade, com detalhes daquilo que foi contado. Em seguida, começamos o diálogo sobre o livro.

[A pergunta inicial]

Professora pesquisadora: “Qual parte da história vocês acharam mais emocionante e qual vocês mais gostaram?”

Nathália: Quando ela prende o pássaro.

Nathália: Eu fiquei surpresa quando ele ficou preso na gaiola, então eu entendi que quando ele estava preso, ele não estava feliz, porque ele não contava mais história, porque ele não conseguia sair.

Manoel Pedro: Gostei do meio, quando ela prende o pássaro, porque ela não gostou quando o pássaro saiu e demorou para voltar, aí ela teve uma ideia de prender o pássaro. Aí essa parte foi a que me surpreendeu.

Kalebe: O pássaro foi feito para viver solto.

Professora pesquisadora: “Como o pássaro se sentiu na gaiola? E por quê?”

Kalebe: Porque ele não ia conseguir ir nos lugares para contar histórias para a menina.

Sara Regina: Porque ele já não saía da gaiola, não viajava mais e não conhecia novos lugares para poder voltar com histórias novas e contar para menina, ele agora estava sem novidades

⁹ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Menina-P%C3%A1ssaro-Encantado-Rubem-Alves/dp/8579133750>. Acesso em: 03 nov. 2023.

para contar.

Professora pesquisadora: “Tem alguma coisa importante que vocês aprenderam com essa história? Vocês poderiam nos contar?”

Nathália: Que mesmo eles estando longe a amizade deles continuou, porque mesmo distantes e separados a amizade permanece.

Kaio: Mesmo longe eles estavam praticamente juntos, pois a amizade era o mais importante para os dois.

Professora pesquisadora: “Como a Nathalia disse, essa história fala sobre a amizade. O que vocês acham da amizade, de ter amigos e amigas?”

Manoel Pedro: Sim, a história fala da amizade entre o pássaro e a menina, acho muito importante ter amigos.

Professora pesquisadora: “Por que é importante ter amigos?”

Nathalia: O importante de ter amigos é que você pode compartilhar histórias, você não se sente mais sozinha. É muito bom ter amigos para conversar.

Professora pesquisadora: “Tem alguma coisa que vocês mudariam nessa história?”

Manoel Pedro: Eu mudaria a parte em que o pássaro foi preso na gaiola.

Professora pesquisadora: “Neste caso como ficaria a história?”

Nathália: Não, eu não tiraria essa parte, pois foi o gostinho da história, o que deu sentido.

Professora pesquisadora: “Por que foi o gostinho da história, Nathalia?”

Nathália: Porque foi muito surpreendente, cheio de emoção, é isso o que deu sentido à história, achei que ficou muito boa desse jeito, não mudaria nada.

Professora pesquisadora: “Se vocês fossem definir essa história em uma palavra, que palavra vocês usariam?”

Renata: Amizade.

Sara Regina: Amigos.

Jerônimo: Amizade na distância.

Janaina: Amizade com um pouco de egoísmo da menina.

Nathalia: Amizade precisa de liberdade.

Professora pesquisadora: “E por que vocês escolheram a palavra amizade?”

Janaina: Porque eles eram unidos na distância, quando o pássaro era livre, a amizade precisa de liberdade.

Professora pesquisadora: “Alguém definiria a história com outra palavra?”

Arthur: Não sei, mas amizade é realmente a melhor.

Professora pesquisadora: “Vocês fizeram umas ilustrações lindas, daria para colocar em um livro”.

Nathália: Eu desenhei a gaiola aberta, a alegria do pássaro.

Sara Regina: Eu desenhei o pássaro e a menina juntos e livres.

João Pedro: Eu desenhei o pássaro voando feliz e a menina esperando seu retorno.

Gabriel: Eu desenhei um lugar bonito que o pássaro visitou com montanhas, árvores e animais, um lugar que ele guardou na memória para contar para a menina.

Kaio: Eu desenhei um lugar que o pássaro visitou e ele feliz contando o que viu para a menina.

Kalebe: Eu desenhei dois pássaros, um perdendo as suas cores e triste e outro alegre e colorido.

Professora pesquisadora: “Agradeço a participação de todos vocês e gostaria de perguntar se vocês gostaram da história”.

Algumas crianças:

[Sim, gostamos muito, tem um significado importante de amizade e liberdade]

Nathália: Faz a gente pensar sobre a importância de não prender os amigos.

Renata Cristina: Amigos têm que ser livres para irem e virem.

Maciel: Os amigos nos ensinam histórias novas, que tornam nossa vida mais interessante, é uma boa história, gostei muito.

Gabriel: Gostei muito da história, muito emocionante, e faz a gente pensar no sentido da amizade e da liberdade.

Professora pesquisadora: “Como vocês definem a palavra amizade?”

Janaina: Amizade é amar as pessoas sem querer prendê-las.

Nathalia: Amizade é gostar das pessoas e ter confiança para ser livre.

Arthur: Ter amigos é cuidar um do outro sem querer ser dono ou prender em uma gaiola como fez a menina.

Maciel: Ser amigo é emprestar as coisas.

George: Ser amigo é chorar e rir junto e se não quiser falar pode ficar calado.

João Pedro: Amigo é fazer as coisas juntos, mas também separados e, mesmo assim, ficar unido.

Sara Regina: Amizade é ter os corações unidos e compartilhar as histórias da vida.

Gabriel: Amizade é deixar o outro ir livre e esperar seu retorno com alegria na hora em que ele quiser voltar.

No início da atividade de contação de histórias as crianças estavam mais silenciosas, mas depois foram se conectando com as perguntas, participaram mais entusiasmadas do diálogo e refletiram sobre a história.

Na concepção de Sisto (2020, p. 60):

Para se contar bem uma história há pelo menos alguns pontos a serem observados: emoção, texto, adequação, corpo, voz, pausas e silêncios, olhar, espontaneidade e naturalidade, ritmo, clima, memória, credibilidade. Sem esses elementos essenciais, qualquer contação fica comprometida!

O contador precisa adquirir habilidades para contar e encantar as crianças com as histórias, estimulando suas emoções e despertando nelas imaginação, criatividade e prazer em ouvir o que se conta, aguçando o interesse para recontá-las. Segundo Bedran (2012), a criança que escuta histórias com frequência torna-se mais criativa e curiosa, capaz de dialogar com a cultura que a cerca e de exercer sua cidadania. Isso pôde ser observado na forma como as crianças desta oficina de contação refletiram sobre os valores de amizade presentes no livro “A menina e o pássaro encantado”, no qual os diálogos criaram possibilidades para que as crianças se identificassem a ponto de conseguirem recriar e ressignificar suas próprias histórias.

Uma das crianças argumentou que quando temos amigos podemos compartilhar histórias e não ficamos sozinhos, percebendo, assim, o valor de uma amizade. Outra criança relatou que mesmo a menina estando longe do pássaro eles continuaram amigos, identificando que para ser amigo não necessita estar perto, podemos ser amigos de uma pessoa mesmo estando distante.

Desde muito cedo fui tocada e seduzida pelo mistério e potência dos contos. Deixava-me transportar por viagens atemporais que se entrelaçavam com a fugacidade e eternidade do momento, voava na força e movimentos dos seus arquétipos, no poder dos seus encantos, sentia as tristezas dos seus sofrimentos e a beleza das suas fantasias.

A temporalidade dos contos me permitia viajar por lugares e espaços misteriosos, onde me sentia desafiada e fortalecida para enfrentar os meus medos e exorcizá-los, restaurar as minhas esperanças e reafirmar a minha identidade.

A escola foi para mim e para as mulheres da minha família um lugar de esperança e desafios, um lugar de restauração de nossos sonhos. Portanto, a história de “Malala” atravessou as fibras do meu coração de uma maneira esperançada e desafiadora. Antes de contá-la, conectei-me com a história e pensei sobre o que ela provocava em mim e sobre as minhas limitações e habilidades em me abrir e me encontrar com um texto com tamanho significado.

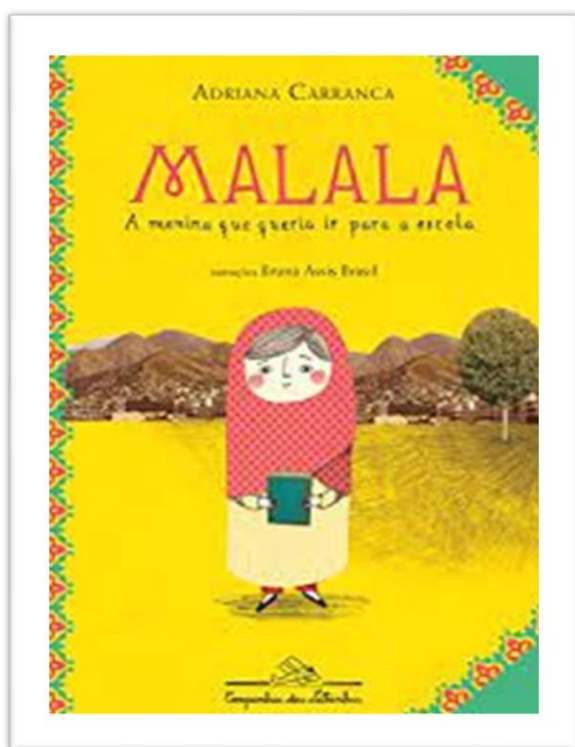
Reconheço que não sou contadora de histórias, mas sei que o encantamento com a escuta também despertou o desejo de exercitar a contação de histórias, reconhecendo diferentes linguagens da criança. Nesse exercício, refleti sobre o acolhimento dos meus medos e nervosismos. Como parte da preparação, gravei um vídeo contando a história, escutei e fui recontando e melhorando; cada vez que eu repetia o processo conseguia melhorar a minha apresentação, a leitura, a postura e a impostação da voz.

FIGURA 1 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – A menina e o pássaro encantado



Fonte: Montagem dos desenhos das crianças elaborada pela autora.

OFICINA 2 – CARRANCA, Adriana. Malala, a menina que queria ir para a escola, 2015¹⁰



Autor: CARRANCA, A.

Título: Malala a menina que queria ir para a escola.

Sinopse: Esse livro conta a história de Malala, uma menina que nasceu no Paquistão e gostava muito de estudar e aprendeu amar a leitura desde pequena. Quando ela ia fazer 10 anos viu sua cidade ser controlada por um grupo extremista chamado Talibã que proibiu as meninas de irem à escola, mas Malala foi ensinada a defender aquilo que acreditava e lutou pelo direito de continuar estudando. Quando voltava de ônibus da escola, sofreu um atentado a tiro, sobreviveu e continua lutando pelos direitos humanos.

Valores observados: Solidariedade e perseverança.

A história de Malala me tocou profundamente; acredito que quando contamos uma história, primeiramente precisamos nos envolver emocionalmente com o texto que lemos, interiorizando a história para depois externalizar os sentimentos, as emoções que as palavras do enredo nos transmitiram, de tal modo que quando realizarmos a contação para as crianças estaremos tão preenchidos que conseguiremos conduzir a leitura envolvendo as crianças, fazendo com que elas também despertem para sentimentos e emoções contidos na história.

No dia da oficina, para ilustrar a atividade, levei as figuras de Malala, com as quais

¹⁰ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Malala-menina-queria-para-escola/dp/8574066702>. Acesso em: 03 nov. 2023.

as crianças se conectaram rapidamente. Durante a contação da história, fui mostrando as figuras, os estudantes ficaram bem surpresos com a vestimenta de Malala; a maioria deles perguntou: “Prô, neste país as mulheres se vestem assim?”.

Depois que contei a história, iniciei um diálogo com as crianças sobre a Malala e a sua luta para estudar, perguntei se as crianças gostaram, a maioria sinalizou com gestos e verbalizou que gostou. A partir daí, abriu-se um espaço para escuta das impressões e opiniões das crianças. Surgiram algumas perguntas, cujas respostas se entrelaçavam com novas perguntas, gestando um momento de interação e conexão espontâneas.

Professora pesquisadora: “O que vocês acharam dessa história? O que vocês pensam dela?”

Janaína: Muito interessante e triste também.

Sara Regina: Emocionante e triste, mas ao mesmo tempo tem esperança, eu gostei.

Kaio: Que pena, uma pessoa sofrer por querer ir à escola...

Nathália: Eu gostei, porque mostra a luta de uma menina que venceu, é um pouco triste, mas termina bem.

Arthur: Faz a gente pensar no sofrimento das pessoas e também gostar mais da nossa escola.

Gabriel: Uma história forte, “Prô”, achei triste também, mas mostra a coragem da Malala e sua luta por outras crianças também.

Maciel: Ainda estou aqui pensando... que triste que ainda tem país assim. **Nathália:** Até no Brasil têm pessoas que têm dificuldades para irem à escola... **Renata:** E tem escola que é ruim, que não deixa a criança falar e nem brincar. **João Pedro:** Escola que não deixa as crianças serem crianças.

[As outras crianças ficaram atentas concordando com a cabeça e verbalmente]

Professora pesquisadora: “Ótimas ideias e contribuições, muito obrigada. Vocês sabiam que essa é uma história real que aconteceu em nosso tempo? Vocês já tinham escutado alguma coisa sobre a Malala?”

Nathália: Escutei alguma coisa na televisão, e pensei: “isso é maldade, como pode ainda existir isso, as mulheres têm os mesmos direitos que os homens, isso é injustiça”.

Gustavo: Às vezes a gente nem imagina que tem coisa ruim assim no mundo...

Sara Regina: Gustavo, tem coisa muito ruim, a gente vê na televisão e também escuta no bairro, na cidade... muitas coisas ruins acontecem com as meninas, as mulheres, as crianças, as pessoas idosas, com todo mundo.

[(Faz-se um silêncio reflexivo)]

Professora pesquisadora: “Sim, de acordo com a lei as mulheres têm os mesmos direitos que os homens aqui no Brasil. Vocês acham que esses direitos são respeitados, são praticados?”

[Muitas crianças respondem ao mesmo tempo, há uma mistura entre sim e não]

Nathália: Depende. Tem lugar que as pessoas respeitam, tem lugar que não respeitam e não cumpre a lei, a mulher sofre muito, tem sempre que lutar para conseguir as coisas.

Maciel: Mas homem também luta, trabalha, chega tarde.

Nathália: Mas não é do mesmo jeito, não é justo, mulher trabalha mais e ganha menos.

Gabriel: Mais ou menos, “Prô”, tá na lei, mas nem sempre é praticado.

Arthur: Acho que tá uma confusão, tem muita briga...era bom se tivesse mais união entre todos e que meninos e meninas pudessem ir para a escola estudar.

Rodrigo: Sim, porque a educação é muito importante para todo mundo.

Gabriel: Porque a escola é um direito de todos nós.

Professora pesquisadora: “Por que vocês acham que a educação é importante?”

Nathália: Para o conhecimento, para a gente se desenvolver e aprender junto.

João Pedro: Ué, a escola é um lugar da gente aprender muitas coisas para a vida.

Janaina: Na escola aprendemos a ler, escrever e a viver junto.

Jerônimo: Ajuda a gente a se preparar para a vida, para o futuro.

Gabriel: Tem muita gente que não aprendeu a ler e a escrever e sofre muito.

George: A educação é muito boa, mas tem escola que não é boa... tem que ver isso também e lutar...

Professora pesquisadora: “Quantas ideias boas e cheias de esperanças e reflexões. Como vocês acham que podemos construir uma escola que respeite os direitos das crianças? E uma sociedade mais justa, com mais paz?”

João Pedro: Ah, “Prô”, essa é uma história longa, precisa a gente se unir e ter coragem como Malala, para conseguir uma escola melhor.

Renata: A gente precisa praticar as coisas boas que aprende.

Gabriel: Trabalhar para ganhar dinheiro e ajudar as pessoas.

Nathália: Ajudar para que todas as crianças possam ir para a escola. João Pedro: Precisamos ser mais amigos e nos unir.

Kaio: É o que é meio difícil, porque a gente briga muito, tem hora que cada um quer fazer só as suas coisas.

Nathália: Mas a gente pode mudar e buscar fazer as coisas um pouco diferente, com mais paciência, amor e respeito ao outro.

Sara Regina: Eu acho que é possível, a gente pode tentar. A Malala em um país tão difícil conseguiu.

Maciel: É, mas quase morreu, não é fácil não.

Cristiano: É, mas ela conseguiu e virou importante, tem até livro.

Sara Regina: A gente não pode é desistir. Precisamos ajudar todas as pessoas a irem para a escola estudar...

Nathália: A Malala fez isso... Ela lutou.

Professora pesquisadora: “Na opinião de vocês, quais são os motivos para que algumas crianças não tenham acesso à educação?”

Maciel: Acho que muitos não têm condição para comprar material necessário e não têm o apoio da família.

Janaina: E muitos têm que trabalhar para ajudar a sustentar a família.

Gabriel: Não são motivados a estudar.

Janaina: Muitos precisam estudar e trabalhar e a concentração fica mais no trabalho do que no estudo?

Professora pesquisadora: “E agora na pandemia, será que as crianças estão tendo acesso à educação?”

Janaína: Não, a maioria está sofrendo muito, não tem um bom telefone, nem acesso à internet.

Arthur: Não está sendo fácil para ninguém, estamos todos um pouco desanimados.

Nathália: E que quem tem menos recurso é quem mais sofre.

Professora pesquisadora: “Malala foi solidária com os que eram excluídos da educação, buscou caminhos para ajudá-los. E nós, o que podemos fazer para apoiar essas pessoas que são excluídas e estão com dificuldades para ter aulas por meio da internet?”

Nathália: Precisamos fazer blocos de atividades e enviar para casa, para as crianças estudarem.

Sara Regina: É uma boa maneira de fazer o ensino chegar a todas as crianças.

Nathália: Agora que a prefeitura deu um tablet de graça pode ser que melhore.

João Pedro: Eles deram o tablet de graça, mas não adiantou muito, porque nós temos aula online só de sexta-feira.

Nathália: Pois é preciso o tablet, mas é preciso também o acompanhamento e muitos pais não têm tempo ou não sabem como ajudar.

Gabriel: Penso que uma forma de apoiar seria escutar as crianças, ajudar a fazer as tarefas, senti muito pressão, ficava muito ansioso quando ia ter prova.

Sara Regina: A pandemia está sendo difícil para todo mundo.

Nathália: Se tivesse dinheiro seria bom fazer um abrigo grande, onde as crianças pudessem estar juntas e guardar o distanciamento.

Janaina: Fazer uma vaquinha para ajudar as pessoas que não têm dinheiro para comprar material, antigamente as crianças levavam material em uma sacolinha, as coisas eram mais simples.

Arthur: Meus pais não tinham dinheiro, a minha avó ainda era solteira, não tinha condições de estudar, mas mesmo assim eles estudaram.

Maciel: Pois é, a gente sempre pode dar um jeito de ajudar e tornar as coisas mais fáceis.

Renata: A gente precisa ter um pouco mais de coragem para mudar as coisas.

Professora pesquisadora: “Sim, Renata, e quais são as coisas que a gente precisa ter coragem para mudar?”

Nathália: Lutar pelos direitos das mulheres, elas são proibidas de fazer muitas coisas só porque são mulheres.

Janaína: Temos que lutar também pelos direitos dos negros. Nos Estados Unidos mesmo saiu

uma notícia dos Estados Unidos em que um homem preto foi amarrado em uma corrente e puxado por um cavalo.

Sara Regina: E muitos negros não têm emprego só por causa da cor de sua pele.

Kalebe: Isso é racismo, e racismo é contra a lei e falta de respeito com as pessoas.

Nathália: Racismo é como se fosse uma bolha na cabeça das pessoas, uma coisa que não deixa elas entenderem que todos são iguais, elas pensam que algumas pessoas são superiores às outras.

João: E ninguém é melhor que ninguém, todos têm direito às mesmas coisas.

Kaio: Temos que lutar pela igualdade, o direito de todas as pessoas poderem estudar, falar, trabalhar, viajar.

Professora pesquisadora: “No país da Malala tinha muita desigualdade. Vocês veem desigualdade no Brasil?”

[Muitos respondem em coro que sim]

Kaio: Eu vi no “Jornal Nacional” um motoboy que foi entregar comida para o branco e foi ofendido, o branco se achou superior, isso é desigualdade.

João: Sim, tem muita gente que trata mal uma pessoa, porque é de outra cor, de um outro lugar, porque faz as coisas de um jeito diferente.

Nathália: Sim, tem muito racismo e desigualdade no Brasil. E a gente precisa ter coragem para mudar isso, aceitar as pessoas como são e sempre falar que todas as pessoas têm o mesmo direito.

Janaina: Tem gente que faz greve e que protesta né.

Nathália: Tem gente que até tentou se suicidar, porque falaram mal delas e trataram elas mal, acabaram pondo isso na cabeça e dando depressão também.

Arthur: Eu acho que o racismo é por causa que os portugueses chegaram no Brasil e escravizaram as pessoas negras, acho que foi daí que o racismo começou e nunca mais acabou.

Sara Regina: Sim, a gente tem que ter coragem de mudar isso, porque já começou faz tanto tempo e tá até hoje.

Professora pesquisadora: “Vocês acham que hoje podemos fazer alguma coisa para mudar essa situação? Para diminuir o racismo?”

Arthur: Sim, claro, a gente pode.

[Várias crianças dizem em coro, sim! A gente pode sim]

Arthur: Acho que é possível, mas muito difícil, os portugueses que eram brancos escravizavam e hoje os brancos querem mandar.

Professora pesquisadora: “Então o que podemos fazer para mudar isso?”

Janaina: Protestar, eu já vi vários protestos na televisão que deram certo, com as pessoas gays tem muito racismo e preconceito com os gays.

Maciel: Malala teve coragem, a gente também precisa ter coragem para protestar e mudar

isso.

Sara Regina: Podemos falar com nossos pais para protestar também.

João: Podemos unir as nossas forças e protestar junto.

Professora pesquisadora: “Sim, muito bem, a gente não pode aceitar, né? A gente tem que falar contra isso”.

João Pedro: O “Prô”, a mesma coisa, minha mãe é da mesma cor que sou eu. A patroa dela, ela tem dinheiro, pior que ela é gente boa, ela é da outra cor e para mim não são todas as outras pessoas que fazem racismo.

Jerônimo: Porque vem da pessoa mesmo que quer fazer o racismo, porque se a pessoa não quiser fazer ela não vai fazer.

Maciel: Oh, “Prô”, isso depende da pessoa, se ela quiser ela faz racismo, se ela não quiser ela não faz o racismo.

Professora pesquisadora: “Muito bem, Maciel, têm pessoas que não fazem racismo, elas sabem valorizar a todos. Muito bem. Vocês mudariam alguma coisa aqui no Brasil ou na cidade de Louveira? Como Malala buscou a mudança para seu país, lutou pelos direitos das mulheres, vocês lutariam por alguma coisa aqui no Brasil?”

Nathália: Sim, “Prô”, pelos direitos de todos.

João Pedro: Aqui no Brasil queria que todas as crianças estudassem bastante para ter uma profissão.

Janaina: Pelos direitos das mulheres ganharem igual aos homens.

Gabriel: É preciso ter coragem para lutar para que as crianças pobres tenham condições de comprar caderno para ir para escola.

Nathália: Eu queria que no Brasil ninguém passasse fome.

Janaina: Verdade, a gente vê que tem muito morador de rua que não tem o que comer.

Arthur: E isso é muito triste, né, “Prô”?

João Pedro: Eu queria que tivesse empregos, que a gente tivesse igualdade e que não existisse bebida alcoólica, essas coisas, porque querendo ou não muitos moradores de rua bebem bebida alcoólica e usam drogas, e isso não é bom.

Arthur: Sim, não queria que ninguém morasse na rua, queria um país em que ninguém passasse fome.

Professora pesquisadora: “Muito bom, vocês participaram bastante da história de Malala, estão de parabéns”.

FIGURA 2 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Malala, a menina que queria ir para a escola



Fonte: Montagem dos desenhos das crianças elaborada pela autora.

Percursos e percalços

Neste momento, gostaria de fazer um recorte sobre um fato que ocorreu durante a pesquisa.

Para a minha surpresa, o pai de uma das crianças que participava das oficinas de contação escreveu uma mensagem dizendo que a sua filha não iria mais participar da pesquisa, pois eu estava defendendo uma ativista subversiva, a “Malala”, e falando mal das autoridades do “Talibã” e que estava contaminando a educação com um ato de militância política.

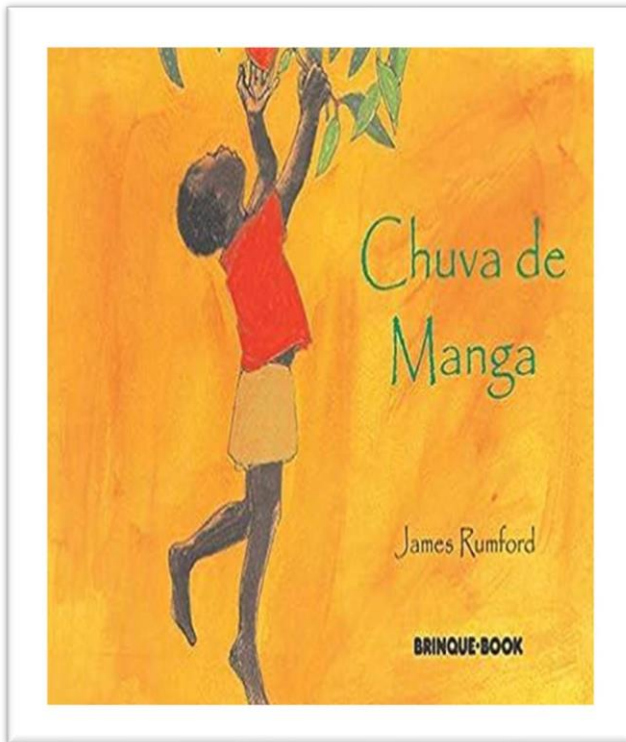
Diante dessa situação o que fazer? Como reagir? Como acolher?

Estávamos vivendo um momento delicado e difícil, pós pandemia, em que atitudes embrutecidas, violentas e antidemocráticas começaram a ser frequentes no dia a dia. Corremos o risco de ver a educação destituída de seu compromisso libertário e emancipador.

Diante da situação, surgiram várias perguntas sobre qual atitude eu deveria tomar sem deixar de ser ética, solidária, e ao mesmo tempo revelava o poder da contação de histórias e o impacto que podem ter. Esse pai foi chamado para uma conversa com a gestão pedagógica da escola sobre o ocorrido, ocasião em que a coordenadora explicou que o livro “Malala” apresenta conteúdo que faz parte do currículo da escola.

No entanto, as crianças se envolveram bastante com a história de Malala. A discussão foi produtiva e os educandos refletiram sobre diversos assuntos, como direito à educação, racismo, igualdade, indo além da história, representando os sentidos produzidos na contação através dos desenhos e narrativas propostos pela professora pesquisadora. Aprendi muito com essa história sobre a coragem de Malala e sua luta pelos direitos das mulheres estudarem.

OFICINA 3 – RUMFORD, James. Chuva de manga, 2006¹¹



Sinopse: O Chade é um país que fica lá longe, no centro do Continente Africano. Seu povo vive uma realidade diferente e, ao mesmo tempo, próxima do nosso coração brasileiro. Há terras secas e alguns momentos de fertilidade no solo árido – uma bênção da água que cai do céu. No dia a dia do menino Tomás, que junto com seu povo espera pela chuva, ele faz um carrinho de lata e aprecia os frutos da terra generosa, a qual nos oferece a alegria de saborear e cheirar uma manga dourada. (sinopse colocar de onde eu tirei)

Valores observados: Diversidade e solidariedade.

Professora pesquisadora: “Então, eu queria só mostrar para vocês onde acontece essa história, aqui na África, olha, no Chade, tá? Eu não vou passar por causa da pandemia, mas ele está bem aqui embaixo. Olha, é esse país bem aqui embaixo no continente africano. Então essa história acontece bem longe da gente e ele fala da seca, mas o que vocês veem nesse livro? Tem algumas paisagens? São paisagens feias ou paisagens bonitas que vocês veem?”

Gabriel: Paisagens de seca.

Nathália: Eu já vi a África na televisão, lá têm lugares bonitos também.

Kaio: Mas têm lugares muito feios também, pessoas passando fome, crianças que não têm caderno para ir na escola.

Maciel: Depois da chuva a paisagem ficou mais verde.

Professora pesquisadora: “Paisagens secas, né? E paisagem verde também. E tem um menino nessa história, como que ele chama?”

[Várias crianças respondem: Tomás!]

Kaio: Tomás, ele parece ser um menino inteligente.

Maciel: Tomás gosta de brincar com as outras crianças.

Professora pesquisadora: “E o que o Tomás está fazendo aqui na história? Quem lembra?”

Gabriel: Ele está vendo as coisas, tipo, tudo acontecendo.

Nathália: Ele está brincando com um carrinho.

¹¹ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Chuva-Manga-James-Rumford/dp/8574122173>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Kaio: Ele está construindo um carrinho junto com seu pai.

Professora pesquisadora: Sim, ele está fazendo alguma coisa. Ele está com alguns objetos, vocês lembram?

[Falas simultâneas: sim. Respondem: uma garrafa!]

Jerônimo: Era uma lata de leite, uma tampa de garrafa...

Nathália: Um negócio de saquinho.

Jerônimo: Tampa de garrafa e arame, arame...

Maciel: Garrafa PET.

Professora pesquisadora: “Isso! E o que o Tomás fez com esses objetos?”

Gabriel: Brinquedo.

Sara Regina: Fez um carrinho para brincar.

Kaio: Fez um carrinho com tampinha de garrafa e lata de sardinha.

Professora pesquisadora: “Então essa história acontece num lugar seco. Aqui também, no Brasil, têm lugares secos. O que acontece quando vem a chuva nesses lugares secos?”

Kaio: Cresce a floresta.

Marcos: Eles ficam molhados, porque molha, né, com a chuva.

Nathália: A chuva deixa as árvores verdes.

Gabriel: A chuva junta água, para gente beber.

Professora pesquisadora: “Como vocês imaginam ser a África? Vocês imaginam que a África é como?”

Kaio: É quente.

George: Uma terra seca.

Sara Regina: Prô, imagino que seja um lugar muito pobre, onde muita gente passa fome.

Nathália: Imagino que seja um lugar que as crianças sofrem e passam fome.

Kaio: Acho que lá não tem muito brinquedo para as crianças brincar, pô.

Professora pesquisadora: “A África é seca, é quente, né? E as pessoas de lá, as crianças de lá, será que são iguais às crianças daqui?”

[Crianças respondem em coro: Não!]

Jerônimo: Porque eles brincam de um jeito diferente. *[Falas simultâneas]*

João Pedro: Porque lá eles não têm celular, aqui nós temos celular.

Nathália: “Prô”, acho que lá muitas crianças não vão para a escola, porque não tem caderno.

Sara Regina: “Prô”, acho que são diferentes, as crianças da África não têm dinheiro para comprar brinquedo e caderno para ir para escola.

João Pedro: Sim e acho que lá também não tem parques para as crianças brincar.

Professora pesquisadora: “Você quer falar? Olha, vamos fazer um plano aqui, quem quiser falar levanta a mão, para ajudar a “Prô”, tá bom? A colega levantou a mão. Fala, por favor”.

Renata: Não só a diferença de cor de pele, como o tipo de riqueza que eles têm lá.

Professora pesquisadora: “Eu não ouvi, fala mais alto”.

Renata: Não só a cor de pele, como a riqueza que eles têm lá, que é muito diferente da nossa.

Professora pesquisadora: “Ah, não só a cor de pele, eles têm a cor de pele diferente da nossa?”

[Várias crianças respondem que não e algumas respondem que sim]

Professora pesquisadora: “Será que têm?”

Arthur: A moradia.

Jerônimo: Alguns sim, outros não.

Nathália: Acho que na África tem muitos negros.

Sara Regina: Tem gente aqui no Brasil que veio da África, que é negro também.

Maciel: Sim, aqui no Brasil tem muito negro também, como na África, né.

Kaio: Eles são de raça diferente.

Professora pesquisadora: “Mas ela falou uma coisa interessante, a riqueza daquele lugar. Que riqueza que tem aquele lugar?”

Jerônimo: Acho que a África é um pouco mais pobre que o Brasil, pois no Brasil têm muitos lugares ricos.

Raíssa: Lá muitas pessoas não têm dinheiro o suficiente para várias coisas.

João Pedro: Sim, lá eles precisam trabalhar mais duro, deve ser bem cansativo.

João Pedro: O “Prô”, agora uma coisa, lá é uma terra seca porque não tem água e também eles não têm forma de gerar água, porquê? Porque o que gera a energia é a água.

Kaio: Tem um filme que fala sobre água lá naquele país. É “O menino que descobriu o vento”. Ele usou um catavento gigante para criar água.

Professora pesquisadora: “Muito bonito esse filme, eu já assisti. O menino cria, né? Muito legal”.

Kaio: E foi em fatos reais ainda.

Professora pesquisadora: “Sim, muito criativo e interessante esse filme”.

Guilherme: Professora, eu queria saber como é que eles bebem água.

Nathália: Aqui a gente tem tecnologia, mas lá eles não têm. Eles não têm, eles fazem brinquedos com o que eles têm, pedaço de madeira, provavelmente garrafas, para fazer os brinquedos, porque não tem outro tipo de brincadeira para eles fazerem além disso.

Guilherme: Assim, eles não têm muito recurso, eles têm recursos limitados, tipo água, tipo plantas.

Professora pesquisadora: “Isso, recursos limitados. Quem me chamou? Alguém chamou? E vocês viram que o Tomás cria o seu próprio brinquedo. Será que é legal a gente criar o nosso próprio brinquedo?”

[Várias crianças respondem que sim]

[Falas simultâneas]

Professora pesquisadora: “Vocês já criaram brinquedos?”

[Várias crianças respondem que não e algumas que sim]

João Pedro: Uma vez o meu tio falou para eu juntar um monte de tampinha de garrafa, um monte. Eu juntei e daí eu peguei um cordão, ele furou todas, daí fez um bonequinho.

Professora pesquisadora: “Ah, muito bom. Gente, olha, vamos ouvir enquanto o colega fala. Pessoal, é muito legal criar o nosso próprio brinquedo, sabem porquê? Porque a gente não fica consumista, comprando brinquedos industrializados. A gente cria o nosso próprio brinquedo, a gente economiza, a gente ajuda a tecnologia”.

Jerônimo: A gente recicla.

Professora pesquisadora: “Muito bem, a gente recicla, né? Muito bem. Gostei muito, hoje eu achei que vocês participaram bastante. E a gente tem que pensar, pessoal, que aqui também têm pessoas africanas, né? Assim como lá no Chade, aqui também tem, porque os africanos foram um dos primeiros habitantes aqui da nossa terra, né? Eles vieram escravizados para trabalhar nas lavouras e muitos de nós somos descendentes de pessoas africanas”.

[Falas simultâneas das crianças]

Janaína: No Brasil também têm várias culturas.

Kaio: Tem portugueses, gente da Itália, da África.

Sara Regina: Sim tem gente de todo lugar.

Janaina: No Brasil também têm várias culturas, não só africanas, chinesas, japonesas, portuguesas. Várias culturas.

Kaio: Sim, no Brasil tem muita gente né, gente de todo jeito.

Nathália: “Prô”, a minha vó é indígena.

Professora pesquisadora: “Várias culturas, muito bem, e a gente tem que valorizar a cultura de todos, né? A Nathália, pessoal, falou que ela é descendente de indígena. Os índios foram os primeiros habitantes aqui do Brasil”.

Janaína: Sim, no Brasil têm várias culturas, não só africanas. Tem chineses, japoneses, portugueses, africanos e indígenas, temos que respeitar todas essas culturas.

Maciel: Sim, tratar todos com respeito.

Sara Regina: Ser amigo de todo mundo.

Professora pesquisadora: “Têm várias culturas no Brasil e o que nós precisamos fazer com essas culturas?”

Kaio: Respeitar.

Arthur: Tratar todos bem com igualdade, “Prô”.

Kalebe: Respeitar todas as pessoas pô.

João Pedro: “Prô”, mas querendo ou não é porque daqui do Brasil recebe muitas coisas de fora, daí como aqui, o Brasil, não é terra seca... agora, a África tem terra seca, tem poucos povos.

Professora pesquisadora: “Sim, tem terra seca, mas será que aqui no Brasil não tem terra seca? No Nordeste”.

João Pedro: Tem, só que não é só a terra. Ah, tipo, tem o Nordeste, mas tem bastante outras que não são secas.

Professora pesquisadora: “Sim”.

Nathália: Agora, a África, a maioria são secas.

Maciel: Sim, a maioria são secas e acontece, assim, que terra seca, aí a tecnologia não fica muito desenvolvida.

João Pedro: É que também lá, tipo, na África não tem wi-fi. Não tem.

Professora pesquisadora: “Ah, entendi”.

João Pedro: Não tem forças de energia.

Nathália: “Prô”, a água ajuda muito a desenvolver né, ajuda na tecnologia.

Professora pesquisadora: “Uhum, sim. É porque a água ajuda muito a desenvolver o país. Muito bem”.

Kalebe: Eu só fiquei sabendo dessas coisas da África, que é seca por causa da aula da, “Prô”.

Professora pesquisadora: “Muito bem, crianças, obrigada pela participação de vocês, foi muito reflexivo esse diálogo, muito obrigada”.

Nessa oficina, percebi a participação das crianças e que elas viam a África como um continente pobre, seco, sem muitas riquezas, sem tecnologia. No diálogo, tive a oportunidade de dizer para as crianças que a África não é um país e sim um continente, percebi que eles ficaram surpresos com essa informação. Os estudantes perceberam também que no Brasil tem várias culturas e que precisamos respeitá-las.

Noto aqui o valor do respeito à diversidade, as crianças vão entendendo desde pequenas que a cultura brasileira foi formada por várias outras, e a importância da cultura africana para a formação da cultura brasileira.

Na concepção de Duarte (2014, p. 59):

O processo de ensino aprendizagem da literatura afro-brasileira é semelhante a uma construção: inicia com alicerces, coloca-se tijolo por tijolo e finalizamos com telhado e acabamentos. É isso, um processo. Sabemos que no Ensino Fundamental a literatura está “diluída” nas aulas da disciplina curricular intitulada Língua Portuguesa, ou seja, não temos aula de literatura “pura”, e sim contextualizada com tópicos e habilidades de interpretação de textos e conhecimentos gramaticais. Os textos literários são motivadores para o ensino-aprendizagem na alfabetização e no letramento [...].

É imprescindível que os textos sobre literatura africana sejam levados para a sala

de aula para discussão e diálogo com as crianças, assim serão formados estudantes críticos e conhecedores das culturas africanas. Esse conhecimento só se dará a partir do momento em que o tema for trabalhado no ambiente escolar.

Segundo a Lei 10.639, de 09 de janeiro de 2003, torna-se obrigatório incluir no currículo oficial da rede de ensino a temática “História e cultura afro-brasileira” com ênfase nas disciplinas de história, arte e literatura; faz-se necessário que as escolas valorizem e abordem esse tema com profundidade durante todo ano letivo.

Como educadora negra e antirracista vejo a dificuldade que temos em encontrar materiais, livros para trabalhar a temática étnico racial; esse tema só é trabalhado no mês de novembro. Todavia, acredito que seja imprescindível que as crianças tenham acesso a artes e livros de literatura que contemplem a diversidade étnico-racial, para que desenvolvam atitudes antirracistas e sejam educadas para promoverem a paz e o respeito à diferença em nossa sociedade.

FIGURA 3 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Chuva de manga



Fonte: Montagem dos desenhos das crianças elaborada pela autora.

OFICINA 4 – FOX, Mem. Guilherme Augusto Araújo Fernandes, 1995¹²



Autor: FOX, M.

Título: Guilherme Augusto Araújo Fernandes.

Sinopse: Este título é o nome do personagem que morava ao lado de um asilo de velhos, todos eram seus amigos, mas ele gostava mesmo era de dona Antônia e sempre lhe presenteava com conchas, marionete, medalha, bola de futebol e um ovo ainda quente; cada um deles lhe devolvia lembrança de belas histórias. Quando soube que dona Antônia perdeu a memória, quis saber o que isso significava e foi perguntar aos outros moradores do asilo, que disseram que a memória é algo bem antigo, que faz chorar, faz rir, vale ouro e é quente.

Valor observado: Solidariedade.

¹² Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Guilherme-Augusto-Ara%C3%BAjo-Fernandes-Autores/dp/8585357479>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Realizei a leitura dessa história para as crianças, usei a entonação de voz de forma a enfatizar alguns pedaços da história; ao término da leitura, comecei um diálogo sobre ela. Como descrito na sinopse, essa história narra o relacionamento de amizade de uma criança com uma senhora que perdeu a memória.

Professora pesquisadora: “Gente, e o que é memória para vocês?”

[Uma criança fala em tom de voz bem baixo]

Mário: Traz lembranças boas.

Kalebe: É o pensamento, “Prô”.

Nathália: É lembrar das coisas, “Prô”.

Arthur: São coisas antigas.

Professora pesquisadora: “E o Guilherme Augusto Araújo Fernandes tinha amigos, né? Quem era a amiga dele, a amiga que ele mais gostou? Ele teve amizade com uma senhora, né? Teve uma grande amizade. O que vocês acham dessa amizade?”

João Pedro: Uma amizade comum.

Maciel: Eu sei lá.

Kalebe: Guilherme Augusto gostava muito de dona Antônia, ele levou uma cesta com coisas dentro, pra que dona Antônia pudesse lembrar das coisas.

Jerônimo: Ele queria ajudar dona Antônia a recuperar a memória, “Prô”.

Maciel: Eu gostei da amizade deles, é muito bom ter amigos.

Sara Regina: Amigo é aquele que ajuda o outro em tudo.

Arthur: Sim, empresta lápis, borracha e apontador, quando o outro não tem.

Janaina: Eu tenho muitos amigos, gosto de brincar de escolinha com minhas amigas.

Professora pesquisadora: “Vocês têm alguns amigos que são mais velhos? O que vocês acham dessa amizade do Guilherme e da Dona Antônia?”

Nathália: Ah, eu acho fofa. Eles têm uma grande diferença de idade, porque ela já é mais velha. É uma amizade bem diferenciada. Diferente.

Arthur: Mesmo que ela tenha esquecido dos amigos antigos, ela fez uma nova amizade com ele.

Guilherme: É muito bom a gente ter novas amizades.

Sara Regina: É uma amizade bonita, “Prô”, mesmo ele sendo mais novo que dona Antônia, ele cuidava dela.

Kalebe: Sim, ele cuidava muito dela, se preocupava com ela, ele queria que ela se lembrasse das coisas antigas, da sua família e seus amigos.

Professora pesquisadora: “Muito bem, gente. Que bom. Tem alguém que queira falar mais? A ‘Prô’ está aqui para ouvir. Como vocês acham que a gente deve tratar as pessoas? Os mais idosos. O Guilherme se prontificou a fazer algo legal para a Dona Antônia, né? O que ele fez

de legal para a Dona Antônia?”

Maciel: Ele colocou coisas na cesta para dona Antônia lembrar.

Janaína: Colocou na cesta conchas, uma medalha... Um o ovo, porque queria que dona Antônia lembrasse de sua família, seus amigos, Guilherme gostava de dona Antônia e por isso queria ajudar ela.

João Pedro: Colocou um ovo, conchas, medalhas..., para tentar fazer dona Antônia lembrar do passado, de sua família, amigos.

João Pedro: Colocou coisas na cesta, “Prô”, coisas para ajudar dona Antônia a recuperar a memória.

Nathália: Colocou uma bola também e uma marionete e com isso, “Prô”, dona Antônia foi lembrando das coisas.

Sara Regina: Sim, Guilherme ajudou dona Antônia a se lembrar das coisas, a lembrar de sua família, de seus amigos.

Kalebe: Sim, é muito bom ter amigos, que nos ajudam, Guilherme ajudou muito dona Antônia a lembrar de sua família e amigos.

Professora pesquisadora: “O que vocês acham que nós precisamos fazer para respeitar o outro? Vocês sabem? O que nós devemos fazer para ter amizade com o outro, para ter uma boa amizade?”

Gabriel: Ser educado...

Nathália: Bom, no começo você pode até ser educado, mas você vai mostrar mais a sua personalidade quando você já está com uma amizade mais duradoura.

Maciel: Tem que ter respeito com a pessoa.

Janaína: Eu tenho respeito com os mais velhos.

Sara Regina: É preciso também ajudar o amigo quando ele precisa, tipo quando tem um amigo que não sabe fazer a lição eu vou lá e ajudo.

Kaio: Sim, cuidar dos amigos, não brigar, não xingar.

João Pedro: Tipo assim, “Prô”, tem gente que briga, aí não é amigo né.

Nathália: Sim, respeitar e cuidar dos amigos é muito importante.

Professora pesquisadora: “Ah, muito bem, ter respeito pela pessoa. Isso mesmo. Vocês só têm amigos da idade de vocês, ou vocês têm amigos mais velhos?”

Kalebe: Eu tenho amigos mais velhos.

Nathália: A minha irmã mais velha é minha amiga.

Maciel: Eu sou amigo da professora.

Jerônimo: O meu avô, avó, pai e mãe são meus amigos, porque eles cuidam de mim.

João Pedro: É importante ter amigos e respeitar e cuidar com amor e carinho das pessoas mais velhas.

Janaina: Verdade as pessoas mais velhas precisam da ajuda das pessoas mais novas.

Professora pesquisadora: “E qual parte da história que vocês mais gostaram?”

Nathália: Da parte que ela lembra da memória.

Arthur: Da parte que ela lembrou do irmão mais velho.

Kalebe: Gostei quando ela lembrou de sua família e de todo o seu passado.

Nathália: Foi bem emocionante essa parte, “Prô”, Guilherme ajudou muito dona Antônia a recuperar a memória.

Sara Regina: Verdade eu também gostei bastante dessa parte.

Professora pesquisadora: “Muito bem. Se vocês pudessem mudar alguma coisa na história, vocês mudariam o quê?”

Kalebe: Nada. Eu já achei ela boa.

Nathália: Eu achei a história bem bonita que mostra o amor de Guilherme por dona Antônia

Sara Regina: Eu gostei muito da amizade de Guilherme com dona Antônia e quando ela lembrou das coisas.

Kaio: Gostei quando dona Antônia lembrou das coisas foi emocionante.

Maciel: A amizade de dona Antônia com Guilherme foi a melhor parte.

Professora pesquisadora: “Que bom! Muito obrigada! Pela participação de vocês no diálogo sobre a história”.

Nessa oficina as crianças participaram e identificaram o valor da amizade presente na história, relataram que Guilherme Augusto Araújo Fernandes era amigo de dona Antônia mesmo ela sendo mais velha que ele.

Na concepção de D’Aurea-Tardeli (2012, p. 123-124):

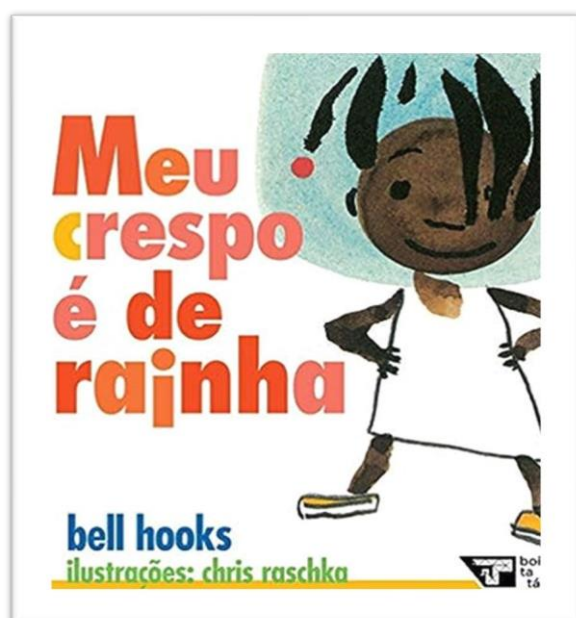
Para desenvolver um pensamento lógico em um diálogo é conveniente despertar a curiosidade dos alunos para encontrar as próprias soluções. Exemplos interessantes podem surgir de filmes e de histórias da literatura universal. Pode-se criar uma situação na qual as ideias podem ser discutidas, as proposições debatidas e os valores postos em pautas. Se não for possível explicar, descrever, perguntar, estabelecer hipóteses, analisar, comparar e deduzir, dificilmente se pode alcançar a autonomia moral.

Depois da mediação de leitura e contação de histórias, sempre procurei realizar um diálogo com as crianças, fazendo boas perguntas para que elas pudessem refletir sobre os valores presentes nas histórias.

FIGURA 4 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Guilherme Augusto Araújo Fernandes



Fonte: Montagem dos desenhos das crianças elaborada pela autora.



OFICINA 5 – hooks, bel. Meu crespo é de rainha, 2018¹³

Sinopse: Este livro apresenta às meninas brasileiras diferentes penteados e cortes de cabelo de forma positiva, buscando desenvolver a autoestima das crianças negras; sabemos que muitas mulheres, crianças e jovens sofrem preconceitos por causa de seus cabelos, essas pessoas sofrem tentando se encaixar aos padrões de beleza exigidos pela sociedade. Esta obra homenageia o cabelo afro e ensina as crianças a gostarem de seu cabelo como ele é e valorizarem sua própria identidade.

Valores observados: Respeito, solidariedade e coragem.

Essa história foi contada no ano de 2023, ocasião em que participei de um processo seletivo e trabalhei como professora, por um ano, da Escala Rotativa de Louveira em uma escola chamada EMEB Frederico Pagotto, para terceiro ano do Ensino Fundamental, composto por 26 alunos, sendo 12 meninas e 14 meninos na faixa etária de 08 a 9 anos de idade; desses, 03 crianças são negras.

Professora pesquisadora: “Vocês gostaram da história? O que vocês acharam dessa história?”

Amanda: Muito interessante, gostei muito.

¹³ Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Meu-Crespo-Rainha-Bell-Hooks/dp/857559608X>. Acesso em: 03 nov. 2023.

Alice: Achei uma história bonita!

Ariany: Uma história legal... com muito amor.

Vitor: Uma história bonita, de brincadeiras livres, de alegria.

Kaique: Uma história com rimas, “Prô”, fica bonita né.

Professora pesquisadora: “Do que fala história? O que ela nos conta?”

Vitor: “Prô”, fala que existem vários tipos de cabelos.

Valdir: A história fala de cabelo crespo.

Kaique: A história conta sobre cores de cabelo.

Eliana: A história mostra vários penteados de cabelo.

Aline: Ela conta como os cabelos crespos são bonitos.

Alice: “Prô”, os desenhos são muito bonitos e mostram os diferentes tipos de cabelo.

Marta: Oi, “Prô”, faz a gente pensar né de como o cabelo crespo é lindo e pode fazer muitos penteados.

Amanda: Tem muitos tipos de cabelos e todos são bonitos.

Professora pesquisadora: “Sim, é verdade, Amanda! Vocês gostam do cabelo de vocês?”

Érica: Eu gosto do meu cabelo, porque é cacheado.

Amanda: Gosto do meu cabelo, porque é cacheado, acho que é porque puxei meu pai.

Eliana: Gosto do meu cabelo, porque ele é ondulado, eu mesmo cuido do meu cabelo.

Vitor: “Prô”, meu cabelo é liso e eu gosto muito dele, acho ele muito bonito.

Kaique: Gosto do meu cabelo porque ele é liso.

Anita: “Prô”, eu gosto do meu cabelo, ele é crespo é meu pai que cuida do meu cabelo.

Aline: Eu gosto do meu cabelo, ele é liso é bem bonito.

Amanda: É verdade, Aline, seu cabelo é muito bonito, é mais ondulado do que liso.

Aline: Eu achava que era liso, agora vou deixar mais ondulado também.

Kaique: Tem gente que acha que o cabelo liso é o mais bonito.

Érika: É verdade, e fala que cabelo crespo é cabelo ruim e que é feio.

Professora pesquisadora: “E por que vocês acham que isso acontece?”

Amanda: Nunca pensei muito nisso.

Anita: Eu gosto do meu cabelo bonito, porque meus pais sempre falam que é lindo.

Eliana: Ah, tem muita gente que fala que cabelo crespo é cabelo ruim, cabelo de escravo.

Neto: E escravo era gente que sofria, que apanhava.

Kaique: E dizem que eram sujos também.

Professora pesquisadora: “E o que vocês acham desses comentários que fazem?”

Alice: Acho triste e cheios de maldade.

Neto: Tem gente que rir das pessoas que tem cabelo crespo.

Vitor: Sim ,fazem piada do cabelo do colega.

Anita: Isso é bullying, já vi criança até chorar por causa disso.

Érica: Realmente isso é muito triste.

Professora pesquisadora: “O que vocês acham que podemos fazer para mudar essa situação”.

Vitor: Ah, “Prô”, a gente tem que falar contra isso.

Anita: A gente tem que aceitar o nosso cabelo e falar que todos os cabelos são bonitos.

Marta: Sim, “P rô”, Jesus criou cada um com seu jeitinho diferente de cabelo, precisamos valorizar todo tipo de cabelo.

Valdir: Sim, “P rô”, precisamos valorizar todos os tipos de cabelos, minha mãe tem cabelo cacheado e é muito bonito o cabelo dela.

Aline: Sim, a gente tem que ter coragem para deixar o cabelo do jeito que a gente gosta, sem ficar pensando no que as pessoas pensam.

Eliana: E respeitar todo tipo de cabelo, pois cada um tem sua beleza.

Professora pesquisadora: “Que conversa maravilhosa, cada um de vocês trouxe opiniões muito importantes. Agora gostaria que vocês deixassem uma palavra para quem tem cabelo crespo como a menina da história”.

Alice: Teu cabelo é lindo, é cabelo de Rainha.

Aline: Cuide de seu cabelo ele é muito lindo e dá para fazer muitos penteados bonitos.

Neto: Não ligue para o que os outros falam de seu cabelo, seja feliz do jeito que você é.

Kaique: “Prô”, eu vi uma menininha que ficou doente e perdeu todo cabelo, a gente precisa aceitar isso também.

Amanda: Sim, porque todo jeito de ser é bonito.

Valdir: Todo tipo de cabelo é bonito e cabelo da crespo é cheio de cachinhos.

Neto: É, tem cabelo crespo que não tem cachinhos e é muito bonito também.

Marta: Deus criou todo mundo de um jeito e a gente precisa respeitar.

Amanda: Muito bom, “P rô”, ter um livro sobre esse assunto, precisamos falar mais sobre cabelos crespos e cacheados.

Professora pesquisadora: “Que bonito, outras pessoas precisam escutar essas ideias de vocês, vou anotar tudo. Muito obrigada”.

Nesta história observei um maior engajamento, mais fluído e profundo com o tema central da história, “cabelo crespo”. Antes de contar a história eu me preparei, pois é um tema que me toca e que faz parte da minha história. A primeira memória que trago é da minha vó cantando uma cantiga de ninar enquanto acariciava meu cabelo, lembro da minha mãe fazendo as tranças e mais tarde o susto, eu me transformei na menina do “cabelo ruim”, sem entender muito porque entrei em uma categoria, e por mais que eu esforçasse para ser boa uma parte de mim era ruim. Começaram então os processos químicos, os alisamentos e as tentativas de

embranquecimento; consciente dessa realidade, tentei me preparar para uma escuta genuína, aberta, das contribuições das crianças. Não era um caminho fácil, mas era possível devido a minha experiência envolta de afetos e consciência, que desconstruíam estereótipos e estigmas que tentaram impor em minha vida e forjar minha identidade.

Observei que os diálogos das crianças foram influenciados pelo que elas escutam da família, escola e televisão. Algumas falas como a de “Neto” expressam a consciência que há uma falta de respeito pelas pessoas de cabelo crespo; percebi também através das falas dos estudantes que muitos citaram o que veem na televisão com relação ao respeito e beleza do cabelo crespo.

Usualmente, quando o negro aparece na televisão é de uma forma estereotipada, estigmatizada; são séculos de desumanização e desfiguração da identidade do negro; essa figura é associada ao preguiçoso, ao vagabundo, a mulher é associada a uma imagem sexualizada.

Trouxe realidades para sala de aula que são da minha própria biografia, estive disposta a partilhar as minhas experiências.

Como menciona bell hooks (2017), importante haver uma disponibilidade do professor em compartilhar suas experiências, o professor é um ser que se coloca com suas forças e vulnerabilidades.

Nessa história, reconheci minhas vulnerabilidades e esperanças. Foi a que mais me tocou, porque vivi muitas experiências negativas e também de superação e resiliência relacionadas ao meu cabelo... Até que ponto as questões relacionadas às afetividades, aos relacionamentos, às emoções precisam ser parte das reflexões dos processos educativos e das aprendizagens das crianças e dos professores?

Nessa história, as crianças identificaram os valores de respeito à diversidade, solidariedade e coragem, pois para assumir seus cabelos crespos é preciso termos coragem e não se preocupar com a opinião do outro.

FIGURA 5 – Desenhos produzidos pelos estudantes na Oficina de Contação de Histórias – Meu crespo é de rainha



Fonte: Montagem dos desenhos das crianças elaborada pela autora.

CAPÍTULO 4 – ENCONTROS E ESCUTAS DAS PROFESSORAS E PROFESSORES ENTREVISTADOS

Entendo que é no coletivo que evoluímos enquanto sociedade, por isso a importância de escutar a opinião do outro e ter a sensibilidade de compreender que as pessoas pensam de maneiras diferentes. No decorrer desta pesquisa, as entrevistas com os professores e professoras sobre contação e mediação de histórias demonstraram a importância de escutar a respeito de suas experiências e perceber o quanto são compartilhadas e singulares. Como afirma Lefèvre (2017, p. 18):

O discurso do sujeito coletivo são depoimentos carregados de experiências e vivências coletivas; são opiniões individuais que, depois de passarem pelo crivo do pesquisador, que por intermédio das operações de abstração e conceituação as transforma em produto coletivo, retornam à experiência para um “banho de realidade”.

Todos os encontros nos ensinam algo, e todas as escutas podem ser sementes de transformação. Descrevemos aqui, brevemente, a trajetória diferenciada de pessoas que se cruzaram no caminho chamado Educação. Tenho experimentado como é árduo esse caminho e quantas responsabilidades são delegadas para essas pessoas que optaram pela vocação do ensino e o privilégio de colaborar na construção da identidade da criança e da sua cidadania.

Esses(as) educadores(as) expressaram-se nessa entrevista sobre suas trajetórias de vida, experiências com a leitura e contação de histórias, angústia e desafios que passam na profissão, notadamente a forma como dialogam sobre os valores através da contação de histórias na intenção de transmitir alguns valores para serem refletidos além da escola e praticados no cotidiano ao qual cada aluno se insere, na esperança de que princípios como a amizade, solidariedade, respeito à diversidade e coragem não se percam neste mundo tão mutável e competitivo.

Apesar das muitas demandas que às vezes tomam todo o tempo do educador(a), existem histórias de vida e troca de experiências que enriquecem a prática educativa; nesse chão de aprendizados e narrativas, vamos semeando a esperança e buscando desenvolver uma educação mais criativa e atenta às reais necessidades das crianças, acrescentando na contação de histórias suas vivências e experiências com as cores, os sabores, os sentidos e sentimentos reunidos nas memórias e nos valores aprendidos na infância, com a família, sempre preocupadas com a formação de estudantes críticos e reflexivos na intenção de promover uma educação emancipadora e significativa (Freire, 2005b).

A metodologia do DSC contribuiu para pensar em como utilizar as entrevistas a

partir de uma abordagem pela qual as pessoas possam falar de suas experiências, vivências e expressar suas opiniões. Nesse sentido, ouvi a experiência vivida por seis educadores(as) que contam histórias para crianças, observei indícios em suas narrativas de como os(as) professores(as) trabalham mediação de leitura e contação de história, e se incluem a perspectiva do aprendizado de valores através da contação de histórias, discutidos no ambiente escolar, fortalecendo a ideia de que a escola precisa fazer sentido na realidade da vida do educando e na construção de uma humanidade mais digna e inclusiva; uma escola que promova a vida em comunidade e plante sementes de respeito e solidariedade, enxergando o outro como um sujeito que merece respeito em sua diversidade.

4.1 As entrevistas

Em julho de 2021, fiz um roteiro de entrevistas para auxiliar na condução da conversa com seis professores da rede municipal de Louveira, estado de São Paulo. Na ocasião, entrevistei cinco professoras e um professor; as entrevistas foram realizadas pela plataforma “Google *meet*”, trata-se de um ambiente virtual que permite reuniões on-line, as quais foram gravadas e, posteriormente transcritas. O resultado das entrevistas foi transformado em categorias de análise, isto é, as palavras-chaves utilizadas que contribuíram para identificar o que cada entrevistado pensa sobre o tema abordado a partir dos relatos coletados. Na intenção de preservar o anonimato dos entrevistados, utilizamos nomes fictícios durante a transcrição.

1. Dados pessoais

Os professores entrevistados têm a faixa etária entre 30 e 45 anos, todos lecionam apenas no município de Louveira, e nenhum acumula cargo com outro município; alguns dos entrevistados fazem horas extras na própria rede. Pela faixa etária identificada podemos perceber que a maioria dos professores entrevistados são jovens que atuam na rede municipal de Louveira.

Com relação à formação dos profissionais entrevistados, três são mestres, um concluiu o mestrado profissional e dois o mestrado acadêmico, uma professora está cursando o mestrado acadêmico e outra cursou pós-graduação “*lato sensu*” em Matemática; constata-se que os educadores entrevistados reconhecem e dão valor à formação continuada, pois prosseguem os estudos na pós-graduação.

Na concepção de Nóvoa (1992, p. 13):

A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vista à construção de uma identidade profissional.

A formação continuada ajuda o educador a refletir sobre sua prática docente, a discutir com seus pares sobre os desafios e vulnerabilidades de seu trabalho em sala de aula, e buscar meios de melhorar sua prática. Paulo Freire (2015) relata que; “[...] a prática docente crítica, implicante do pensar certo envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer [...]” (Freire, 2015, p. 39). O autor menciona a importância de pensar sobre o fazer, pois para que o educador desenvolva um bom trabalho é necessário que ele estude e coloque em prática o que aprendeu na teoria.

O tempo de magistério dos professores varia de 8 a 27 anos de carreira profissional. Podemos dizer que esses professores, pelo tempo de trabalho informado, possuem prática docente, o que resulta em experiência com o processo de ensino e aprendizagem.

2. Sobre a leitura e contação de histórias

A leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento dos estudantes. De acordo com Silva (1992, p. 43) “leitura é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros, de discussão e de crítica para se poder chegar à práxis [...]” Crianças que leem com mais frequência podem se tornar adultos mais críticos e questionadores.

Retomando aqui o universo empírico da pesquisa, em minha perspectiva como professora de Educação Fundamental e Educação Infantil, com dezoito anos de experiência no chão da escola, sempre trouxe comigo o desejo de mediar a história por meio do livro e o de contar histórias; mesmo não sendo uma contadora busquei estudar sobre o assunto e desenvolver habilidades de um bom contador, crendo que é um processo de aprendizado e aperfeiçoamento dos conhecimentos.

Para Amanda, o interesse pela leitura de história surgiu muito cedo; ela relata:

“Na minha vida pessoal, eu vejo, assim, que a leitura tem um lugar muito especial. Quando eu estava no fundamental II eu fui para uma escola muito maior do que aquilo que eu estava acostumada, a realidade dessa escola era muito precária, porque era uma escola estadual na qual faltavam muitos professores, tinha muita briga entre os adolescentes e a biblioteca da escola acabou se tornando um refúgio para mim [...] A primeira contadora que me lembro foram minhas duas vós”.

Amanda esclarece que suas avós são responsáveis pelo seu prazer pela leitura, pois a sua infância foi regada de muitas histórias. Na escola em que cursou o Ensino Fundamental II esse prazer se perpetua, pois para fugir da hostilidade presente naquele espaço, Amanda fez da biblioteca seu refúgio.

Samira relata:

“Adoro ler, estou sempre com um livro na mão [...] gosto de buscar títulos que contribuam de alguma forma com o meu profissional [...]”. Quem me incentivou a ler foram meus avós, eram aqueles ‘causos’.

Fica evidente que a prática de leitura realizada por ela tem como objetivo a prática profissional. Acredito que o professor, ao realizar o ato da leitura, inspira seus alunos a gostarem da leitura também.

Na concepção de Silva (1992, p. 42), “leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e mais essencial ainda a própria vida do ser humano”. Compartilhando as ideias do autor, saliento que na minha trajetória de vida a leitura contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional; através da leitura ultrapassei barreiras difíceis para uma mulher negra e nordestina, e conquistei um espaço na sociedade.

Silva (1992) ainda relata que ler é um modo de existir, no qual o indivíduo passa a compreender-se no mundo. A partir da leitura compreendemos outros mundos e realidades e podemos ressignificar nossas próprias histórias.

Carla foi motivada para a leitura na escola, ela diz que sua “*atração pelos livros era sempre visual, muito pelas imagens, pelas cores, pela textura do livro, pela impressão*”. É de fundamental importância que os estudantes possam ter contato com diversos gêneros textuais e possam folhear os livros.

Segundo Fonseca (2017, p. 29) “temos de promover a entrada dos diversos textos na escola para que as crianças aprendam as competências necessárias para a leitura na vida cotidiana [...]”.

Considerando a importância do papel da família, posto que ela tem um papel essencial na influência da leitura, pessoalmente, na minha trajetória de vida fui muito incentivada por minhas avós, o que despertou em mim gosto e o prazer pela leitura. Acerca desses incentivos e motivações promovidos pelas famílias, o entrevistado Pedro esclarece:

“A minha leitura foi incentivada pelo meu pai, porque ele lia muito e eu procurava imitá-lo. Então eu comecei a ler bastante [...] A escola teve aquela leitura que passou a ser mais obrigatória [...]”.

Helena diz que sua primeira figura de contador foi o avô:

“Eu sentava com meu avô e ele contava que fugiu da segunda guerra mundial, eu juntava o livro de histórias com o real”.

Denota-se que a maioria dos entrevistados foi incentivado pelos avós a desenvolver o gosto pela leitura. Abramovich (1989, p. 16) descreve que:

[...] o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando conto de fadas, trechos da bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou pai como personagens.), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais...contados durante o dia – numa tarde de chuva, ou estando todos na grama, num feriado ou domingo...

Esses vínculos cultivados entre os familiares são muito importantes para o desenvolvimento das crianças, das suas memórias afetivas e experiências significativas, que lhes dão sentido para o prazer pela leitura.

3. Contação de história

Desde cedo minha imaginação foi aguçada pelas histórias das minhas avós, elas me inseriram no universo da literatura oral por meio da contação de histórias, embora elas não tenham incentivado diretamente a leitura, considerando que uma delas era analfabeta; elas serviram como um portal de entrada da literatura escrita em minha trajetória de vida e, diante dessas experiências e memórias afetivas tão significativas que tive na minha infância, busquei e busco ser uma educadora que desperta nas crianças o gosto pela leitura e contação de histórias, que essas práticas não sejam uma obrigação para as crianças, mas que sejam prazerosas e significativas para elas.

Bedran (2012), em sua concepção, afirma que “nada é mais aconchegante do que ouvir e sentir uma boa e bem contada história em que a palavra e seus significados se fundem ao som da voz do narrador[...]” (Bedran, 2012, p. 28). Observo que as crianças se encantam e se conectam ao ouvir uma história contada; muitas vezes, em minha experiência como professora, contando uma história, vi os olhos delas brilharem durante a contação.

Nessa perspectiva, gostaria de saber se na prática dos professores entrevistados era preferível ler ou somente contar histórias.

Amanda relata:

“Depende, como professora de projeto eu conto mais histórias. Como professora de sala eu faço as duas coisas [...] penso que se deixar de ler histórias todos os dias para as crianças é uma oportunidade que elas estão perdendo de entrar em contato com o texto escrito, que vai auxiliar na formação leitora deles, no letramento, na alfabetização”.

Samira afirma que depende, pois na educação infantil era mais fácil contar:

“No fundamental acho importante ler, então tento mesclar um pouco [...] gosto de ler para que eles tenham contato com o vocabulário [...] se apropriando da leitura”.

Tanto Amanda como Samira preferem ler a contar histórias; verifica-se, por meio de seus relatos, que elas acham fundamental a leitura de histórias, pois assim as crianças ampliam o vocabulário, se tornam leitoras, entram em contato com o letramento e se apropriam da leitura.

Com base na minha experiência como educadora acredito que é mais fácil ler do que contar histórias, pois a contação exige mais preparo do docente; evidentemente, a contação desperta sentimentos nas crianças.

Segundo Matos (2014, p. 1) “os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos”. Por meio das histórias podemos criar, sonhar e ressignificar nossa própria história. O contato da criança com os personagens tão diversos dos contos enriquece e desperta sua imaginação.

Já Eliana menciona que nunca fez uma contação de história com as turmas do fundamental: *“Na época que eu trabalhava com os bebês, daí eu fazia contação de histórias, algumas eu lia direto no livro [...]”.*

Pedro argumenta: *“Contar história não é ler história, então talvez eu tenha dificuldade, ou o meu próximo desafio, o meu próximo aprendizado, seja aprender a contar a história e não ler a história”.*

Acerca disso, Sisto (2020) argumenta que:

Antes de pensar no público, especificamente, devemos pensar quais são os requisitos para contar bem uma história. Dominar em linhas gerais o texto, saber fazer suas escolhas, se preparar com alguma antecedência para contar, utilizar conscientemente os recursos do instrumental humano (emoção, corpo, voz, memória) e os recursos técnicos necessários para uma maior eficácia no trabalho com a palavra (naturalidade, ritmo, entonação, pausas) (Sisto, 2020, p. 90).

Contar é diferente de ler histórias; para contar bem uma história é necessário se conectar com ela, estudá-la, memorizá-la, e na hora de contar para os estudantes utilizar o ritmo, a entonação de voz, saber dar as pausas no momento certo; exige todo um preparo.

Trago aqui a fala da professora Helena, que relata: *“Eu particularmente acredito muito, muito, no ato de contar história. Eu gosto muito da improvisação, eu gosto muito do olhar, olho no olho, mas a leitura é fundamental, o livro sempre está lá.”*

Complementado a fala da Helena, Carla argumenta: *“Quando tenho tempo prefiro contar, quando não tenho tempo eu leio [...] sem dúvida eu acho que contar é mais interessante até para quem está ouvindo”.*

Abramovich (1989) acredita que por meio das histórias podemos descobrir outros mundos, outras formas de atuar na sociedade, outros valores, outras perspectivas.

Na minha prática pedagógica leio mais que conto histórias, mas tenho me desafiado a contar histórias inspirada em minhas avós e minhas irmãs, que são boas contadoras de histórias. Portanto, prossigo aperfeiçoando minhas habilidades para contar. Em 2021, realizei um curso de contação de história no formato on-line em que adquiri muitos conhecimentos sobre contação; as leituras que tenho feito também sobre este tema têm me ajudado aperfeiçoar meus conhecimentos.

Conto histórias para formar leitores; para fazer da diversidade cultural um fato; valorizar as etnias, manter a história viva; para se sentir vivo; para encantar e sensibilizar o ouvinte; para estimular o imaginário; articular o sensível; tocar o coração; alimentar o espírito; resgatar significados para nossa existência e reativar o sagrado (Busatto, 2012, p. 45-46).

Acredito que as histórias nos movem, despertam em nós e nas crianças afetos, nos tornam pessoas sensíveis, capazes de encantar os ouvintes e tocar a alma das pessoas com profundidade.

As histórias das minhas avós ficaram gravadas em minha memória, me ajudaram a enfrentar situações difíceis e contribuíram para formação da minha identidade; além disso, tornou a minha alma mais leve e meu olhar mais profundo e terno, sempre em busca de novos desafios, novas descobertas e novos sonhos para trilhar e buscar viver a vida com sentido e significado. Como diz Gonzaguinha: “viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar, e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz” (Gonzaguinha, 1982)¹⁴.

Compreendemos através dos relatos das entrevistados(as) que todos(as) têm uma relação íntima e prazerosa com a leitura; todavia, todos(as) narram a falta de tempo para se prepararem e usarem a contação de histórias como aliadas nos seus trabalhos em salas de aula, o que proporcionaria às crianças a acuidade literária, despertando, assim, o desenvolvimento de educandos(as) leitores(as) em uma perspectiva crítica e criativa.

¹⁴ Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gonzaguinha/463845/>. Acesso em: 11 fev. 2024.

4. Valores Sociais

Nesta categoria, ressaltam-se quais conceitos os professores e professoras entrevistados (as) tinham sobre os valores sociais.

Na compreensão de Amanda, valores estão relacionados com a cultura, e para ela o social tem muito a ver com a teoria de Vigotsky, relacionada ao signo e simbolização. Por sua vez, Samira acredita que os valores são construídos coletivamente, e esse coletivo está relacionado com a cooperação entre os educandos e com respeito.

Amanda relata: *“Então, acho que vou mais no sentido do que é cultural, porque social, para mim, vai muito no sentido de Vigotski, é a relação entre humanos, o signo, a simbolização, vou mais para esse sentido da cultura [...]”*.

Samira complementa: *“O que é valor? Eu acho que a gente vai construindo, desconstruindo, reconstruindo, mas atualmente e profissionalmente, pensando na minha sala eu penso muito na construção do coletivo, acho que o coletivo está muito envolvido com a cooperação e o respeito [...]”*.

Respeito foi um dos valores ressaltados para que os educandos pudessem refletir através de situações vividas pelos personagens das histórias.

A entrevistada Eliana traz a seguinte concepção: *Os valores como combinados humanitários [...] a BNCC fala um pouco sobre isso, não vou dizer assim exatamente, mas a questão das competências socioemocionais e não necessariamente o trabalho com os valores, mas vejo que esses valores podem ser escolarizados também [...]*.

Pedro relata: *É, eu penso que os valores devam ser valores, assim, democráticos e só aí a gente tem bastante trabalho para definir o que é democracia. Democracia não é algo simples e os valores aparecem [...] então, os valores não se ensinam explicando, aprendemos os valores pelo exemplo, mesmo que o exemplo não seja você, mas seja o personagem do livro, eles são muito mais potentes, mais geradores de aprendizagem [...]*.

A Eliana traz os valores como combinados humanitários, relata sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e as questões socioemocionais. A BNCC cita dez competências socioemocionais. Dentre elas:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (Brasil, 2017).

É fundamental que a escola promova discussões sobre princípios de empatia, respeito, diversidade e cooperação, porquanto deve promover situações que permitam que os estudantes cooperem uns com os outros.

Pedro aborda os valores democráticos, que não são simples e estão presentes na

escola, e ressalta que os valores não são ensinados, mas aprendidos por meio do exemplo.

Na minha prática como professora sempre busquei dar exemplos de valores de amizade, solidariedade, coragem e respeito, através de minhas atitudes e relações com outros professores e professoras e com as crianças.

Uma das perguntas foi: os professores entrevistados utilizavam a literatura infantojuvenil para refletir sobre os valores sociais com os educandos?

Amanda menciona: É pouco comum. Eu não costumo escolher histórias para ensinar algo, só que eu considero que as histórias, mesmo que eu não queira, elas ensinam algo, porque as histórias representam um conjunto de valores de um determinado autor, de uma determinada comunidade [...] por exemplo quando escolho uma fábula eu não gosto de ficar impondo a lição para a criança, mas a fábula coloca em questão alguns valores morais que possibilitam o diálogo.

Samira relata: “Não intencionalmente, nunca selecionei um livro porque ele traz algum valor que eu queira trabalhar. Normalmente, eu escolho o livro por algum tema que vai surgindo na aula. Mas relacionado a algum tema, não especificamente o valor”.

Essas professoras não costumam escolher os livros para ensinar valores, mas acreditam que esses livros transmitem valores e concepções e despertam sentimentos nos indivíduos.

Uma prática educacional deve ser pautada na discussão de valores por meio de diálogos e na construção coletiva desses valores. Segundo D`Aurea-Tardeli (2012, p. 124) “é preciso criar condições que possibilitem a uma pessoa mostrar suas preferências de valor em uma situação-problema, mostrar aos demais seus pensamentos e sentimentos e estar disposto a argumentar com todos”.

Nas oficinas de mediação de leitura e contação de histórias realizei a contação e mediação de alguns livros que permitiram que as crianças discutissem sobre os valores, os identificassem e os trouxessem para sua própria história de vida.

A professora Eliana disse: “Eu lembrei agora que você comentou, lembrei daquele ‘Os direitos das crianças’, da Ruth Rocha. No quarto ano a gente trabalha muito com fábulas, porque as fábulas têm a moral e as morais carregam valores [...]”.

O Professor Pedro faz uma reflexão que trabalha as fábulas, mas ele utiliza o valor apresentado pela fábula e o desconstrói, sempre vinculando à vida da criança.

Ambos os educadores trabalham com fábulas para que as crianças possam refletir sobre diversos valores delas extraídos.

Como mencionado ao longo desta pesquisa, os valores não são refletidos para passar lições morais, mas para ajudar as crianças a desenvolver atitudes de cooperação,

solidariedade e respeito ao próximo e, além disso, despertar o professor para desenvolver uma educação mais humana, sensível e significativa, que incluam todos os educandos no processo ensino-aprendizagem.

Para Helena, não é necessário trabalhar livros somente para ensinar um valor ou, por exemplo, trabalhar sobre a cultura africana no dia da consciência negra, mas esses temas precisam estar presentes o ano todo.

Pela minha experiência neste tempo de magistério, constato que muitos professores da educação básica trabalham esse tema como uma obrigação, o que nos entristece, pois são necessárias mais conscientização e formação dos alunos para que esses temas sejam presentes durante todo o ano escolar.

Carla relata:

Depende da história, mas eu sempre pergunto da prática deles, da vivência deles. Atualmente porque a gente dá aula na plataforma, eu sempre passo uma história no começo da aula [...] todas as histórias que passei até agora é vídeo, e é uma pessoa contando uma história, raramente leio o livro [...] e nos últimos tempos a gente trabalhou bastante livros que falam sobre sentimentos, sobre emoções, sobre medo e a criança vai falando sobre seus medos [...].

A entrevistada fala sobre o trabalho desenvolvido durante a pandemia, com histórias que abordassem temas como o medo, pois nesse período muitas crianças perderam familiares atingidos pelo coronavírus. É de fundamental importância que o professor acolha os educandos, seus medos e deem espaço para que esses temas sejam discutidos na escola.

Foi possível compreender, através das narrativas, que os valores sociais são aprendidos com exemplos e podem ser ensinados no ambiente escolar; a contação de histórias pode ser uma parceira na construção desse aprendizado. Nós, professores, somos espelho para nossos aprendizes.

Os aspectos abordados nas entrevistas me auxiliaram a trazer nesta dissertação o Discurso do Sujeito coletivo sobre o que os professores(as) entrevistados(as) entendem em comum sobre mediação da leitura, contação de histórias e valores sociais. Através de suas narrativas é possível dizer que a maioria prefere mediar a leitura do que contar histórias, porque acreditam que a contação de histórias exige habilidades específicas, como, por exemplo: uso de equipamentos para sonorização, uso de objetos, entonações diferenciada de voz ou outros mecanismos essenciais para se contar uma história, enquanto a mediação de leitura na percepção docente não exige um aparato diferenciado, apenas o objeto livro.

Ainda que os(as) professores(as) demonstrem que não se sentem seguros para contar histórias, consideram que a contação possibilita a transmissão de conceitos, culturas e

valores que possam auxiliar na formação e desenvolvimento da criança. A maioria desses profissionais não escolhe uma história para ensinar um valor, mas por meio de bons livros discute sobre temas que abordam princípios de amizade, solidariedade, respeito a diversidade, coragem, medos, entre outros. Acreditam que o diálogo permite às crianças enfrentarem os desafios que encontram no seu entorno.

É fundamental que a escola encoraje a criação de espaços de encontros, tantos formais quanto informais entre os professores, os cafés, as mesas compartilhadas, a amizade, a troca de conhecimentos e experiências. Como diz Freire (2005b): “a transformação se dá por meio da mediação, dos relacionamentos, dos vínculos e da construção e partilha de afetos”. Aprendi muito através do encontro com os docentes, pois o momento de escuta de suas práticas, desafios e angústias me levou à reflexão sobre minha prática pedagógica, a importância da escuta das crianças e o quanto precisamos buscar a formação continuada, que aborde conhecimentos e experiências voltadas para a arte, contação de histórias e a ludicidade, para aperfeiçoar nossos conhecimentos e desenvolver uma educação que se preocupe em formar indivíduos sensíveis, solidários e comprometidos com o bem comum.

CAPÍTULO 5 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

No decorrer das entrevistas, ouvi os relatos de experiências vividas por seis educadores(as) que contam e mediam histórias para crianças a partir da compreensão do valor desses processos em suas práticas pedagógicas e no despertar da criatividade, imaginação e reflexão que são gestados nesses encontros. Essa abordagem se deu através das metodologias do DSC e narrativa, que levaram à identificação de suas concepções e afetos sobre esses percursos.

O(A) professor(a) tem um papel fundamental ao motivar e inspirar os estudantes a serem bons leitores, como também ao despertar a criatividade e suas memórias. Entretanto, o excesso de conteúdos, as burocracias e pressões que existem na instituição escolar muitas vezes acabam tirando a motivação e força do professor.

Pensando nessa realidade, optei por entrevistar alguns professores(as) para enriquecer este trabalho com suas experiências, anseios, frustrações e sonhos, obtidos através de mediação de leitura e contação de histórias a partir de suas práticas pedagógicas.

As atitudes e compromisso dos(as) professores(as) com a leitura são essenciais para desenvolver nas crianças esse hábito, incluindo a família nesse processo. Participei de um projeto em que familiares das crianças se envolveram na contação e mediação de histórias, o que foi muito enriquecedor e trouxe muitas alegrias e entusiasmo para as crianças. Acredito que seria importante que essas iniciativas fossem parte do currículo, a fim de que sejam mais sustentáveis.

Para desenvolver essas práticas de leitura e contação de histórias, por meio do diálogo sobre valores presentes nos livros, o(a) professor(a) precisa considerar saberes que são importantes nesse processo, como a pesquisa e escolha dos livros de acordo com a faixa etária, ideologias e realidades das crianças, através de uma educação que considere o contexto, potencial e as dificuldades que eventualmente fazem parte da infância e, nesse contexto, promover práticas pedagógicas comprometidas com a desconstrução de conceitos e narrativas hegemônicas e estereótipos em relação à cultura, bem como proporcionar uma educação emancipadora e significativa (Freire, 2005b).

Nessas entrevistas realizadas com os(as) professores(as) tive a oportunidade de compartilhar vivências e criar um sentido de pertencimento, como guardiões de histórias e memórias que fazem parte da nossa trajetória na educação.

Ao organizar espaços de leitura com livros de interesse dos educandos e envolvê-los na construção de um ambiente que faça sentido nesse processo de aprendizagem,

é fundamental que não seja imposto um modelo de atuação previamente elaborado. Também é imprescindível que o educador ou a educadora ouça a real necessidade das crianças, de modo que elas possam se reconhecer enquanto parte importante de todo o processo e consigam expressar suas opiniões a respeito do espaço.

Cabe também ao professor se interessar pela leitura dos textos produzidos por seus alunos em sala de aula, através dos quais eles desenvolvem habilidades de compreensão e interpretação mediadas pelo ato de ler, no sentido de identificar, através de cada história lida, as realidades e contextos de vida que trazem em sua experiência. Um professor que lê uma história sem interesse acaba transparecendo esse desinteresse para os seus alunos. Como professor, é preciso que ele inspire os educandos, despertando o desejo pela leitura. Para que isso aconteça, o professor tem que ser um leitor.

Podemos dizer, de forma alegórica, que o professor deve despertar “o apetite” pela leitura em seus alunos. Para que a leitura pareça “apetitosa”, o professor não pode ser o protagonista do processo, mas, do ponto de vista de sua formação, é imprescindível que ele tenha se apropriado das práticas de leitura em sua própria vida e em seu cotidiano profissional. Como nos diz Paulo Freire (2005a) em seu livro “A importância do ato de ler”, o adulto, seja ele professor ou familiar, tem muita influência no desenvolvimento do comportamento leitor de uma criança. Na minha experiência pessoal, adquiri o gosto pela leitura ao ouvir as histórias contadas por minha avó materna. Até hoje me recordo dela, sentada em uma cadeira, pegando um livro sem muitas figuras e começando a ler para mim. A cada leitura minha avó demonstrava muito prazer e entusiasmo, além de familiaridade com aqueles livros. Depois de ouvir as histórias de sua boca, eu comparava a minha história com a história das personagens e dos livros. Aquele momento era especial para mim, pois me permitia viajar para outros lugares através da imaginação.

As histórias sempre estiveram presentes em minha vida, através das relações com meus pais e irmãos, o que me faz recordar as palavras de Freire (2005a, p. 12):

[...] Os textos, “as palavras”, as “letras” daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e, quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber-se encarnavam numa série de coisas, de objetos, de sinais, cuja compreensão eu ia apreendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais.

Saindo das situações familiares dentro das práticas de leitura e retornando ao contexto educacional, parece-nos importante pensar sobre o perfil dos professores que trabalham com a leitura. Como abordado anteriormente, o professor que não gosta de ler terá mais dificuldade de formar alunos leitores. A posição docente requer dos professores a busca

por constante formação, permitindo, dessa forma, a reflexão sobre sua prática pedagógica e a descoberta de alternativas que fortaleçam suas concepções para promover a formação leitora.

A respeito da constituição do sujeito leitor, Silva (2009, p. 34) comenta que “Uma forma de leitura que voltou à tona com grande sucesso é a contação de histórias”, pois traz motivação para as crianças gostarem de ler, desperta a imaginação, criatividade e aguça os sentidos para construção e ampliação de novos conhecimentos.

Pensando em uma maneira mais específica para a formação de leitores, devemos considerar que não basta o professor estar munido de práticas e possuir um comportamento leitor exemplar se não conhece a realidade de seus alunos. É imprescindível que ele conheça a realidade de cada educando, saiba as preferências, os costumes, a cultura e o entorno de cada criança para que, a partir disso, consiga desenvolver seu trabalho de medição de leitura e contação de histórias.

Nesse sentido, podemos nos perguntar: é importante que o professor reflita sobre o que é ser criança? Segundo Freinet (1996, p. 167) em sua Invariante nº 1, “a criança é da mesma natureza que o adulto”, ou seja, o processo de desenvolvimento do comportamento leitor não deve acontecer de forma que suscite o controle da situação que está sendo experienciada. O professor pode fazer desses momentos uma oportunidade de troca de experiências, de interações e, mais do que isso, de encontro, escuta, surpresa e até encantamento. Assim como “o apetite pela leitura e escuta de contação de histórias” precisa ser desenvolvido pelo docente, ele deve compreender que seus alunos também precisam de tempo para “degustar os sabores” da leitura.

A leitura de um livro nas rodas de conversa corresponde a mais um instrumento de aprendizagem utilizado pelo professor. Na roda de conversa, todos se posicionam em forma de um grande círculo, propiciando um espaço mais democrático, no qual todos se veem, independentemente da posição, rompendo com as concepções hierárquicas do saber. Assim, nesse círculo, as crianças se expressam através de múltiplas linguagens (a fala, a escrita, a escuta, a oralidade, os desenhos e as diferentes formas de arte), relatando suas opiniões, dúvidas, leituras, descobertas, discordâncias, construindo saberes para sua formação como indivíduos participantes da comunidade escolar. Dependendo da situação em que se encontram é possível que, a partir desse diálogo entre alunos advindos de uma simples “contação de história”, ocorra a produção de frutos do conhecimento do trabalho da turma – e também individual – estabelecendo-se, na escola, um contexto de ajuda mútua no qual o professor é mediador do processo. Após a leitura, o professor apresenta questionamentos e problematiza o livro que acabou de ser lido pelo grupo. Mesmo assim as suas perguntas podem não ser

suficientes para esgotar os sentidos possíveis nesse momento de discussão sobre a história. Quem dá o sentido para as práticas de leitura são, primordialmente, os alunos; são eles os protagonistas dos processos de ensino e aprendizagem. Não basta o professor gostar de ler, organizar a sala em rodas de conversa e fazer excelentes questionamentos sobre os livros. É fundamental aprofundar as reflexões sobre a leitura, problematizando os sentidos que foram despertados nas crianças e por elas expressados durante o aprendizado; por isso, a importância de o professor conhecer cada um dos seus alunos.

Através da escrita do memorial de formação, acabo por perceber que as práticas leitoras vão além dos elementos trazidos acima. Ao ouvir as histórias da minha avó, não só tomei gosto pela leitura, como também desenvolvi diversos valores, como: empatia, amor, amizade e respeito à diversidade. É necessário que os professores tenham consciência de que as práticas de mediação de leitura também são fundamentais para o desenvolvimento de valores sociais, construídos a partir da reflexão do educando e dos sentidos que ele dá para história lida, e para a formação de crianças cidadãs, questionadoras, capazes de atuar para transformar a realidade.

Na escola, muitas vezes, os professores encontram dificuldades em trabalhar com a leitura devido à quantidade de conteúdos que precisam ministrar em sala de aula, principalmente a partir do Ensino Fundamental. Diante desse contexto, o professor precisa ultrapassá-las, o tempo todo, para preparar essa mesa compartilhada de saberes e sabores leitores, com livros de diversos gêneros, que sejam escolhidos pelos próprios educandos e educandas.

Passos (2015), em sua tese de doutorado, analisa os aspectos da formação e desenvolvimento do leitor até sua transformação em um sujeito independente e autônomo. De acordo com a autora, a leitura, no estágio de desenvolvimento formativo do leitor, transcende o texto:

O leitor desenvolve o gosto pela leitura nos seus diferentes formatos, expressões e comunicações, isto é, o sujeito que lê busca a informação desejada de acordo com o seu interesse pessoal; adquire a capacidade de interpretar e agregar valor à informação nas diferentes categorias de registros e manifestações, independente do objeto livro ou da palavra escrita, gerando novos conhecimentos (Passos, 2015, p. 145).

Compreende-se, portanto, que o leitor dá sentido às suas leituras e interpreta o que lê de acordo com o conhecimento que possui, produzindo novos conhecimentos que agregam valores à sua realidade de vida. Segundo Bräkling (2004, p. 3):

Um texto é sempre produzido em um determinado momento histórico no qual se encontra definido um determinado horizonte de expectativas, derivado de um corpo de conhecimentos e informações disponíveis e compartilhado – em maior ou menor medida – pelos possíveis interlocutores.

Assim, quando um texto é produzido, alguns sentidos são produzidos pelo autor, sentidos que são decorrentes da forma de compreender o mundo constituída naquele momento histórico específico em uma determinada cultura.

Assim como o autor produz sentidos a partir de sua compreensão de mundo, o leitor interpretará o texto conforme a sua experiência, cultura e momento histórico no qual está inserido. Considerando o contexto educativo, é importante que o aluno compreenda o uso social da leitura. Na concepção de Rojo (2004, p. 7-8):

[...] a escola e a educação básica são lugares sociais de ensino-aprendizagem, de conhecimento acumulado pela humanidade – informações, indicações, regras, modelos –, mas também, e fundamentalmente, de formação do sujeito social, de construção da ética e da moral, da circulação das ideologias. Falar da formação do leitor cidadão é justamente não olhar só uma das faces dessa moeda; é permitir aos nossos alunos a confiança na possibilidade e as capacidades necessárias ao exercício pleno da compreensão. Portanto, trata de nos acercarmos da palavra não de maneira autoritária, colocada ao discurso do autor, para repeti-lo *de cor*; mas de maneira internamente persuasiva, isto é, podendo penetrar plasticamente, flexivelmente, as palavras do autor, mesclar-nos a elas, fazendo de suas palavras nossas palavras, para adotá-las, contrariá-las, criticá-las, em permanente revisão e réplica.

A importância da escola enquanto um lugar social, como afirma a autora, onde o conhecimento e a palavra devem circular de modo a contribuir para diversas leituras de mundo, precisa ser reiterada como forma de resistência ao autoritarismo. Com esse propósito, o educador deve proporcionar ao educando situações em que ele possa interpretar a experiência social através do texto. Criticá-lo e questioná-lo, através do debate e das interações com os colegas, são fundamentais para a formação do leitor crítico. Como afirma Lerner (2002, p. 73): “ler é entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer, é tirar carta da cidadania no mundo da cultura escrita [...]”.

Através da leitura podemos viajar para outros lugares, outras culturas, interpretando mundos e construindo, a partir desses conhecimentos, novas histórias, por meio da magia e do encantamento.

E a História Continua...

Este trabalho não termina aqui. É uma trajetória sem ponto final, um percurso transformador que continuará. Caminho de interrogações, perguntas, escutas, trocas profundas, de afeto e dores, uma reflexão bela e desafiadora sobre as aventuras da leitura e da contação de histórias na sala de aula alinhada aos valores que permearam a minha infância.

Trata-se de uma caminhada que não é só minha, é “nossa”, dos alunos e alunas que me tomaram pela mão, me levaram por caminhos desconhecidos e me mostraram tesouros escondidos; é também dos meus colegas, professores e professoras que me acompanharam, que me desafiaram e inspiraram nesse processo de novos aprendizados e horizontes.

A potência das crianças me encantou e me surpreendeu outra vez. Os diálogos internos com a minha infância e com as crianças nesse período me levaram a questionar algumas das nossas práticas pedagógicas e o sentido que elas têm para a vida. Um desses questionamentos foi sobre a escuta da criança e a construção de espaços de trocas, o reconhecimento da reciprocidade que existe no processo de aprendizado e o risco de ter uma postura dominante que impeça que a imaginação da criança flua e a sua sensibilidade seja acolhida. Levou-me a considerar, com mais profundidade, o valor da arte e do belo na educação e do seu impacto na humanização dos sentidos e na estruturação do comportamento que, segundo Vygotsky (1999), oportuniza a vivência de emoções, sentimentos e a construção de relações sociais.

Foi uma experiência de aprendizados e diálogos que, como menciona Larrosa (2022), me atravessou, me passou, mas não passou, foi surpresa transformadora que não sei definir, mas recebo com gratidão. Possibilitou que eu me reconcilhasse com memórias da minha infância que me fizeram abrir janelas e olhar para trás sem medo de revirar os baús da minha história. Foi um processo de transformação, que trouxe lágrimas e risos e me ajudou a nomear dores encobertas e alegrias desconhecidas.

Foi também uma trajetória que expôs as minhas fragilidades e fortalezas, os meus medos e coragens, senti-me desafiada e fortalecida na construção de vínculos e de novos espaços de aprendizados. Fui interpelada e transformada nas rodas de contação de histórias, nos encontros e diálogos, que foram parte essencial desse processo, incluindo a aproximação e escuta das famílias, a pesquisa bibliográfica.

Atrevo a dizer que me senti identificada com a vida e trajetória de muitos autores e autoras, como bel hooks (2017), Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, entre outras que me convidaram a assumir a luta antirracista e a revisitar a minha infância e história de vida;

Ezequiel Theodoro da Silva (1992) me desafiou a compreender melhor sobre uma leitura viva e crítica na escola; Yves de La Taille (2006) me ajudou a compreender a importância de dialogar sobre os valores na escola; Walter Benjamin (2018) me fez refletir sobre as narrativas orais e o grande valor da memória; e Regina Machado trouxe para esta pesquisa contribuições significativas sobre a arte de contar histórias. Não tenho como citar aqui o grande número de autores(as) que me ajudaram, desafiaram e inspiraram nessa caminhada, a todos(as), a minha gratidão.

Foi um processo que me tornou mais atenciosa, observadora, mais analítico-crítica, silenciosa (escutadora), mais enamorada dos livros, acariciando a palavra com afeto, reverência e curiosidade.

Como já mencionado no memorial, a minha história foi marcada pelas palavras e atitudes de solidariedade e justiça social, que eram parte da cultura da minha família, que com simplicidade e afeto construíram as suas histórias. E como fruto desse entrelaçar de experiências, minha história continua sendo feita de construções e desconstruções, povoada de lutas e lutos, de sonhos e despertamentos.

Foi uma trajetória de construção de pontes e comunidade, de reconhecimento da importância da amizade, da solidariedade, hospitalidade e dos afetos no contexto da educação. Também foi espaço de desconstruções de preconceitos, de muros, de acolhida dos meus próprios medos, e celebração dos passos dados nessa caminhada de lutas e conquistas como professora, mulher negra e nordestina abrindo brechas em novos contextos e realidades. Sei, entretanto, que ainda existe um caminho longo que precisamos percorrer juntos, entre educadores e educadoras, alunos e alunas, de toda a escola, pais e sociedade civil. Há necessidade da criação de políticas públicas que contribuam para a construção de uma escola-comunidade que escute e potencialize a voz das crianças, a formação de valores humanizadores, que anuncie a paz e denuncie os racismos, as violências, que trabalhem pela diminuição da marginalização do ser humano e o consumo predatório da natureza, que é a nossa casa comum.

Acredito em uma educação mais humana e humanizadora, mais digna, na qual cada educando possa ser sujeito do seu processo de ensino-aprendizagem. Hoje, com mais terra nos pés e com as mãos calejadas, tenho a oportunidade e o privilégio de continuar aprendendo através de inspirações, desafios, questionamentos e lições desses encontros dos quais participo com gratidão, reverência, curiosidade e vontade de aprender, como sujeito da minha própria história.

O maior desafio que enfrento todos os dias é o de melhorar a minha prática, procurando me abrir para novos aprendizados, ser uma educadora em constante

formação e ouvindo os educandos e educandas, permitindo que esses e essas sejam sujeitos protagonistas de seu processo de aprendizagem. Acredito que através do diálogo e das relações com as crianças podemos produzir conhecimentos significativos, ao mesmo tempo em que acolhemos suas reais necessidades.

As discussões com os colegas do mestrado foram importantes para o desenvolvimento da minha pesquisa. As disciplinas realizadas auxiliaram na escrita do memorial de formação, bem como no sentido de aprofundar a reflexão sobre as relações que acontecem na escola, entre docentes e estudantes. Ao longo dessas aulas, capacitei-me ao escutar as experiências dos meus colegas e cada narrativa de vida que enriqueceu a minha dissertação.

Por meio da relação entre pesquisa e ensino o mestrado tem me possibilitado refletir sobre a prática, bem como adquirir conhecimentos para melhorá-la. É no diálogo com outros profissionais, compartilhando experiências e ouvindo uns aos outros que podemos avançar em nossa formação e transformação.

E, nesse ano de 2020, aprendi a ouvir de outro jeito e a descobrir novas formas de encontros. A pandemia chegou assustadora e polarizadora. As notícias misturavam negacionismo com temores que tornaram as distâncias maiores e revelaram, de forma mais escancarada, as desigualdades de nossas sociedades e sistemas e a vulnerabilidade da existência humana. Os rumores e a realidade do coronavírus gerou um misto de sentimentos, medo, angústias e frustrações em mim. Senti-me invadida por um sentimento de impotência, queria frequentar as aulas do mestrado, pois gosto muito de me relacionar com as pessoas, e queria poder partilhar conhecimentos, histórias, angústias e alegrias e viver o sonho de estudar na UNICAMP, presencialmente, saboreando os espaços e as dinâmicas do encontro.

Mas o momento pedia pausas. Demandava um jeito diferente de ser e estar, uma imaginação esperançosa, um lamento reverente. Era o momento de mudar a rota e de construir novos mapas. Ali estava eu, impotente, diante do computador, desafiada a aprender novas tecnologias e a vencer as minhas resistências.

Minha mãe, irmã, sobrinho e um irmão estavam comigo, e cuidamo-nos mutuamente, reinventamos os encontros e descobrimos novos espaços. Era o momento de cuidar da minha mãe, já idosa, de tentar protegê-la do vírus, mas na verdade foi ela quem cuidou de nós, e com a sua criatividade e resiliência colocou mais água no feijão, mais cheiro verde na abóbora, mais pimenta no pirão de galinha caipira e muito mais afeto em nossas mesas.

Como educadora também tive que me reinventar, fortalecer os encontros, mesmo que de forma virtual, o que foi doloroso e desafiador, porém constituiu em grande aprendizado

que me empurrou para os grupos virtuais de estudo, de oração, de arteterapia, para as *lives* e para as trocas entre professores, onde o virtual foi sendo desmistificado e a tela fria ficou mais cálida. Foi um tempo de estudo árduo, estava sedenta, queria aprender.

Nesse processo, tive que buscar maneiras de desenvolver a pesquisa de forma virtual, primeiramente; foram as aulas, em que as trocas entre colegas e professores(as) me encorajavam a vencer os obstáculos, e a escuta mútua me fortalecia e enchia de esperança.

Os lutos e as lutas foram intensos. Os relatos de mortes, perdas de empregos e falta de produtos básicos de alimentação e higiene enchiam o meu coração de tristeza, o que originou algumas iniciativas de redes de apoio e acompanhamento de algumas pessoas.

Era impossível não reconhecer que a mesma tecnologia que me ajudava e integrava excluía a muitas outras pessoas.

Quando retornamos às aulas presenciais, meu olhar foi sendo transformado pelos encontros e diálogos com os estudantes e educadores(as), valorizei o processo, desenvolvendo práticas relacionadas às vivências e experiências das crianças, potencializando suas descobertas, curiosidades e criatividade.

Para Freire (2005) uma educação humanista é uma educação revolucionária, que está centrada no poder criador do ser humano. Sendo assim, os estudantes não são sujeitos passivos e reprodutores do conhecimento, mas são indivíduos produtores de conhecimentos, ideias e culturas.

Na pesquisa que desenvolvi na sala de uma professora, primeiramente criei vínculos com os estudantes e aprendi com eles, percebi que naquele período as crianças estavam silenciosas, e que à medida que construía vínculos com a professora pesquisadora foram se soltando e participando com mais entusiasmo da atividade proposta. Durante o diálogo sobre as histórias contadas e mediadas, as crianças foram comparando as histórias contadas com suas próprias histórias e expressaram o que entendiam sobre elas, manifestando seus sentimentos, afetos e valores, os quais sentiam e se identificavam nesse processo; entre as reações, houve a indignação com as injustiças e violências, a empatia com alguns personagens, críticas a certas atitudes e, ainda, algumas crianças que não se manifestaram durante o diálogo.

O contato com as histórias e com as boas perguntas realizadas com os educandos(as) desenvolvem neles a capacidade de questionar, criticar e formar sujeitos com comportamentos leitores.

Alguns professores(as) entrevistados(as) relataram sobre as dificuldades em lidar com o número excessivo de conteúdos e projetos que precisam cumprir no ano letivo, e não há muito tempo para trabalhar as atividades significativas como contação de histórias e mediação

de leituras, entre outras. Não podemos ser indiferentes aos direitos das crianças e seus interesses; penso que a escola deve ter um currículo mais flexível, sendo necessário ampliar os espaços de leitura e contação de histórias em sala de aula como parte integrada do currículo e não somente como uma atividade complementar.

O desenvolvimento das oficinas em sala de aula possibilitou às crianças o resgate de valores de solidariedade, coragem, respeito e amizade, além de diferentes linguagens, como o movimento do corpo, ilustrações das histórias, entre outras; isso estimula e desenvolve a percepção crítica para que possam transformar a sua própria realidade por meio do que foi aprendido na escola.

Portanto, necessário se faz que a escola desenvolva uma pedagogia do afeto e crie espaços para que haja escuta sobre valores e atitudes trazidas pelas crianças. Como mencionado no capítulo 3, que aborda sobre a importância da leitura, contação de histórias e formação de valores, deve-se considerar a abrangência e as riquezas das diferentes linguagens, explorando outros caminhos que sejam mais inclusivos e criativos, que envolvam várias linguagens na contação de história, pois a forma como atuamos ao contar histórias também é reveladora de valores.

Aprendi, nesse processo, sobre a importância de relançar a história, redescobrir a novidade e o encantamento que é gestado pelo mesmo texto, reinventando no encontro, no processo, em que a escuta é sempre novidade e surpresa, pois compreendo que relançar não é repetir.

Acerca da importância da contação de histórias na formação dos professores, muitos dos entrevistados preferem mediar a leitura a contar histórias; alguns fizeram cursos de contação de história, os quais possibilitaram que eles adquirissem mais habilidades para mediar a leitura e contar histórias. Esses encontros e diálogos com os professores e professoras também foram uma forma de incentivá-los a trabalhar assuntos relevantes na literatura infantojuvenil que tenham impacto na vida cotidiana das crianças.

Esta pesquisa foi me fortalecendo e trazendo mais profundidade aos meus argumentos na luta contra o racismo e me desafiou a trazer essa discussão para a sala de aula, valorizando a autoestima e identidade das crianças negras por meio de boas histórias, de diálogos profundos, da valorização da cultura e história afro-brasileira. Todo um acervo de histórias de autoras, autores e ilustradores negros se abriu diante de mim. Conhecer melhor sobre mulheres negras escritoras como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus e muitas outras teve um impacto muito grande em mim e despertou novas forças e esperanças. Também foi impactante visitar a exposição “Karingana, presenças negras no livro para as Infâncias” no

SESC Bom Retiro em São Paulo; dialogar e escutar a voz potente da curadora professora Ananda Luz, foi um convite irrecusável que despertou os meus sentidos e abriu os meus olhos para essas belezas e resistências, muitas das vezes invisibilizadas e silenciadas.

Esse estudo me tocou profundamente, a escuta dos educadores(as), suas inquietações, sonhos e desejos de melhorar a escola pública me sensibilizaram e despertaram em mim o desejo da formação de uma escola mais humana, acolhedora que tenha bibliotecas abertas para que as crianças possam frequentá-las e ter prazer em ler e folhear os livros, que haja mais espaços de imaginação, criação e descobertas e que acolha as dores e fragilidades, tanto dos educandos como dos educadores. Uma escola que seja parecida com a vida dos estudantes, que potencialize o cotidiano e que ajude as crianças a lidarem com os dilemas da vida e desenvolvam valores.

Penso que é necessário também um espaço de escuta das angústias, dores e dificuldades dos educadores, e que haja mais formações continuadas nas escolas possibilitando a troca de conhecimentos.

Ficou ainda mais evidente para mim, através deste trabalho, a força do coletivo, o valor do trabalho em equipe e o reconhecimento de que o saber é sabor, partilha e comunhão. Tive a oportunidade de apresentar este projeto de pesquisa na escola em que ministro aulas e em algumas oficinas: do “Fala outra escola”, “COLE”, e na faculdade de Educação – Unicamp. Aprimorei-me com essa partilha e reciprocidade, que foram me transformando em uma profissional que almeja a formação de uma escola pública de qualidade, que reconheça o valor dos afetos e da experiência nesse percurso.

Por fim, obtive muitos aprendizados que despertaram em mim sensibilidades e deram mais força à minha voz, mas também é meu dever ético falar sobre algumas limitações que hoje reconheço ao rever este texto, como no capítulo 4, que poderia ter registrado um pouco mais a voz e experiência dos meus colegas professores e professoras, assim também como nas oficinas com as crianças ter possibilitado um diálogo mais profundo, que oportunizasse uma maior reflexão e desconstrução de alguns estereótipos e estigmas sobre questões relacionadas ao racismo, à visão sobre a África, à violência, entre outros aspectos.

*Karingana ua Karingana a
história continua...*

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**. 5. ed. São Paulo, SP: Scipione, 1989.
- ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólem, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural. TV BOITEMPO. **YouTube**, 13 set. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PD4Ew5DIGrU>. Acesso em: 12
- ALVES, Rubem. **A menina e o pássaro encantado**. Americana, SP: Adonis, 2019.
- ALVES, Rubens. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo, SP: Cortez Editora, 1980.
- ANTUNES, Celso. **Trabalhando valores e atitudes nas séries iniciais**: para crianças de seis a dez anos de idade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- ARANTES, Valéria Amorim (org.); ARAÚJO, Ulisses Ferreira; PUIG, Josep Maria. **Educação e valores**: pontos e contrapontos. São Paulo, SP: Summus, 2007. (Coleção Pontos e Contrapontos).
- ASAAD, Denis; LIMA, Elizete 'Zaza'; KARRAY, Raouf. **Contes et rencontres**: tissage d'espoir. Sfax, Tunisie: [s. n.], 2012.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2010.
- BARBOSA, Rogério Andrade. **Karingana wa karingana**. São Paulo, SP: Paulinas, 2012.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2012.
- BENEVIDES, Maria Victória de Mesquita. Cidadania e democracia. **Lua Nova**, São Paulo, SP, n. 33, p. 5-17, 1994. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/LTSGRTDqFD4X74DxLsw9Krz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13 out. 2023.
- BENJAMIN, Walter. **A arte de contar histórias**. São Paulo, SP: Hedra, 2018.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1987. (Obras Escolhidas, v. 1).
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 9. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2007.
- BRÄKLING, Kátia Lomba. **Sobre leitura e formação de leitores**: qual é a chave que se espera? São Paulo, SP: SEE: Fundação Vanzolini, 2004. Disponível em: https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/912/040720121E-_Leitura_Formacao_de_Leitores.pdf. Acesso em: 03 dez. 2021. (Texto parcialmente publicado no site eletrônico).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1999.

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC):** educação é a Base. Brasília, DF, 2017.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar:** pequenos segredos da narrativa. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística.** 10. ed. São Paulo, SP: Scipione, 1995.
- CANGURU NEWS. 'Leituras têm de despertar a criatividade das crianças', diz o pedagogo Paulo Fochi. **Canguru News**, 21/12/2020. Disponível em: <https://cangurunews.com.br/livros-escola-paulo-fochi/>. Acesso em: 18 set. 2023.
- CARRANCA, Adriana. **Malala, a menina que queria ir para a escola.** São Paulo, SP: Companhia das letrinhas, 2015.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro:** do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo de Moraes. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1945.
- CONNELLY, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa:** experiências e histórias na pesquisa qualitativa. Tradução de Grupo de pesquisa narrativa e educação de professores ILEEL/UFU. Uberlândia, MG: EDU, 2011.
- COSTA, Edil Silva. Contador de histórias tradicionais: velhas e novas formas de narrar. In: MEDEIROS, F. H. N.; MORAES, T. M. R. **Contação de histórias:** tradição, poéticas e interfaces. São Paulo, SP: Sesc São Paulo, 2015. p. 29-38.
- COSTAS, Fabiane Adela Tonetto; FERREIRA, Liliana Soares. Sentido, significado e mediação em Vygotsky: implicações para a constituição do processo de leitura. **Revista Iberoamericana de Educación**, Madrid, n. 55, p. 205-223, 2011.
- D'AUREA-TARDELI, Denise. Outros procedimentos para educar moralmente: como as histórias infantis e a discussão de filmes podem ajudar na formação moral de nossos filhos? In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (org.). **É possível superar a violência na escola?:** construindo caminhos pela formação moral. São Paulo, SP: Editora do Brasil, 2012. p. 118-137.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura Afro-brasileira:** abordagens na sala de aula. Rio de Janeiro, RJ: Pallas, 2014.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1994.
- FONSECA, Edi. Circularte educação: ler ou contar histórias? Parte 2. **YouTube**, 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=33tiI-IPnqU>. Acesso em: 15 jan. 2023.
- FONSECA, Edi. **Interações:** com olhos de ler. 2. reimp. São Paulo, SP: Blucher, 2017. (Coleção InterAções).
- FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes.** São Paulo, SP: Brinque-Book, 1995.
- FREINET, Celestin. **Para uma escola do povo:** guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 46. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2005a.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 40. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2005b.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 1987.

- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e terra, 1979.
- FRIEDMANN, Adriana. **A vez das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo, SP: Panda Books, 2020.
- GALLO, Silvio; SOUZA, Regina Maria. **Educação do preconceito**: ensaios sobre poder e resistência. 2. ed. Campinas, SP: Alínea, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.
- GOMES, Lenice. Cantares e contares: brincadeiras faladas. A arte de contar histórias e as brincadeiras faladas. In: GOMES, L.; MORAES, F. (org.). **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo, SP: Cortez, 2012. p. 23-30.
- GUILHERME, Denise. Qual é a diferença entre ler e contar história? **Canal Nova Escola**, 04 out. 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=e7A4Ec_ictk. Acesso em: 05 set. 2023.
- GONZAGUINHA. **O que é, o que é?** Rio de Janeiro, RJ: EMI Music Brasil, 1982.
- hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo, SP: Elefante, 2019.
- hooks, bell. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo, SP: Boitatá, 2018.
- hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2017.
- LA TAILLE, Yves. **Moral e ética**: dimensões internacionais e afetivas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2022.
- LEFÈVRE, Fernando. **Discurso do sujeito coletivo**: nossos modos de pensar, nosso eu coletivo. São Paulo, SP: Andreoli, 2017.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola**: o real, o possível e o necessário. Porto Alegre, RS: Artmed, 2002.
- LOPES, Véra Neusa. Racismo, preconceito e discriminação: procedimentos didático-pedagógicos e a conquista de novos comportamentos. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília, DF, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 185-204.
- MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo, SP: Reviravolta, 2015.
- MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias**: sua dimensão educativa na contemporaneidade. 2. ed. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2014.
- MATOS, Gislaine Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução de Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.
- MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo, SP: Sesc São Paulo, 2015.
- MELO NETO, João Cabral. **Morte e vida severina**: auto de Natal pernambucano. Rio de Janeiro, RJ: Alfaguara, 2016.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2005.

NILHA, Orlando. **Conceição – Conceição Evaristo**. Campinas, SP: Mostarda, 2021.

NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/4758>. Acesso em: 14 out. 2023.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas científicas. Catalão: UFG, 2007.

PASSOS, Rosemary. **A presença da competência em informação no Plano Nacional do Livro e da Leitura**: aspectos sobre mediação da leitura e formação de mediadores. 2015. 237f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.

PIORSKI, Gandhi. Território do brincar. Entrevista com o pesquisador Gandhi Piorski – Parte 1. **YouTube**, 01 jul. 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gbSNE1T6Uyw>. Acesso em: 15 jan. 2023.

PRADO, Guilherme do Val Toledo; MORAIS, Jaqueline de Fátima dos Santos; ARAÚJO, Mairce da Silva. Processos de (auto)formação docente no cotidiano da escola: horizontes de possibilidades. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, MG, v. 11, n. 24, p. 53-67, 2012. DOI: 10.31496/rpd.v11i24.506. Disponível em: <http://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/506>. Acesso em: 26 nov. 2021.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2021.

ROJO, Roxane. **Letramento e capacidade de leitura para a cidadania**. São Paulo, SP: SEE/CENP, 2004.

RUMFORD, James. **Chuva de manga**. São Paulo, SP: Brinque-Book, 2006.

SANT'ANA, Antônio Olímpio. Histórias e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o racismo na escola**. 2. ed. revisada. Brasília, DF, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-65.

SANTOS, Luciene Souza; BRAGA, Simone Marques. Mostra performática “Os donos da terra: uma história contada”: experiência interdisciplinar entre literatura oral e música através das narrativas da tradição indígena. In: JOGO DO LIVRO, 12., SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO, 2., 2017, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: Ceale/FaE/UFGM, 2017. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/xii-jogo-do-livro-anais.html>. Acesso em: nov. 2023.

SANTOS, Maria Lúcia. **A expressão livre no aprendizado da língua portuguesa**: pedagogia Freinet. São Paulo, SP: Scipione, 1991. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e Sociedade**, Brasília, DF, n. 67, p. 36-49, 2023. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/julianaschivani/disciplinas/midias-educacionais/educacao-na-pandemia-a-falacia-do-201censino201d-remoto/view>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SILVA, Elizabeth Aparecida. **Fotografias, narrativas de vida, identidades**: mediações para

o aprendizado da leitura e produção de textos no 3º ano. 2020. 164f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2020.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Leitura na escola e na biblioteca**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez; Autores Associados, 1992.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. Goiânia, GO: Cênese, 2009.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 3. ed. rev. e ampl., Belo Horizonte, MG: Aletia, 2020.

SISTO, Celso. O griô que eu não sou e as histórias africanas que me enredam: as histórias africanas: uma herança viva. In: GOMES, L.; MORAES, F. (org.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo, SP: Cortez, 2012. p. 200-291.

SOARES, Magda. **Letramento um tema de três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2020.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Tradução de Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

SOUZA, Solange Jobim. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 13. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; MENIN, Maria Suzana de Stefano (org.). **Valores sociomoraes**. Americana, SP: Adonis, 2017. (Coleção Valores Sociomoraes: Reflexões para Educadores).

TRINDADE, Azoilda Loretto. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. **Valores Afro-brasileiros na Educação**, Boletim 22, p. 30-36, 2023. Disponível em: <https://reaju.files.wordpress.com/2018/07/valores-civilizac3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2023.

VARANI, Adriana; CAMPOS, Cristina Maria; ROSSIN, Elizabeth (org.). **A pandemia, o cotidiano e as narrativas do chão da escola: diálogos necessários**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2022.

VELOSO, Caetano. **Felicidade**. Rio de Janeiro, RJ: Polygram, 1974. 1 video (6 min 45 s). Disponível em: <https://youtu.be/sxF4J-5i7rU>. Acesso em: 22 ago. 2023.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia pedagógica**. Tradução do russo e introdução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2010. (Coleção Textos de Psicologia).

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.

WARSCHAUER, Cecília. **A roda do registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1993.

ANEXOS

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: “Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”.

Pesquisadora responsável: Elisângela Lima.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosemary Passos.

Número do CAAE: 40970620.0.0000.8142.

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (FE/UNICAMP). Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Nossa pesquisa pretende investigar e participar das práticas de leitura e contação de histórias infantis em sala de aula e sua influência na formação de valores sociais, em crianças dos anos iniciais do ensino fundamental I. O estudo justifica-se pela importância das práticas de leitura no desenvolvimento da percepção crítica e analítica do leitor iniciante, em processo de pensar a si próprio em relação com o mundo, e busca dialogar com as educadoras e os educadores a respeito das diversas maneiras de abordar a temática dos valores sociais através dos livros de literatura infantil.

O objetivo principal é observar como os educadores leem e/ou contam as histórias, evidenciando o papel das orientações didáticas, no contexto de práticas efetivas de multiletramentos e formação de valores. Faz-se essencial verificar também, como se realiza a escolha dos textos infantis, entre as diversas versões que circulam; observando a entonação utilizada; as analogias estabelecidas e as atividades propostas, as quais fazem parte do conjunto de problematizações a serem desenvolvidas. Entre os objetivos específicos podemos destacar a análise a respeito de como os alunos interagem com os textos escolhidos e sobre suas habilidades de interpretação, reflexão e expressão oral, a partir das experiências de leitura mediada pelos docentes.

Procedimentos:

Participando do estudo você está convidado a conceder uma entrevista na qual será oferecido um roteiro de perguntas abertas (de modo que o/a entrevistado/a responda livremente), cujo objetivo é verificar as estratégias de ensino e aprendizagem, bem como os instrumentos utilizados pelos docentes que trabalham as práticas leitoras do texto literário infantil.

Por intermédio de entrevistas semiestruturadas com dez docentes de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, construiremos uma amostragem com o objetivo de verificar as estratégias de ensino e aprendizagem, bem como os instrumentos utilizados pelos docentes que trabalham as práticas leitoras do texto literário infantil.

Além disso pretende-se observar e participar das aulas de leitura e contação de histórias ministradas em duas salas das séries iniciais do Ensino Fundamental I de uma escola da rede municipal de ensino, localizada na cidade de Louveira /SP, criando dessa forma um ambiente propício para realizar a pesquisa com características de uma observação participante. Nesta etapa de observação, pretende-se dialogar com as crianças de cada turma (com aproximadamente 25 alunos), mediante as devidas autorizações (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos responsáveis). As turmas a serem observadas serão definidas no início do ano letivo.

A entrevista com os professores será marcada em horário e local adequado e reservado, de preferência durante o exercício de sua função e dentro da instituição ao qual está vinculada(o), com a duração de uma hora. A pesquisadora oferecerá o roteiro impresso, legível e o termo de consentimento livre e esclarecido, que deve ser lido e assinado antes do início da entrevista, que será gravada em áudio e transcrita somente se houver autorização do(a) entrevistado(a). Ambas serão armazenadas em local seguro, de uso exclusivo para a pesquisa e de propriedade intransferível da pesquisadora, através de arquivo digital, tendo acesso às mesmas somente a pesquisadora responsável e sua orientadora, ficando sob a guarda da primeira durante o período de cinco (5) anos após a pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

A pesquisa também contará com sua participação durante a fase de observação (realizada pela pesquisadora) das aulas de leitura e contação de histórias nas séries iniciais do ensino fundamental I de uma escola da rede municipal de ensino, localizada na cidade de Louveira/SP. A pesquisa será documentada, mediante autorização das pessoas envolvidas, sob a forma de anotações pessoais, gravação de vídeos, áudios e fotografias, nos quais preservaremos a identidade dos sujeitos, a fim de garantir seu anonimato.

Como participante do estudo, você pode consentir sua participação, bem como retirar-se do processo em qualquer fase de execução da pesquisa, sem qualquer prejuízo. A pesquisadora responsável ficará continuamente disponível para o diálogo, possíveis questionamentos e eventuais esclarecimentos.

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis. A não participação ou interrupção da participação na pesquisa não implicará em nenhum tipo de prejuízo.

Você **não** deve participar deste estudo se não estiver dentro dos critérios estabelecidos para esta pesquisa, ou seja, se não for professor(a) da rede municipal de ensino de Louveira/SP e se não estiver ciente das condições de realização dos procedimentos da pesquisa.

Certifique-se de que qualquer informação ou registro oferecidos durante a entrevista e a fase de observação não implicarão em ônus ou prejuízo de ordem psicológica ou institucional. Caso desista do depoimento ou queira alterar o conteúdo da entrevista, entre em contato com a pesquisadora para que não haja entendimento errado ou contradições nas interpretações das informações.

Diante do contexto pandêmico atual, provocado pela COVID 19, seguiremos todos os protocolos de segurança adotados pela escola.

Benefícios:

Esta pesquisa não prevê benefícios diretos aos participantes.

Ao participar voluntariamente desta pesquisa você dará uma contribuição indireta e coletiva, mas importante para o desenvolvimento de um trabalho científico acerca das práticas docentes de leitura e contação de histórias infantis, com ênfase na reflexão sobre a formação de valores sociais voltada para estudantes do ensino fundamental I.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os participantes poderão entrar em contato com a pesquisadora para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação identificadora será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Ressarcimento e indenização:

Não há previsão de ônus aos participantes pelo fato de que a pesquisa envolve práticas cotidianas comuns aos participantes e por sua realização presencial ocorrer na unidade de trabalho e durante o período em que os mesmos já se encontram no próprio local. Você terá garantia ao direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente. É assegurado aos participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o direito à indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas, conforme Resolução 466/12, bem como o Código Civil, nos termos da Lei. Portanto, em casos de danos decorrentes da pesquisa, os participantes têm direito à indenização.

Contato:

Em caso de dúvida você poderá entrar em contato com a pesquisadora Elisângela Lima – Rua Leone Bertoline, nº 397, Parque Brasil. Louveira, SP. CEP: 13290-000. Celular (19) 993385724. E-mail: pretinha.elis2@gmail.com. Orientadora: Rosemary Passos – Rua Paulo Viana de Souza, nº 700, Bloco G Apto. 33, Vila União. Campinas, SP. CEP: 13060-726. Celular (19) 991449063. E-mail: bibrose@unicamp.br.

Para denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a Secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083- 865, Campinas, SP. Telefone (19) 3521-6836. E-mail: cepchs@unicamp.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, aceito participar:

Nome do participante: _____

Data: __/__/____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: __/__/____

(Assinatura do pesquisador)

ANEXO 2

**PREFEITURA MUNICIPAL DE LOUVEIRA SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO**

Autorização para Coleta de dados:

Eu _____, Matrícula: _____, CPF: _____
responsável pela Secretaria Municipal de Louveira, situada à rua Santo Scarance ,188, Bairro Santo Antônio, Louveira-SP, declaro estar ciente dos requisitos da Resolução CNS/MS 466/12 e suas complementares e declaro que tenho conhecimento dos procedimentos/instrumentos aos quais os participantes da presente pesquisa serão submetidos. Assim autorizo a coleta dos dados do projeto de pesquisa intitulado: *“Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”*, sob a responsabilidade da pesquisadora Elisângela Lima, após aprovação do referido projeto pelo Comitê de ética em Pesquisa- Unicamp.

Juliana Euzebio de Araujo
Secretaria Municipal de Educação

ANEXO 3

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Pesquisador: Elisângela Lima.

Orientadora: Rosemary Passos. **CAAE:** 40970620.0.0000.8142.

Eu **Elisângela Lima**, venho por meio deste, **solicitar autorização para a realização da pesquisa:** *“Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”*, desenvolvida sob minha responsabilidade no Mestrado Profissional em Educação Escolar da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Faculdade de Educação, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, **na escola CEIL, Centro Educacional Integrado de Louveira-Bairro STO Antônio – Fundamental I.**

Pretende-se com essa pesquisa participar das práticas de leituras desenvolvidas em uma sala de aula do 5º ano do ensino fundamental I, mediando situações de diálogos sobre as histórias lidas e/ou contadas, permitindo que as crianças interpretem essas histórias e reflitam sobre os valores sociais presentes nas mesmas.

O objetivo principal é investigar a leitura e contação de histórias, evidenciando o papel das orientações didáticas, no contexto de práticas efetivas de multiletramentos e formação de valores; bem como verificar como se realiza a escolha das diferentes versões dos textos infantis que circulam no ambiente da escola; verificando o tipo de entonação utilizada no momento da leitura em todas as outras atividades propostas que fazem parte do conjunto de problematizações a serem desenvolvidas no decorrer do estudo.

Entre os objetivos específicos desta pesquisa podemos destacar a análise a respeito de como os educandos interagem com os textos escolhidos e sobre suas habilidades de interpretação, reflexão e expressão oral, a partir das experiências de leitura mediadas pelos docentes.

Sendo o que se apresenta para o momento e esperando contar com a sua colaboração, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,
Elisângela Lima
Pesquisador (a) Responsável

De acordo em: __/__/2021
(nome, cargo / carimbo)

ANEXO 4**PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Pesquisador: Elisângela Lima.

Orientadora: Rosemary Passos. CAAE: 40970620.0.0000.8142.

Eu **Elisângela Lima**, venho por meio deste, **solicitar autorização para a realização da pesquisa:** *“Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”*, desenvolvida sob minha responsabilidade no Mestrado Profissional em Educação Escolar da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Faculdade de Educação, conforme folha de rosto para apresentação ao Comitê de Ética em Pesquisa, **na escola EMEB FREDERICO PAGOTTO**.

Pretende-se com essa pesquisa participar das práticas de leituras desenvolvidas em uma sala de aula do 3º ano do ensino fundamental I, mediando situações de diálogos sobre as histórias lidas e/ou contadas, permitindo que as crianças interpretem essas histórias e reflitam sobre os valores sociais presentes nas mesmas.

O objetivo principal é investigar a leitura e contação de histórias, evidenciando o papel das orientações didáticas, no contexto de práticas efetivas de multiletramento e formação de valores; bem como verificar como se realiza a escolha das diferentes versões dos textos infantis que circulam no ambiente da escola; verificando o tipo de entonação utilizada no momento da leitura em todas as outras atividades propostas que fazem parte do conjunto de problematizações a serem desenvolvidas no decorrer do estudo.

Entre os objetivos específicos desta pesquisa podemos destacar a análise a respeito de como os educandos interagem com os textos escolhidos e sobre suas habilidades de interpretação, reflexão e expressão oral, a partir das experiências de leitura mediadas pelos docentes.

Sendo o que se apresenta para o momento e esperando contar com a sua colaboração, agradeço antecipadamente.

Atenciosamente,

De acordo em: __/__/2021
(nome, cargo / carimbo)

ANEXO 5**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Título da pesquisa: “Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”.

Pesquisadora responsável: Elisângela Lima.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemary Passos.

Número do CAAE: 40970620.0.0000.8142.

Você está sendo convidado a autorizar a participação voluntária da criança pela qual é responsável em uma pesquisa de mestrado em educação escolar. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos e os direitos da criança como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

Pretende-se com essa pesquisa observar e participar das práticas de leitura e contação de histórias desenvolvidas em sala de aula, mediando junto com o professor (a) situações de diálogos sobre as histórias lidas e/ou contadas, permitindo que as crianças interpretem essas histórias e reflitam sobre os valores sociais presentes nas mesmas.

O objetivo principal é observar como os educadores leem e/ou contam as histórias, evidenciando o papel das orientações didáticas, no contexto de práticas efetivas de multiletramentos e formação de valores. Faz-se essencial verificar também, como se realiza a escolha entre as diversas versões dos textos infantis que circulam, observando a entonação utilizada e as atividades propostas, as quais fazem parte do conjunto de problematizações a serem desenvolvidas. Entre os objetivos específicos podemos destacar a análise a respeito de como os alunos interagem com os textos escolhidos e sobre suas habilidades de interpretação, reflexão e expressão oral, a partir das experiências de leitura mediada pelos docentes.

Procedimentos:

Para o desenvolvimento desta pesquisa é necessário sua autorização para participação da criança pela qual é responsável nas rodas de conversas sobre histórias infantis, refletindo sobre os valores sociais presentes nessas histórias.

Rubrica Responsável_____

Rubrica Pesquisador_____

Além disso pretende-se observar e participar das aulas de leitura e contação de histórias ministradas em duas salas das séries iniciais do Ensino Fundamental I de uma escola da rede municipal de ensino, localizada na cidade de Louveira /SP, criando dessa forma um ambiente propício para realizar a pesquisa com características de uma observação participante. Nesta etapa de observação, pretende-se dialogar com as crianças de cada turma, mediante as devidas autorizações (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos responsáveis).

Desconfortos e riscos:

Não há riscos previsíveis. A não participação ou interrupção da participação na pesquisa não implicará em nenhum tipo de prejuízo.

Você **não** deve autorizar a participação da criança neste estudo se não estiver dentro dos critérios estabelecidos para esta pesquisa, ou seja, se não for responsável por um(a) ou mais estudantes matriculados(as) no ensino fundamental I na rede municipal de ensino de Louveira/SP e se não estiver ciente das condições de realização dos procedimentos da pesquisa.

Certifique-se de que qualquer informação ou registro oferecidos durante a fase de observação não implicarão em ônus ou prejuízo de ordem psicológica ou institucional. Caso desista de autorizar a participação da criança pela qual é responsável, entre em contato com a pesquisadora para que não haja entendimento errado ou contradições nas interpretações das informações.

Diante do contexto pandêmico atual, provocado pela COVID 19, seguiremos todos os protocolos de segurança adotados pela escola.

Benefícios:

Esta pesquisa não prevê benefícios diretos aos participantes.

Ao autorizar a participação voluntária da criança pela qual é responsável nesta pesquisa vocês darão uma contribuição indireta e coletiva, mas importante para o desenvolvimento de um trabalho científico acerca das práticas docentes de leitura e contação de histórias infantis, com ênfase na reflexão sobre a formação de valores sociais voltada para estudantes do ensino fundamental I.

Acompanhamento e assistência:

A qualquer momento, antes, durante ou até o término da pesquisa, os participantes e seus responsáveis poderão entrar em contato com os pesquisadores para esclarecimentos e assistência sobre qualquer aspecto da pesquisa.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade e a de seu filho será mantida em sigilo e nenhuma informação identificadora será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Rubrica Responsável _____

Rubrica Pesquisador _____

Deste acervo, a identidade dos alunos **não** será divulgada, caso seja necessário, as fotos serão editadas preservando as identidades e o anonimato.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa serão esclarecidas pelo(a) pesquisador(a), em qualquer etapa da pesquisa. Os dados desta pesquisa serão armazenados no repositório da Universidade Estadual de Campinas pelo período de pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, de acordo com a Res. CNS 510/16.

Caso você se sinta constrangido, ofendido ou incomodado, ou desrespeitado pelo uso das imagens e/ou textos e discordem de sua publicação, ou mesmo queira desistir de sua participação na pesquisa, informe imediatamente a pesquisadora pelo e-mail: pretinha.elis2@gmail.com. A notificação por e-mail servirá como registro oficial de sua vontade, sendo esta imediatamente acatada.

Ressarcimento e Indenização:

Não há previsão de ônus aos participantes pelo fato de que a pesquisa envolve práticas cotidianas comuns aos participantes e por sua realização presencial ocorrer na unidade de trabalho ou estudo, e durante o período em que os mesmos já se encontram no próprio local.

Você terá garantia ao direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente. É assegurado aos participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o direito à indenização por parte do pesquisador e das instituições envolvidas, conforme Resolução 466/12, bem como o Código Civil, nos termos da Lei. Portanto, em casos de danos decorrentes da pesquisa, os participantes têm direito à indenização.

Contato:

Em caso de dúvida você poderá entrar em contato com a pesquisadora Elisângela Lima – Rua Leone Bertoline, nº 397, Parque Brasil. Louveira, SP. CEP: 13290-000. Celular (19) 993385724. E-mail: pretinha.elis2@gmail.com. Orientadora : Rosemary Passos – Rua Paulo Viana de Souza, nº 700, Bloco G Apto. 33, Vila União. Campinas, SP. CEP: 13060-726. Celular (19) 991449063. E-mail: bibrose@unicamp.br

Para denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a Secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas, SP. Telefone (19) 3521-6836. E-mail: cepchs@unicamp.br

Rubrica Responsável_____

Rubrica Pesquisador_____

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP):

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos, potenciais riscos e o incômodo que esta possa acarretar, autorizo a participação de:

Nome do participante:_____

Data: __/__/____

(Assinatura do participante ou nome e assinatura do seu RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade do Pesquisador:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Data: __/__/____

(Assinatura do pesquisador)

Rubrica Responsável_____

Rubrica Pesquisador_____

ANEXO 6

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: “Leitura e contação de histórias infantis e formação de valores: influências em crianças dos anos iniciais”.

Pesquisadora: Elisângela Lima.

Orientadora: Rosemary Passos.

Número do CAAE: 40970620.0.0000.8142.

NOME:

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - CRIANÇAS	
VOCÊ CONCORDA EM PARTICIPAR DAS RODAS DE CONVERSAS REALIZADAS PELA PROFESSORA ?  SIM ☐ NÃO ☐	A PROFESSORA PODE FILMAR E GRAVAR AS ATIVIDADES AQUI NA ESCOLA?  SIM ☐ NÃO ☐
A PROFESSORA PODE FOTOGRAFAR AS ATIVIDADES AQUI NA ESCOLA?  SIM ☐ NÃO ☐	VOCÊ PODE SAIR DA PESQUISA A HORA QUE QUISER, NÃO SE PREOCUPE!  Nós vamos fazer um lindo trabalho e você vai conhecer várias histórias encantadoras. Obrigada!

Nome: _____

Data: __/__/2021

Rubrica Responsável _____

Rubrica Pesquisador _____

ANEXO 7**AVÓ VIRGOLINA**

ANEXO 8**CASA DA ROÇA****ESCOLA DA ROÇA**